

HISTÓRIAS DO CASARÃO ROSA DA PRAIA VERMELHA

EX-ALUNOS DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT



HISTÓRIAS DO CASARÃO ROSA DA PRAIA VERMELHA

Ex-alunos do Instituto Benjamin Constant

Contos e Crônicas

Revisão de textos: Paulo Felicíssimo Ferreira

Editoração eletrônica: Hugo Semitela de Alvarenga

Patrocínio: Associação dos Ex-alunos do Instituto Benjamin Constant

Setembro de 2014

CONTRACAPA

"o Instituto Benjamin Constant daquele tempo era um lugar tão fantástico, que poder-se-ia compará-lo à "PASSÁRGADA" de Bandeira.

Suas fronteiras variavam ao sabor dos sonhos, dos desvarios e das ilusões. Hoje em dia, ao nos lembrarmos daquele tempo, agora tão remoto, vem à nossa lembrança algum lugar natural do "realismo fantástico" de Garcia Marques.

Nestas histórias, algumas com o "olhar ágil do conto", outras com a análise serena e contemplativo da crônica", temos uma incursão corajosa e desconcertante no universo do " CASARÃO ROSA DA PRAIA VERMELHA", um internato para deficientes visuais.

São testemunhos estranhos, bizarros, hilários, sensuais, emocionantes, dramáticos - fotografia de uma época sem, no entanto perder o viés familiar.

Os autores, alguns simples personagens, outros, protagonistas dos textos, constroem, através da prosa, o "inventário sentimental" de um tempo onde labirintos, silêncios, mistérios, se articulam, se movem, se harmonizam e convivem.

Na elaboração do presente trabalho ecoa, de maneira intensa, a palavra do poeta: "canta a tua aldeia, assim serás universal".

ORELHAS

Reflexos e reflexões, encantamentos de um espaço que fascina e inspira nostalgia, sorrisos, arrebatamentos.

Dom Juans, boêmios, musas, vilões, saltimbancos, místicos, malandros, quixotes e poetas...

O Instituto Benjamin Constant visto e cantado por dentro por seus "filhos", testemunhas oculares e auditivas de sua gloriosa história...

Fundado em 1854, o então Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant (primeiro educandário para deficientes visuais da América Latina), para alguns simplesmente o "CASARÃO ROSA DA PRAIA VERMELHA" tem, nesta obra, suas "entranhas" revisitadas e reveladas, a partir da prosa de seus "filhos" (ex-alunos de várias gerações).

Quem melhor para nos apresentar seus labirintos e escaninhos, que estes autores, que conheceram a fundo seu DNA?

Um grupo de ex-alunos do mítico educandário aciona suas memórias afetivas, recuperam "Olhares" especiais que desvendam a geografia da alma de Personagens - reais ou imaginários -, bem como o sabor das lembranças de ambientes e paisagens indelévels.

As reminiscências aqui registradas (um painel), espécie de "inventário sentimental" de um colégio que, mais que um espaço físico, se manifesta como um estado de espírito.

O renomado educandário, referência nacional na educação de deficientes visuais, com sua imponente entrada (belo exemplar da arquitetura neoclássica), no número 350 da Avenida Pasteur na URCA, simboliza outro tempo: teve seu apogeu e agora procura se reinventar para encarar os novos desafios.

As "HISTÓRIAS DO CASARÃO ROSA DA PRAIA VERMELHA", série que certamente terá outros volumes, se apresenta como um compêndio onde O Instituto Benjamin Constant, através de suas gerações, fala de si mesmo, do que foi, do que não deveria ter sido e do que será.

AGRADECIMENTOS

Nossa gratidão a Deus pela oportunidade de prestarmos singela homenagem à Instituição Educacional que tanto colaborou para a nossa inclusão social e profissional: o Instituto Benjamin Constant (IBC).

Externamos, também, nossos agradecimentos ao Prof. Paulo Felicíssimo que, com tanta dedicação, revisou os textos aqui apresentados.

Os Autores

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
1. A CARTA	9
2. A COISA.....	13
3. A CRÔNICA DOS SENTIMENTOS.....	18
4. A FORMATURA INESQUECÍVEL	20
5. A HISTÓRIA DE UM BEIJO	21
6. A HISTÓRIA DOS 30 CENTAVOS	26
7. A INSUSPENSÃO NEGOCIADA.....	30
8. AMOR É SEMPRE AMOR.....	31
9. AS MARCAS DE UM LEÃO.....	34
10. AS PAREDES TÊM OUVIDOS	37
11. BOLA DE MEIA	41
12. COMEÇOU ERRADO... DEU PAU.....	43
13. CONTO SEM DESCONTO.....	47
14. DELÍRIOS DE INFÂNCIA, REFLEXÕES DE ADULTO	50
15. ENTRE TUDO E NADA	56
16. HISTÓRIAS DO CASARÃO ROSA DA PRAIA VERMELHA.....	60
17. "I DON'T GO SING!"	66
18. O ANIVERSÁRIO DO GENERAL.....	70
19. O BANQUETE DOS RATOS.....	72
20. O CASARÃO ROSA DA PRAIA VERMELHA E OS ANOS DE CHUMBO.....	75
21. O CEGO HIPNOTIZADOR.....	79
22. O MEU DIVÃ.....	84
23. O POETA QUE NÃO FOI.....	88
24. O RESFÔLEGO.....	92
25. O TLINTA E TLÊS.....	96
26. PEDRINHAS INVISÍVEIS.....	99
27. PIANO NOTURNO	102
28. PONTOS DE VISTA	104
29. UM DOMINGO MARCANTE	108
30. UM PRESIDENTE QUE SAIU PELA JANELA.....	115
31. UM REINADO ANIMAL.....	117

32.	UM SÁBADO TRAGICÔMICO	121
-----	-----------------------------	-----

PREFÁCIO

SURPRESAS...

Surpresas aguardam - imagino eu! - quem ler estas “Histórias...”.

Partindo da sua perspectiva do mundo, em que a deficiência visual é um componente de princípio, não são, no entanto, relatos sobre a cegueira.

Articulando-se muito bem com a citação da contracapa, o que estas peças conseguem é, sobressaindo-se de uma condição tão forte que poderia até mesmo dominá-las, alcançar um caráter universal. Um caráter humano - destacar os personagens, os indivíduos e seus conflitos íntimos.

Tive certa vez um aluno, numa oficina de leitura e criação literária, que era um deficiente visual. Ou, em português explícito, que não deixa de ser mais respeitoso, um cego. Ao perceber que ele não enxergava, fiquei desconsertado, me perguntando como poderia dar a ele uma aula que exigia, em classe, o exercício da leitura e da escrita. O que eu deveria fazer? O que eu poderia fazer?

Meu espanto foi constatar, rapidamente, que eu não tinha de fazer nada. Que ele tinha autonomia suficiente para se virar num mundo que obviamente não foi feito para atender suas necessidades. Que ele inventava e reunia meios para, com sua garra, tocar o barco. Foi uma lição, assim como nesses contos se observa a importância de não subestimarmos as dificuldades dos cegos e portadores de outras deficiências no mundo. Não nos é permitido esconder o sol com a peneira, por conta do espanto ou do desconhecimento de uma realidade que é também nossa, que pertence ao mesmo plano em que estamos, nós que enxergamos.

Aqui também, abrimos um livro feito por cegos, e encontramos Literatura, que é por excelência ao mesmo tempo enraizada na sua especificidade e é transcendente.

Porque aqui estava falando sobre cegueira, diante desses contos que deviam ser comentados não por essa particularidade, mas por seu viés literário. Ou seja, pela segunda surpresa que guardam, a intensidade da sugestão sensorial, até mesmo a visão (pois estamos falando de histórias de um “Casarão Rosa”). A imaginação, a sugestão, o envolvimento – tudo isso surge também nessas narrativas cujo maior poder está na economia e na simplicidade de recursos. Mesmo com essa parcimônia deliberada, mesmo artesanal, os contos e crônicas destas “Histórias nos transportam e nos proporcionam vivenciar outra realidade”. E isso é um requinte literário.

Que venham outras Histórias...

Luiz Antônio Aguiar - escritor

1. A CARTA

LENIRO ALVES

Não sei se sou tão ético quanto me imagino; aliás, pra falar a verdade, desconfio que sou bem menos. Como, porém, não quero abrir mão do direito de supor, mesmo fazendo, a seguir, o que meus leitores poderão avaliar como prova incontestável de falta de ética, vou continuar supondo-me ético.

Para tal, já estou aqui fazendo o que sempre fiz e, lamentavelmente, tendo a acreditar que não sou só eu quem sempre o fez. Como, porém, o assunto em pauta por enquanto sou eu, que, frise-se, não sou nem um pouquinho ególatra, e o que sempre fiz foi engendrar desculpas, as quais, muito bem maquiadas, sempre tiveram a pretensão de justificar minhas escorregadelas no terreno cada vez mais minado do proceder corretamente, ou mesmo a intenção de empurrá-las para debaixo do tapete, temo que este acabe por encostar no teto minhas mazelas.

Sou, como se pode ver, um produto bem nacional, quem sabe até um político que não deu certo!

A história que vai rolar aqui, no entanto, é de um tempo em que me considerava muito ético, pois me comportava bem mais de acordo com os valores a mim passados por meus professores de então, tempo no qual acreditávamos que os suficientemente corajosos para encarar um regime autoritário, dispendo-se, inclusive, a morrer pela pátria, teriam algum dia esta coragem recompensada.

Pois é, mas as coisas mudaram e, como me ensinava o mestre Edison Lemos nas suas aulas de Educação Moral e Cívica, "o homem é um produto do meio", e cá estou eu num que me permite publicar a carta de uma amiga, tomado pelo espírito competitivo tão natural dos dias de hoje e consciente da fraude que sou, mesmo que esteja apenas brincando de escritor.

Não nos esqueçamos de que é nas brincadeiras que a criança começa a demonstrar onde deve ser educada. No meu caso, é claro, não há mais jeito, e meu disfarce para fazer o que em seguida farei é: Uma homenagem à amiga que não se encontra mais entre nós.

-- Que calhorda! O que você quer é ficar com os louros dos que criam uma boa história, quando esta não foi você quem criou!

Pronto! Já dei um "cala-boca" à consciência e disse, para tranquilidade dela, que ao menos o nome do citado na _missiva_, como se diria outrora, terei o cuidado de substituir por um fictício, para que nenhum dos antigos colegas, eventuais leitores destas páginas, as quais, pelo menos num resto de decência, confesso não serem minhas,

descubra este segredo, cuja revelação, tardia embora, poderia macular a imagem da velha amiga.

Lembro-me, ainda, de que isso se deu numa tardinha, quando normalmente os alunos estavam nos cursos então chamados profissionalizantes, os quais compreendiam aulas de música, afinação de piano, arte culinária, estofaria, etc., coisas de escola especializada, havendo os que, como eu, sempre davam um jeito de escapar daquilo, que hoje entendo como uma etapa importante na educação, mas na adolescência me faltou maturidade para compreender.

E (dizia eu) estava num dia à tarde curtindo meu nada a fazer, num espaço onde, eventualmente, poderia encontrar alguma menina, pois era o que de fato queria. Aquela era uma das salas em que tínhamos aulas pela manhã, não sendo ali permitida presença masculina na parte da tarde, circunstância que a tornava mais atraente.

Eis que me sentei numa carteira e, ao passar a mão no local apropriado para que se deixasse o que não precisasse estar em cima dela, encontrei umas folhas em braille e, inadvertidamente, comecei a lê-las. A leitura, a princípio desinteressante, aos poucos ia-me surpreendendo e, ao mesmo tempo, gerando uma tensão tão grande que (eu diria) a certa altura quase dava para ouvir meus batimentos cardíacos, tal o estado em que fiquei.

Aconteceu que, ao acabar a leitura, eu estava absolutamente perplexo e sem a menor ideia do que fazer com a carta. Sequer sabia se devia deixá-la ali mesmo ou levá-la comigo, quem sabe para devolvê-la à dona. Mas, quando pensava nesta possibilidade, ocorria-me também que indicaria a ela ter sido indiscreto e agora sabia de algo que não deveria saber.

Peguei a carta e, na falta de melhor decisão, levei-a comigo, porque, se a deixasse ali, outro poderia fazer o que fiz e, mais ainda, o que não fizera, ao menos até ali. Cheguei a tocar naquele assunto com um amigo que, mais experiente e mais discreto do que eu, aconselhou-me a rasgar a carta e a não falar dele com ninguém.

Segui o conselho quase completamente, pois não rasguei a carta.

Naturalmente que o tempo passou, e o assunto abordado nela, de um jeito ou de outro, se resolveu, o que me fez esquecê-la por completo, até um dia destes, quando, revirando meus guardados, deparei-me com ela e nem sei como posso ter passado tanto tempo sem que a houvesse encontrado! O engraçado é que revivi aquela emoção de modo tal que quase acreditei ter 40 anos menos.

O que me fez voltar ao presente foi uma convocação para ir ao mercado comprar umas coisinhas, algo impensável naqueles tempos, quando uma Cirene resolvia, mesmo que não de todo, nossos problemas de alimentação.

Bom, mas vamos à carta:

12 de Agosto de 1971

Não sei como começar, nem sei mesmo se vou ter coragem de lhe entregar esta carta. Só sei que estou completamente perdida, e alguém precisa me ajudar!

Mesmo estando hoje nesta situação, não posso me esquecer, sequer me arrepende, do que fiz, do que fizemos. Tudo ainda me parece um sonho! Continuo apaixonada por você como acho que era, ainda antes de conhecê-lo. você foi o amor que, personificado, apareceu no meu caminho.

Não posso me esquecer de que senti o amor não só com o coração, mas com todo o meu corpo e, desde aquele dia, ou daquela noite, sinto-me outra. A verdade é que ter estado com você foi como que um sonho.

E por que, Roberto, por que seus ciúmes nos levaram a esta situação? Preciso dizer isso a alguém, preciso falar, senão vou estourar!: A verdade é que minha menstruação está muito atrasada!

Tive que interromper a escrita porque as lágrimas me impediam de escrever. Porém, só o fato de ter escrito isto, que não sei se vou ter coragem de lhe entregar, já me aliviou, embora muito pouco e ainda que não me tenha feito atinar com uma solução para o problema.

Pensei em falar com minha mãe e, naquele dia em que você me viu falando com o professor e achou que estávamos num papo muito íntimo... sim, estava pensando em falar com ele, pois sei que é meu amigo e por ser experiente, com certeza me ajudaria de alguma forma.

E, além deste problema, tenho de conviver com sua falta de confiança em mim! Cara, você é e será pra sempre o único amor da minha vida! será que não entende? Roberto, me ajude! não sei o que fazer!

Pode ser que esteja carregando em meu ventre o fruto de um amor tão lindo como o nosso e, não sei, mas acho que toda essa carga emocional pode estar sendo ruim inclusive para ele. Sei que não vou poder ter esse filho, apesar de amar como jamais um adulto terá amado. Reconheço que sou ainda muito criança para poder assumir um filho. Contudo, ao seu lado, meu amor, juro que encararia essa barra.

Desculpe, amor, se trago a você um problema como este, mas... com quem mais poderia falar? com quem mais poderia abrir meu coração? Quando tentei buscar no meu amigo a solução ou ao menos a indicação de um caminho a seguir, criei um problema maior ainda, que foi o de você terminar tudo comigo e ainda sem saber de nada. Me ajude, Roberto, me ajude!

Da sempre sua: ...

Sinceramente, não sei como aqueles dois adolescentes resolveram o problema, atualmente tão comum, tão corriqueiro, mas que, na época, era quase o fim do mundo, pelo menos o mundo dos que vivenciavam uma situação desta. Algo que me ocorre é que ela, por aquela ocasião, levou um tombo nas escadas e ficou, por muito tempo, na enfermaria.

2. A COISA

CRISTINA DE FREITAS

O mundo das crianças é naturalmente alimentado pelas histórias que lhes contam e por suas imaginações ricas e despidas do formato e das amarras que a educação a elas impõe.

O meu não foi diferente e, mesmo entre os meus irmãos, quando chegava o período de estar em casa (ele se alternava com o do Benjamin Constant, onde ingressei aos 4 anos no jardim que, se não foi apenas de flores, delas deixou em mim, até hoje, o perfume das boas lembranças), tínhamos nossas "sessões-fantasma", nas quais as histórias de assombrações regiam nossas fantasias, e havia até um dos meus tios que era um mestre nelas. Lembro-me, inclusive, de minha mãe brigando com ele:

-- Para com isso, Haroldo! você fica assustando as crianças com essas histórias e, depois, a gente é que não pode dormir direito!

Ele não fazia caso daquilo e continuava a nos impregnar delas, que, se nos atemorizavam, também não deixavam de nos atrair.

Tio Haroldo, aquele que hoje vejo como um escritor de filmes de terror que não encontrou o seu caminho, não morava em nossa casa, mas éramos vizinhos de quintais sem muro, e isso facilitava que pudesse estar conosco até mais tarde, naquelas noites de verão, quando eu e meus três irmãos, cujas idades são próximas à minha (somos seis ao todo), ficávamos ouvindo o tio Haroldo sob uma daquelas árvores, sentados numa pedra qualquer e, ao mesmo tempo, sob a tensão dos que mergulham de cabeça nos casos de assombração, curtindo a brisa tão maravilhosa, através da qual Deus parecia querer dizer-nos:

-- Não se assustem! Tio Haroldo está apenas brincando!

Assim também era nas noites de inverno, quando ficávamos na cozinha de nossa casa beliscando qualquer coisa que minha mãe tivesse feito pra nós, como uns bolinhos de banana, que não como faz tempo, e tomando café... Nisto -- ainda me lembro -- tio Haroldo também era um craque.

No outro lado da minha vida, lá no Benjamin Constant, tio Haroldo parecia ter mandado uma representante sua, que "pegava mais leve", pois havia os casos algo tenebrosos contados por tia Célia, porém ela era mais dada aos príncipes e às princesas, dos quais eu tanto gostava.

Uma das histórias contadas por ela, que me surge agorinha mesmo, é a de uma rainha que precisava atravessar uma floresta muito perigosa, pelos bichos sempre

famintos que queriam porque queriam achar alguém pra devorar, e o meio de transporte que encontrou foi uma cabacinha.

Não sei se tia Célia chegou a explicar direitinho o que seria uma cabacinha; mas, se não o fez, minha imaginação o fez por ela, e a entendi como uma abóbora imensa, na qual coubesse alguém. Como fechariam a abóbora com a rainha lá dentro foi coisa que não me ocorreu, porque gente grande resolve tais problemas com facilidade sempre.

Assim, a rainha entrou na cabacinha e foi rolando floresta afora, e cada bicho que a encontrava a interrompia, perguntando:

-- Cabaça, Cabacinha, por acaso encontraste por aí uma rainha?

E ela respondia:

-- Dona Onça, não Senhora; tenho pressa, vou-me embora.

E a onça, meio desconfiada, que mesmo os animais daquelas histórias já o eram, punha a rolar a cabacinha, que lá ia até encontrar outro bicho. Ia rolando, passando um por um, e sempre lhe faziam a mesma pergunta:

-- Cabaça, Cabacinha, por acaso encontraste por aí uma rainha?

E ela:

-- Ah, Seu Urso, não Senhor! Tenho pressa, vou-me embora, por favor!

E o urso, também desconfiado, a punha a rolar.

E assim foi ela, até que chegou o último bicho, o rei leão. A mesma pergunta foi feita, a mesma resposta foi dada, e o leão, com a mesma desconfiança, a pôs para rolar. mas a cabacinha bateu numa pedra, porque (já dizia Drummond) "no meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho". No entanto, se a rainha lera Drummond, tia Célia não nos contou e... pronto! O leão devorou a rainha.

Mas não devorou em mim os príncipes e princesas, os reis e rainhas dos meus sonhos, que hoje se modificaram um pouco, é verdade, mas não perderam o encanto de sonhar um mundo rico de justiça, onde a moeda do amor seria adotada por todos os países, e suas fronteiras teriam o limite no respeito às diferenças.

Bom, mas esta é outra história, e preciso voltar à minha, a qual, vencida a etapa do jardim, passou àquela que me trouxe um mundo de novidades, a começar pela doce tia Lúcia que, com sua voz mansa, guiava meus dedos por linhas pontilhadas e, através deles, iluminava meu espírito, levando-o a enxergar um novo mundo, onde "Vivi via a uva" ou "Eva vivia Voando", mas quem "voava" mesmo era eu, embriagada com o cheiro da cartilha, que era enfim o cheiro de um mundo novo, como novo era também o cheiro de manteiga, comum naquelas crianças malcuidadas, ao contrário do jardim de onde eu recém-chegara.

E, se os caminhos estavam por ser descobertos, tanto o das novas dependências do Instituto, onde ora passava a estar (salas de aula, corredores, um pátio no qual brincávamos ao ar livre), quanto um novo modo de me relacionar com os novos colegas, o que ocorreria sob o olhar bem menos atento das novas inspetoras, restava-me a ele me adaptar e aprender a lidar com tudo aquilo, desenvolvendo em mim novos mecanismos, neles incluindo a autodefesa, para que pudesse, de algum modo, livrar-me, por exemplo, da ruindade e da tentativa de intimidação das crianças maiores, no tamanho assim como na maldade. Tudo um grande desafio, mas viver é desafiador, e eu queria viver.

Meus dias eram iluminados, aquecidos do sol de todas aquelas coisas por conhecer. meu problema eram as noites: a insônia sempre foi companheira, embora nem sempre amiga. Por vezes ela me trazia as realzas dos meus sonhos, mas vezes havia em que, talvez por um temperamento inconstante dela, me contemplava com as bruxas dos meus pesadelos, de quem uma das inspetoras incumbidas de cuidar do bom sono daquelas crianças parecia ter pedido a voz emprestada e ter-se esquecido de devolver.

Sua conduta e aquela voz eram como a mão e a luva. Ela era de uma despreocupação conosco e de um egoísmo tal, que só queria nos ver, logo e de qualquer maneira, em nossas camas, para que pudesse ela estar na sua, enchendo, com seu roncar descomunal, aquelas noites, muitas delas tenebrosas para mim.

Aquele teatro de terror me encontrou, vezes sem conta, nas madrugadas em que a insônia parecia só encontrar a mim.

Nossas camas eram dispostas de modo a formar duas fileiras, com os pés de umas voltados para os das outras, deixando um espaço por onde "A Coisa" parecia gostar de passear com seus chinelos de um barulho oco, estranho mesmo. E ia e vinha, levantava uma cama aqui, outra ali, e dias houve nos quais inclusive a minha chegou a levantar. Aquilo me enregelava até à medula, encharcando-me de um medo que maior não conhecera até então.

Mas, como eu iria me livrar daquilo? Com quem poderia falar, se as pessoas grandes tinham aquela mania de não acreditar em nós, crianças que não sabiam o que diziam?

Comecei por tentar averiguar se alguma de minhas colegas percebia "A Coisa". Vendo que nenhuma ainda havia-se deparado com ela, contei como tudo se passava, e se aterrorizavam um pouco a princípio, mas logo me chamavam de mentirosa, diziam que estava inventando e, na verdade, eu não estava. durante os dias chegava a me esquecer dela por completo; bastava, porém, que a noite chegasse, notadamente aquelas em que a bruxa nos trouxesse seu ronco como um fundo musical sinistro, e a insônia vinha acordar-me pela madrugada, só para me ver quase morrendo de medo quando "A Coisa" passeava por entre nossas camas.

Segurando o choro, eu chamava a inspetora:-

-- Tia, tem um bicho andando...

E ela, irritada por ter sido acordada do seu sono de bruxa:

-- Que é, garota?! Que bicho que nada! Cala esse bico e dorme, senão vai ficar de castigo de cara virada pra parede!

Eu sabia que não era bicho; só tentava dar um pouco de realidade a "A Coisa", na esperança de que ela ficasse um pouco acordada comigo. Mas, em vão. Eu estava só e, mesmo tendo menos de oito anos, tentei racionalizar dizendo-me que talvez fosse um rato correndo pelos tacos, o que logo descartei, pois era um andar ritmado, provavelmente de pés muito maiores que as patinhas de um animal pequeno. Poderia alguma das meninas ser sonâmbula; mas, embora a bruxa não fosse boazinha, nunca seria irresponsável a ponto de deixar uma criança com um problema deste perambulando pela noite.

Eu estava só com o meu fantasma e aquele medo terrível. Sabia que ele era um ser que desejava algo de mim. Eu o imaginava um grande esqueleto alemão, de ossos amarrados, como aquele do museu do Instituto, a que chamávamos, carinhosamente, "museu do seu Costa", Sobrenome do funcionário por ele responsável e que dele cuidava com todo o amor, como de sua própria casa. (O querido seu Costa, apesar de muito ranzinza, estava sempre pronto a quebrar nossos galhos, fosse confeccionando um punção mais confortável, fosse desempenando uma reglete ou, até mesmo, indo ao nosso dormitório arrombar um cadeado, cuja chave ficara trancada no armário.) -- E Lá vou eu mergulhando nas doces águas das minhas saudades!...

Não tenho intenção de contar uma terrível história de assombração como as de tio Haroldo, tampouco me mostrar como heroína de um conto da carochinha. Os fatos que agora vêm à tona, do mais fundo de minhas recordações, foram vividos e experimentados por todos os meus sentidos, especialmente pela minha intuição. (E por falar em sentidos e doces lembranças, agora mesmo o passado me volta em forma de som: o som de todos os rádios no dormitório das meninas médias) que, aos sábados, sintonizavam o mesmo programa -- o imperdível "INCRÍVEL, FANTÁSTICO, EXTRAORDINÁRIO!". Eram histórias do sobrenatural, as quais, juntamente com o "Teatro Orniex", quebravam o tédio dos fins de semana. E, nesse ambiente, eu florescia para a vida.)

Mas, retomando o que motivou esta narrativa: diante daquele drama infantil, desenhavam-se certos traços da minha personalidade.

Lembro-me aqui de que, vivenciando aquelas noites de horror, lá na minha inocência quanto aos desígnios de Deus, eu questionava minha fé, pois tentava rezar, as frases da prece não vinham... E, assim, estaria sendo castigada.

Voltando ao fantasma, como já disse, eu o imaginava um grande esqueleto alemão e, com certeza, embora eu não conhecesse as cores, era roxo. Por que roxo? Bem, sempre ouvira dizer que os caixões eram roxos e, para mim, essa era a cor do feio,

do triste e do estranho, que era como eu entendia a morte. Portanto, aquela coisa só poderia ser roxa. Inclusive nos meus pesadelos, que sempre vinham quando o sono vencia o medo, era como eu a via, sentada ao pé de minha cama.

Numa dessas madrugadas, minha vontade de fazer xixi superou o medo; não tanto, porém, que me impedisse de tentar acordar dona Jurema para ir comigo ao banheiro e, no desespero de quem estava apertada, chamei por ela.

-- Que é, garota?!

Disse o que queria, e ela:

-- Então vamos logo!

Isso me deu a tranquilidade de que teria uma companhia para ir ao banheiro e, apertada como estava, fui abrindo a porta do dormitório; mas, quando a fechei, percebi que Dona Jurema não tinha vindo. Não tive tempo para mais nada, a não ser correr para o banheiro antes que fosse tarde demais. Depois... Bem, não havia outro jeito: tinha de voltar ao dormitório. E lá fui eu. Ainda relutei um pouco, mas meti a mão na maçaneta, abri a porta e, tão logo a fechei... "A Coisa" veio em minha direção.

Pensei que ia morrer e tentei gritar, porém a voz saiu muito fraca. Mesmo assim, acho que perguntei em prantos:

-- Ai, meu Deus! Quem é você? O que você quer?

Comecei a sentir um calor estranho, uma espécie de sol a me envolver e perdi o chão.

Bem, sabe-se que o instinto de preservação nos provê, no momento certo e por mecanismos nem sempre tão claramente a nós compreensíveis, de meios de autodefesa,

E foi assim que levitei (ou fui erguida), sei lá, tendo em torno do meu corpo o conforto de um calor, como se fosse o aconchego de braços protetores. Só retomei a consciência pela manhã, já na minha cama.

Sentia-me, de algum modo, transformada. Não que o soubesse com estas palavras, mas se não sucumbira àquela _coisa_, o que mais poderia me atemorizar? Que medo poderia sentir que fosse maior do que aquele?

O tempo passou, e "A Coisa" se foi com ele. E agora, que encontrei o modo de contar tudo, mesmo para gente grande e até com a esperança de que acreditem em mim, quem sabe ela tenha ido de uma vez por todas, tenha-se perdido pelo universo, ou melhor, tenha encontrado seu caminho, para que nunca mais volte a perturbar a paz de crianças indefesas?

Que Deus as proteja! Amém!

3. A CRÔNICA DOS SENTIMENTOS

VALDENITO DE SOUZA

Quem diria que, anos depois (e quantos!), eu e ele iríamos nos cruzar numa rua do centro do Rio de Janeiro!

Foi algo absolutamente inesperado: eu caminhava ao longo da avenida, virei numa esquina, ele vinha em sentido oposto e, por muito pouco, não nos esbarramos. Mas, apesar do tempo decorrido, nem por um minuto duvidei de que fosse ele.

Quando nos conhecemos, ele deveria ter uns treze anos; eu, quinze; agora, passado tanto tempo, fazíamos parte da dita "idade do lobo".

A voz ligeiramente rouca, o falar meio gago continuavam inconfundíveis.

Ah, a história de cada um! Quem ou o que assina / determina o enredo?

Entramos no Benja (Instituto Benjamin Constant) no mesmo ano: eu, cego por acidente; ele, de nascença. Um do Nordeste, outro do Norte. Não chegamos a ser exatamente amigos, pois havia uma disparidade intelectual gritante entre nós, não por uma possível grande inteligência minha, e sim por uma quase ausência completa deste "dom divino" nele.

Impressionante como aprendeu logo a andar no colégio: em poucos dias, movia-se por seus inúmeros corredores e escadarias, com a desenvoltura dos alunos mais antigos; e, nisto, eu o admirava e até invejava.

-- Duro de entendimento, raciocínio sofrível, mas dotado de habilidade, principalmente manual, pouco vista aqui no Instituto -- comentavam professores e inspetores.

Nossos contatos foram proporcionais às nossas diferenças, restringindo-se a eventuais conversas de corredores, refeitório, pátio e dormitório.

Quis o destino (!?) que nossas vidas tomassem rumos diversos: dediquei-me aos estudos, pois tinha ideais bem definidos, enquanto ele estourou a cota de repetência estipulada pelo Educandário e perdeu a condição de aluno da primeira e mais tradicional escola de cegos da América do Sul.

A partir daí, passou a viver em instituições menores, voltadas para o segmento, porém sem infraestrutura, algumas delas fazendo papel meramente de asilos.

Veza por outra, ouvíamos falar dele, quase sempre sem novidade: expulso de... Afinal, tinha uma habilidade fora do comum para abrir cadeados, principalmente os dos colegas. Aliás, ainda no Instituto, já se comentava que, além da dificuldade cognitiva, trazia consigo o torpe hábito do furto.

A mais recente notícia dele era a de que certa entidade do gênero, mantida por uma igreja evangélica, resolvera dar-lhe uma chance. Parecia mesmo ter-se "convertido". algum tempo depois, porém, fora flagrado abrindo o armário de um colega.

Nunca mais nos víramos. Por quê?! Para quê?! E, transcorridos tantos anos, ali estava ele, apenas a uns poucos passos. Sentia vontade de me dirigir a ele, mas... E a coragem?!

Os muitos dias vividos nas dependências do Benja, agora tão remotos, vinham-me à mente como num videoteipe; ao mesmo tempo, o sentimentalismo, um velho conhecido com quem há anos mantenho relações instáveis, mancomunado com a insegurança, paralisava-me.

Enfim, decidi por ir atrás dele. Percebi quando virou noutra esquina, caminhou um pouco, em seguida sentou-se num ponto da calçada. Alguns minutos depois, batendo algo que me pareceu uma caneca de metal, soltou aquela sua voz inconfundível:

-- Uma ajudinha pro almoço!...

Meu coração bateu forte, enquanto procurava me refazer do choque, questionando-me:

-- Falo ou não? Lembrará de mim? E se ficar indiferente? Afinal, já se passaram tantos anos!

Agora, vários sentimentos, todos conflituosos, açoitavam-me como verdugos implacáveis, e, após alguns instantes, submisso aos "algozes", Afastei-me, retomando meu caminho...

4. A FORMATURA INESQUECÍVEL

MAURÍCIO ZENI

"Saudosa Maloca!" Bons tempos!

Maloca era o nosso dormitório, onde ficavam aqueles que, após terminado o ginásio, continuavam estudando fora do Instituto. Tínhamos direito de lá estar até o término da primeira faculdade e éramos os "bolsistas", embora sem bolsa, o que significa dizer sem dinheiro, mas com casa, comida e roupa lavada, a nossa roupa, pois não podíamos mais usar o uniforme da casa, éramos "ex-alunos", ainda que regularmente matriculados.

Apesar de estudarmos para além do que era oferecido no Instituto, ou por causa disso, éramos tachados de "os come-e-dorme", claro que por um corpo funcional composto em sua grande maioria de pessoas que não chegaram ao que hoje conhecemos como curso médio. Também nunca fomos muito respeitados pelas diferentes administrações que deambularam pela Casa. Cabe lembrar que muitos daqueles "come-e-dorme" hoje são professores do próprio Instituto.

O, digamos, Meireles fazia uma faculdade onde, embora faltasse um bocado, parecia estar frequentando regularmente. A partir do que seria seu terceiro ano (o curso tinha 4), correu um boato de que o nosso Meireles não estava matriculado. O que então fazia o Meireles? Entre dúvidas e incertezas, fomos assistindo-o por vezes contar casos de sua turma.

Uma justificativa para este comportamento seria o fato de, no primeiro ano, sua turma ter se cotizado para que ele fizesse uma operação para voltar a enxergar. O Meireles gastou tudo em comer doces e dar presentes a algumas amigas.

Enfim chegou o dia da formatura do Meireles. Achamos estranho ele não ter mostrado a beca (naquele tempo tinha disso sim, o Martinho que o diga) e não se mostrar radiante. Algumas pessoas, acho que duas, até foram ao local do evento, demonstrando grande dose de boa-fé, um deles não sabia de nada mesmo. Na volta disseram não terem conseguido entrar, pois era muita gente. O que não pareceu estranho foi não terem encontrado o Meireles por lá.

Outros 2 amigos, com muito menos dose de boa-fé, resolveram segui-lo, sendo um cego e outro amblíope. Estava eu na sala de espera, que hoje não sei mais o que é, quando eles me comunicaram seu intento, e eu fiquei aguardando.

Voltaram consternados. O Meireles saiu do Instituto com roupa comum e caminhou em direção contrária ao local do evento, ou seja, sua formatura. Parou e sentou-se no muro da Praia da Urca e ficou chorando desconsoladamente. Acho que nós três também choramos e não tivemos coragem de abordar o Meireles.

5. A HISTÓRIA DE UM BEIJO

LENIRO ALVES

Nós nos conhecemos ali pelas primeiras séries, e ela (assim hoje me parece) no princípio economizava de propósito no falar, por suspeitar o quanto aquela voz me fazia bem. À medida que o tempo passava, contudo, ela ia-se mostrando mais à vontade, tanto quanto em mim crescia a vontade de ouvir aquela sua música, descobrindo-lhe notas insuspeitadas, harmonias quentíssimas, caminhos jamais caminhados.

Tinha ela uns dois anos mais que eu e um modo de olhar o mundo, aquele nosso mundo, bem mais maduro que o meu, o que já seria natural se não houvesse entre nós aquela diferença de idade, flagrante na infância e na adolescência mais nítida ainda, pelo despertar da mulher para os apelos do sexo, que lhe vêm mais cedo. (Ao menos naquele tempo era assim!)

Mas há, por certo, aqueles que, por obra e graça dos desígnios da mãe natureza, a qual, sem abrir mão de nos tornar todos iguais perante algumas leis suas, faz-nos diferentes segundo outras, e sem querer aqui entrar no mérito do bom ou ruim, são por ela eleitos para que seus coraçõezinhos despertem mais cedo à paixão, e creio ter sido um destes.

Assim, "dentre as manias que eu tenho" sempre estive esta -- vá lá que um tanto avariada agora --, pois o órgão (o coração) com certeza já não é o mesmo de outros tempos e, apesar de continuar batendo, traz em cada batida, é claro, as marcas do quanto apanhou, buscadas por ele próprio.

Ainda como integrante do Jardim de infância, o encantamento pela música da mulher já se fazia presente em mim, e me lembro de uma das "tias", a qual, mesmo não sendo das mais talentosas no trato com os "sobrinhos", ao menos com os que só podiam dar-lhe o que alguém como um de nós poderia, qual seja, a oportunidade de se sentir um pouco mais mãe do que tia, fazia parte constante dos meus sonhos. Aquela voz aveludada muitas vezes aqueceu meu desejo de carinho, segredo de então que só hoje me é revelado, e tento repassar nestas linhas.

Ocorre-me uma outra paixão, uma espécie de terremoto interior sucedido por volta dos meus 7 anos, cujo objeto devia ter entre 10 e 14, ou qualquer número próximo destes, e como a distância entre nossas idades era grande, pareceu-me, naquela altura, incomensurável, porque sequer sabia como avaliá-la. Nem por isso ela deixou de estar com aquela sua voz rouca e embriagadora divinamente presente nos meus sonhos, como rouca e embriagadora era também a vozinha da minha amiga de hoje e amor de ontem, que ia crescendo em mim à medida que íamos galgando as séries subsequentes, pois continuamos colegas de classe até ali pelos fins do ginásio, início do segundo grau.

Ela jamais deixou de ser atenciosa comigo, mas entendo que as mulheres tenham em geral um talento ímpar para fazer com que nos sintamos especiais, e como ser para ela especial era tudo que eu queria, somávamos nossos talentos: o dela, que tinha, além deste dom, o de se fazer especial para quantos a cercavam, e o meu, que era, e temo que continue sendo, o de me iludir.

Fato é que, a partir de certo tempo, a cada encontro nosso dizia eu a ela, não assim, de modo direto como farei a seguir, que ela era minha paixão, ao que ela, apesar de não me deixar o coração desesperançado e mesmo entendendo muito bem, sabia se fazer de desentendida. E veio o primeiro golpe: o namoro com um grande amigo, a quem, aliás, já havia, na minha inocência, revelado todo o "frêmito daquela paixão avassaladora". E quando falo em _inocência_, é porque não percebia que o outro, além de um pretendente a ser o especial entre os especiais, também já era por ela pretendido, e ambos, mais parelhos quanto ao nível de maturidade, fizeram-se um par de namorados. E ainda hoje fico com pena do amigo que coloquei numa saia justa dada a minha natural falta de malícia de então.

E as crises de "grão de areia" (aquele que sonhava com uma estrela!) vieram, porém não o suficiente para afogar em mim o desejo de que um dia déssemos origem a uma estrela-do-mar. O namoro prosseguia, e eu tentando conquistá-la pelo caminho tão comum e equivocado dos adolescentes e de tantos cuja adolescência jamais passa, que é o do vitimismo. E ela regando em mim a flor daquele desejo cujos espinhos da impossibilidade se somavam aos da culpa que sentia por querer alguém que era namorada de um amigo!

Bom, enfim, o namoro acabou. E aí as esperanças refluíram e me tomaram de um jeito tal que não consegui enxergar que ele só acabara por outra paixão dela. E, é claro, não foi por mim, mas por um outro amigo, que era também amigo do que então abandonava o posto de eleito por ela e já se envolvia num outro namoro. Com certeza Chico Buarque tomou conhecimento dessa história, que lhe inspirou: "Dora que amava Pedro que amava tanto que amava a filha que amava Carlos que amava Dora..."

Eis-me então acompanhando de perto este novo namoro, que parecia ser de um envolvimento mais vivo, coisa tão avassaladora para ela que... pronto! Fui eleito seu confidente, exercendo o papel com (não me vem outro termo) estoicismo! Aquilo seria tema para sonetos e prosas dos mais variados calibres, caso já tivesse descoberto em mim esta mania de dedilhá-los, mas nem isso deu! A frustração continuava viva e meu desejo mais "caliente", não tanto quanto pelo início do terceiro namoro dela com um outro amigo, após o término deste, que se deu entre lágrimas e lamúrias para as quais meu par de ouvidos se fazia sempre atento, embora aquilo me destroçasse o já combalido coração (os eventuais leitores por certo me perdoarão o _combalido_!)

E, assim, mais um namoro se iniciava, numa total sem-cerimônia diante de mim: eu, cada vez mais envolvido em detalhes dele, e o coração cada vez mais combalido!

(Pronto, olha ele novamente!) Até que, não sei bem se num dos intervalos entre quaisquer dos namoros ou ao término do terceiro, que também teve um final bastante traumático para minha musa, deu-se um certo interesse dela por mim, nada muito sério, talvez para passar o tempo, ou como um prêmio ao meu estoicismo, ou, ainda, pelo desejo de me fazer crescer em todo aquele contexto, do qual evidentemente ela era conhecedora. Afinal, se isto não parecera tão claro a ela nas crises, devia, mercê da experiência já adquirida, surgir-lhe agora como algo de que não tivesse a menor dúvida.

Lembro-me de uma passagem em que a "ameaçava" com um beijo, brincadeira constante no grupo, e ela duvidava e... Pobrezinha! Entrei numa das salas com ela, onde estávamos só nós dois, e sapequei-lhe um tremendo beijo no rosto! E isto com o coração aos saltos! Parece que ainda agora lhe ouço os pensamentos:

-- meu deus, será que esse cara não vai ao menos tomar ares de homem?!

A decepção dela comigo não foi, naturalmente, menor do que a minha; mas, no meu caso, a coisa era pior, já que ela podia partir para outro, enquanto eu tinha de continuar comigo mesmo!

Foi num daqueles passeios, que então aconteciam pelo aniversário do colégio ou no dia dos namorados, quando quatro ou cinco ônibus levavam os alunos em geral a uma praia, que fomos a Paquetá, onde se deu a desvirginização da minha alma.

Brincávamos nas águas da baía de então, e não sei quais eram mais cristalinas, se elas ou as que encharcavam meus delírios de adolescente que, com ela nos meus braços magros e frágeis, tornavam-me perfeitamente apto a conduzi-la para um lado e para outro naquelas águas, até que fomos para um ponto onde elas se faziam profundas.

Assim, nossos lábios ficaram bem próximos, e tenho certeza de que aquele momento jamais se repetirá: Nossas bocas se encontrando, nossas línguas se tocando, e minha descoberta de que aquilo era infinitamente melhor do que qualquer das minhas imaginações mais inspiradas!

Não há como fazer com que esta amiga entenda a importância que teve na minha vida, pois me deu algo que jamais qualquer outra poderá me dar: a felicidade do primeiro beijo.

Talvez, amiga, meus desencontros tenham adquirido força naquele momento, pois acho que é ele, aquele beijo, que venho buscando até hoje, e não consigo resgatá-lo. Aquele quando Deus, sem deixar de ser divino, aquiesce ao sabor do pecado e se faz sentir vivo naquela felicidade descoberta no sabor de uma outra língua.

E o tempo passou (isto ele não desaprende), e esta história, já de outro momento, escapou-me em versos, formando outro par, este o dos sonetos com que fecho o texto:

Me lembro da tarde tão doce

da brisa rolando macia
cenário assim como fosse
criado pra o que se daria.

Sua voz, muito cálida, ardente,
parece que ouço outra vez
e tudo me vem de repente
tão claro! Quanta nitidez!!!

Brincávamos ambos nas águas
tão limpas de certa baía
num quando em que lixo nem mágoas

pra ela e pra nós ainda havia
e nos distraímos no afago, ah!!!
E o beijo aconteceria.

E trago esculpido na alma
gravado no fundo de mim
a paz que me trouxe, a calma,
um beijo trocado assim

na festa da adolescência,
princípio dos gozos da vida,
sei lá se por dom ou ciência,
você, minha mestra querida,

com graça, grande competência,
me fez, com tal experiência,
buscar, seja lá onde for,

bisar o bendito ensejo
o gosto do primeiro beijo
vivido no primeiro amor.

6. A HISTÓRIA DOS 30 CENTAVOS

JOSÉ WALTER DE FIGUEIREDO

Por razões éticas, os personagens envolvidos nesta história serão identificados por nomes fictícios. Muitos deles convivem ainda hoje conosco e poderiam não aprovar a exposição de seus nomes publicamente em um caso como este, embora, de minha parte, nada encontre que possa desabonar a conduta deles, pois éramos jovens na época e curtíamos a vida de forma natural e espontânea.

São eles:

Marcílio -- Figura singular, mais pra magro que pra gordo, estatura entre média e alta, porém vagaroso e pesadão, parecia mais alto e gordo do que na realidade era. Tinha uma voz de barítono, meio anasalada, dando ideia de um trombone ou qualquer buzina de veículo grande e lento, donde seu apelido, aqui não revelado. Seu esporte preferido era o "levantamento de copo".

Certa vez fomos a uma festa na Urca e, quando lá chegamos, a coisa parecia já estar rolando havia algum tempo. Uma pessoa da casa servia cerveja aos convidados. Quando ela ia servir ao Marcílio, eu lhe disse, de brincadeira, que ele não tomava bebida alcoólica. Ela, então, passou por ele e foi servir aos demais. Na hora, todos rimos; o Marcílio, porém, ficou calado, talvez por não ter percebido que a pessoa tinha passado por ele. Vendo que a moça se encaminhava para a cozinha, disse-lhe que eu estava brincando, que ele bebia, sim, e bem! Qual não foi a nossa surpresa quando ela falou que a cerveja tinha acabado. A reação do Marcílio não se fez esperar:

-- Tá vendo aí, seu Zé Walter, no que deu sua brincadeira?...

Aliás, ele não usou a palavra brincadeira, e sim um termo mais forte, para demonstrar a sua insatisfação. E, depois de quieto por algum tempo, arrematou:

-- Tem gente que não sabe brincar!...

Godofredo -- Grande camarada, bom de copo e de papo, muito inteligente e culto, era um companheiro, tanto pra farras como pra um papo mais "cabeça". Era baixinho, mas de corpo robusto. Tinha um gosto musical apurado e cantava muito bem. Certamente por esta virtude, sempre era incluído nos conjuntos musicais que se formavam na época. Ele tinha uma característica curiosa: Quando bebia e já estava meio calibrado, respirava alto e forte, gaguejando um pouco, o que denunciava seu estado.

Contam que, certa vez, ao encontrar um amigo que chorava por uma decepção amorosa, ele o abraçou e lhe disse, prolongando a sílaba da palavra:

-- Chó... chó... chóóóóóóóóóóra, meu preto!...

Santana -- Semelhante a Godofredo na altura, embora mais rechonchudo, também era bom de copo, mas costumava dar uma de valentão quando a bebida lhe subia à cabeça.

Talvez por isso, a turma não gostasse muito de sair com ele para beber. Jogava futebol muito bem e, não fosse por sua baixa visão, se teria destacado mais neste esporte entre nós, pois levava jeito. Gostava de comer muito e, numa época de comida bem caidinha no IBC, as pessoas organizaram um protesto pra ver se o rango melhorava, mas o nosso amigo, juntamente com um colega bom de prato como ele, sempre entrava no refeitório gritando o seguinte refrão:

-- Não queremos qualidade, só queremos quantidade!...

Vocês podem imaginar a "amabilidade" com que eles eram recebidos, não?

Serginho -- Não foi aluno da Casa. Apareceu do nada, vindo não sei de onde, com um violão embaixo do braço, que aliás tocava muito bem. Acho que por isso ele foi logo acolhido pelo grupo, pois o pessoal era bem ligado em música. O Serginho era um andarilho, principalmente da noite, quando ia de bar em bar, tocando o seu violão. Apesar de sempre estar com ele, nunca soube onde residia. Parecia não ter pouso fixo. Na época, havia outro amigo nosso, igualmente não ex-aluno do IBC, que tocava violão tão bem quanto cantava, e o Serginho passou a imitá-lo, até no jeito de falar, mesmo tendo aquele uma voz de baixo profundo, e o Serginho, de tenor. Assim, ele tentava engrossá-la o mais que podia, resultando numa voz um tanto espremida e preguiçosa, porque, além disso, ele tinha um "S" chiado, de modo que tudo soava de forma muito estranha.

Esse caso se passou no início dos anos 70, quando já éramos bolsistas. Para quem não sabe, o IBC fornecia aos alunos que concluíam o ginásio uma bolsa de estudos, cobrindo casa e alimentação até o término do terceiro grau, o que permitiu a muitos concluírem seus cursos, inclusive eu, pois uma boa parte de nós provinha de outros estados. Pelo fato de estudar fora do Instituto, tínhamos liberdade para sair, e isto levava alguns a voltarem tarde da noite (eu inclusive), principalmente nos fins de semana.

A Martha era uma moça que, embora de uma geração mais velha, estava sempre conosco, pois namorava um amigo nosso muito querido. Morava em Copacabana, com uma irmã, e nos convidou para uma festa em sua casa, não me lembro se pelo seu aniversário ou por outro acontecimento qualquer.

A galera estava toda lá, e a festa rolava solta, muito animada, com muita comida e bebida à vontade... Como havia muita gente que tocava e cantava bem, o som era de alto nível, e as pessoas participavam com empolgação. Aliás, essa era uma característica das festinhas daquela época, onde o som era sempre ao vivo, geralmente com violão,

pela facilidade do transporte. Isso ajudava uma maior integração das pessoas, pois a música é um fator agregador por natureza.

Lá pelas tantas, depois de beber muito, alguns, para não dizer a maioria, já estavam "de pé no bolso" -- usando uma expressão daquele amigo ídolo do Serginho --, ou seja, mais pra lá do que pra cá. O cunhado da Martha, percebendo que a situação ia se complicar, principalmente para ele que era o dono da casa, encaminhou os que lhe pareciam em pior estado para o elevador, para chamar um táxi. Embora não estivesse a fim de sair da festa naquela hora, pois me sentia bem, desci com eles para ajudar, já que eu também enxergava.

O pior de todos era o Marcílio, que nem se aguentava nas pernas. Por isso, foi o primeiro que tentaram embarcar. Os táxis eram, geralmente, fusquinhas de duas portas, e vocês podem imaginar a dificuldade de se colocar lá dentro uma pessoa naquelas condições, se até para alguém em estado normal era difícil entrar naquele "ovinho", ainda mais com a cadeira da frente atrapalhando.

O Marcílio estava todo mole, sem controle muscular. Ele tinha as pernas compridas, e elas pareciam não caber no táxi. Quando a gente procurava ajeitá-lo de um lado, lá estavam as pernas sobrando de outro. O pessoal chamava o seu nome e o sacudia, para ver se ele se aprumava, mas o cara só gemia, com aquela voz de apito de embarcação à deriva... Uma hora lá, de tanto puxá-lo pra lá e pra cá, não sei o que aconteceu, que ele se sentou por cima das costas da cadeira, no cangote do motorista...

Eu cá pensei comigo:

-- É agora que o motorista vai sair fora daqui.

Afinal, ele já estava de cara feia, com todo aquele rebuliço. Para desentortar o homem lá dentro, foi outro trabalho.

Alguém teve a feliz ideia de colocar o Santana antes do Marcílio, pois aquele enxergava um pouco e podia ajudar a puxar o outro. Foi outra batalha para tirar o homem lá de dentro, pois agora parecia que ele não conseguia passar naquele espaço minúsculo... Mas, finalmente, conseguimos a proeza, e o Santana entrou. Não pensem que foi tão fácil dessa vez, pois embora com a ajuda dele, o espaço no acento de trás era menor. O Marcílio entrava de ré e curvado pra frente, e vinha com o traseiro na cara do Santana, que se defendia, empurrando aquilo pro outro lado.

Mas... ufa! Depois de sentar inúmeras vezes no peito e no colo do Santana, que já queria escapar daquela furada, conseguimos encaixar o homem lá atrás. Entrou o Serginho, imprensado por ele no canto, e na frente foi o Godofredo.

Finalmente, O cunhado da Martha, dando graças a Deus, bateu a porta do táxi e falou pro motorista levar o pessoal pro Benjamin Constant.

No dia seguinte encontrei o Santana, que, com um tom de censura, me disse assim:

-- É!, né, seu Zé Walter!... Você não foi no táxi de esperto...

Aí eu lhe perguntei por quê, pois quem os colocara no táxi tinha sido o cunhado da Martha.

Ele, então, narrou o acontecido:

Disse que todos dormiam profundamente, quando o motorista falou que já tinham chegado ao IBC. Ele, embora já acordado, ficou na dele quietinho, pois estava durinho da silva...

Vendo que ninguém se mexia, o motorista começou a gritar que já tinham chegado...

De repente, ouviu-se a voz espremida do Serginho dizer:

-- eu tenho trinta chentavos...

Ouvindo isso, Godofredo, que também estava duro, abriu a porta da frente e disse pros demais:

-- Tô... tô... tô esperando vocês lá no muro...

O Marcílio só roncava...

O motorista foi se irritando com aquele silêncio incômodo, e já sabendo que ia ficar no prejuízo, começou a xingar a todo mundo dos piores nomes, mas não houve jeito, pois ainda teve que arrastar o Marcílio de dentro do táxi e carregá-lo até o muro...

Ri muito com a história do Santana, porque, além de ser engraçada, ele tinha um jeito todo seu de contar os casos, imitando os personagens com vozes guturais, e tornando a narrativa mais engraçada ainda.

Ele acrescentou que, quando viu o Godofredo abrir a porta e sair, quis fazer a mesma coisa, mas estava preso atrás do motorista e imprensado pelo Marcílio, todo caído pra cima dele.

7. A INSUSPENSÃO NEGOCIADA

MAURÍCIO ZENI

Era o ano de 1963, por volta de maio. O Instituto, a despeito de seus banheiros quase sem funcionar, com uma comida de tirar o fôlego ou a coragem de comer, os ratos, as pulgas e os mosquitos velando nosso sono, aquelas administrações flutuantes... vinha ganhando razoável projeção. Os grandes orgulhos da Casa eram os corais falados, masculino e feminino, e um pessoal que fazia teatro.

O presidente Kenedy ainda não tinha morrido, a política nacional fervia e, claro, ainda não tinha acontecido aquele horroroso golpe de abril.

Meu amigo, digamos, Edimilson tinha ganhado uma suspensão por conta de sei lá o quê. Só que ele pertencia ao coral masculino e sua ausência faria mesmo muita falta.

Encontrei o Edimilson um pouco tempo antes da apresentação dos corais, sempre motivo de muita presença e convidados. Conversa vai, fica e vem, perguntei-lhe o que estava fazendo ali, se estava suspenso e sua presença não deveria mesmo ser permitida. Rimos um pouco e o diabo entrou em cena.

Sugeri-lhe que procurasse o nosso amado chefe de disciplina, o mesmo que lavrara sua sentença, e declarasse sua impossibilidade de apresentar-se com seus colegas, sob pena de descumprir as leis tão bem defendidas pelo chefe. Claro que o chefe tergiversou, a suspensão seria apenas para as aulas e coisa e tal. O Edimilson então ameaçou ir-se embora, deixando o coral desfalcado, ao que o chefe quase implorou. Nosso Edimilson foi taxativo: ou retira a suspensão ou vou-me. Coitado do chefe! qual das leis deveria cumprir?

Nosso chefe foi sábio: procurou-nos e deu por suspensa a suspensão. Os corais apresentaram-se muito bem, como sempre, e o Instituto continuou em grande estilo, graças à sapiência de nosso amado chefe.

8. AMOR É SEMPRE AMOR

ARY RODRIGUES DA SILVA

Era quarta-feira, dia 15 de março de 1961. Exatamente nesta data começava, de maneira oficial, meu namoro com a Nilza. Digo de maneira oficial porque já éramos namorados antes da referida data, já que, inclusive, nos correspondera-mos por cartas durante o período de férias recém-terminado.

O ano transcorria sem maiores transtornos quando, lá pelo mês de setembro, tive uma tímida conversa com minha querida mãe:

-- Mãe, estou namorando uma menina e ela faz aniversário no dia 8 de novembro...

-- Namorando uma menina? -- perguntou minha mãe com certa inflexão de não entendimento.

-- É... -- respondi, já um tanto timidamente.

-- E eu posso saber o que você deseja me dizendo isto? -- perguntou-me ela com voz mais séria ainda.

-- É que eu quero dar um presente a ela e...

-- Dar presente? -- interrompeu-me vivamente minha mãe. Sem me dar tempo a resposta, prosseguiu:

-- Então você está namorando uma menina e quer dar a ela um presente no aniversário dela, não é isto?

-- É isto mesmo -- respondi baixando a voz, cada vez mais tímido.

Inflexível, prosseguiu:

-- Você trabalha?

-- Estudo -- retruquei.

-- Então como quer tomar tempo da filha dos outros, e ainda fala em dar presente? Quando você tiver condição de se comprometer, procure uma namorada. Por enquanto, estude e esqueça estas coisas.

Estava encerrado o assunto. O namoro prosseguiu, logicamente, mas à medida que se aproximava o dia do aniversário da menina, minha tristeza e meu embaraço cresciam. E chegou. Chegou a véspera do aniversário.

Contrariado mas resignado, já que não havia remédio, peguei duas ou três folhas de papel, sentei-me em uma sala, e fiz a única coisa que me era possível fazer, a única saída que eu tinha: Escrevi uma daquelas cartas românticas, melosas e cheias de fantasia, como era comum na adolescência daquele tempo.

"Pelo significado deste dia, o teu dia, o dia em que és rainha como é impossível que haja outra, eu gostaria de dar-te, no presente mais caro e mais suntuoso, a prova deste amor que me anima porque é a razão única do meu viver! Não tendo possibilidade, todavia, de te fazer oferta mais valiosa neste dia, ofereço-te o que já é teu, o que já nasceu para me fazer teu escravo, meu coração!"

A carta prosseguia cheia destas afirmações que nada justificam, mas que, ainda assim, fazem a alegria de quem as recebe. Não é por outro motivo que escrevi no meu poema "Passado", publicado no livro "Ecos da Alma":

"Promessas tolas que tolos amantes

Fazem em juramentos delirantes...

Promessas que nunca se vão cumprir

Mas fazem bem a quem as diz e as ouve

Pois, quem as diz, é feliz em dizê-las,

Mesmo que tolo ao prometer estrelas,

E quem as ouve sempre as quer ouvir".

No dia seguinte, o dia do aniversário, logo na primeira oportunidade entreguei a carta, ainda que um tanto decepcionado e contrariado comigo mesmo. Soou a hora do início das aulas e, na rotina de estudante, já me ia acomodando com o irremediável. Pelo menos, numa carta "bonitinha" reafirmara ainda uma vez o meu amor.

O relógio se adiantou. Eram agora pouco mais que 11 horas. A inspetora veio me avisar de que uma pessoa me aguardava na portaria. Coração preocupado, sem saber do que podia se tratar, desci as escadas que me levavam até o ponto indicado pela inspetora. Lá chegando, encontrei minha mãe. Assustado pedi-lhe a bênção e, temendo pela resposta, perguntei:

-- O que aconteceu, mamãe? Por que a senhora está aqui num dia de semana?...
Aconteceu alguma coisa má lá em casa?

-- Calma -- ela me disse -- que é isto, meu filho? Nada aconteceu lá em casa. Você não sabe que dia é hoje?

Numa fração de segundo o meu íntimo se modificou completamente. Uma alegria indizível dominava agora meu coração, porque eu sabia que minha mãe não ignorara meu desejo adolescente. Entregando-me o presente, ela arrematou:

-- Dê meu abraço a ela e transmita-lhe meus parabéns. Agora tenho que ir porque tenho muito a fazer em casa.

Voltei a pedir-lhe a bênção, agradei comovido até quase as lágrimas, e subi correndo as escadas. Havia soado a sirene anunciando o fim das aulas e minha namorada iria passar no corredor da minha sala. Temendo não alcançá-la, precipitei-me o mais velozmente que me era possível para tentar chegar ao corredor antes que ela o houvesse transposto. Entrando nele, o Sr. Etelvino, chefe de disciplina, que estava na mesa onde ficava a inspetora que trabalhava com as meninas, e que sabia do nosso namoro, disse num tom amistoso de repreensão, vendo logicamente o presente nas minhas mãos:

-- Que correria é esta, Ary? A Nilza está aí na sua frente.

Chamei-a, entreguei o presente, presente que eu nem mesmo sabia o que era, e só lamentei não poder acompanhar a entrega com o abraço e o beijo que selariam o acontecimento.

9. AS MARCAS DE UM LEÃO

MARCOS VALÉRIO GOMES RANGEL

Temo que, se pedisse uma opinião sobre este texto, ouvisse de alguém: "você começou pelo fim", trecho da letra de um sucesso dos tempos a que ora me vejo remetido pela saudade, que não será o fim desta história, mas o meio, um transporte de luxo levando-me a bons tempos e trazendo-me lembranças tais e tantas, que os casos ou "causos" me vêm aos borbotões e, ao invés de se atropelarem em minha mente, calam-me fundo no coração, pelo que trazem dos amores passados, pelo que me levam dos remanescentes, pelo que me fazem ver o quanto de mim neles deixei e o quanto deles trouxe.

Tomara consiga torná-lo, caro leitor, companheiro de viagem agradável, pronto a aceitar esta carona que lhe ofereço a bordo da minha saudade.

A viagem começa num domingo qualquer dos anos oitenta, com um grupo de adolescentes no qual me achava inserido, sentindo-me participante de um corpo que vibrava a cada nova possibilidade e se mostrava cheio de interesse a cada expectativa nova. Éramos tantos, mas nos percebíamos como apenas um: no desejo da descoberta assim como no anseio de viver.

Naquele domingo, como em tantos outros, reencontramo-nos querendo protelar ao máximo o regresso ao Instituto, já que íamos para nossas casas nos fins de semana com o gosto antecipado daqueles reencontros dominicais no muro do Instituto, ainda não cercado de grades como hoje, e, sem elas, podíamos nos sentar nele e por ali ficar jogando conversa fora.

Muitas vezes, dali já se saía para umas cervejotas, os que podiam, e outros para uns namoros mais sem muros e sem grades, como sempre buscavam no interior do nosso Benja, mas nem sempre conseguiam, ao contrário dos de hoje! Afinal, Um amassozinho, sem o medo de que um inspetor surgisse de repente e nos trouxesse problemas sérios, era tudo de bom!

Alguém percebeu que aqueles domingos eram nosso céu e, claro, providências foram tomadas para que o céu pelo menos se infernizasse um pouco, determinando, por exemplo, dezenove horas como horário máximo para entrada no Instituto aos domingos. Houve inclusive uma reunião na qual isso nos foi comunicado, assim como nos tornaram cientes de que estavam de olho em nossas manobras para as cervejinhas domingueiras dos que não conseguiam libertar-se nos namoros sem grades e sem muros, acontecidos principalmente num ponto a que chamávamos "Leão", localizado próximo a uma escultura do rei dos animais, o qual (assim me parece agora) tinha a missão de proteger nossa liberdade e o fazia galhardamente, oferecendo-nos recantos escuros à sua volta e permitindo-nos, em nossas carências de local mais apropriado, dizer às meninas:

-- Vamos, que o leão é manso!

Elas vinham e, juntos, íamos descobrindo nossos caminhos e, muitas vezes, no silêncio do velho e bom leão, ouviam-se sons que entendíamos como um novo modo que ele encontrara de rugir. Voltemos, porém, ao domingo, ponto G (de gostoso) desta viagem, antes que a saudade derrape!

Já estávamos sob o regime de entrada até as dezenove horas, havia algum tempo, e usávamos do artifício de entrar no último minuto, para que pudéssemos gozar, até a última gota, daquela escassa liberdade domingueira. Nesse domingo, todavia, algo aconteceu que nos fez perder aquele minutinho exato da entrada habitual.

Na verdade, acho que aquela foi a perda com que mais ganhei até hoje. Mas... Voltando à história, quando fomos entrar, o porteiro, inebriado com seu poder, fez-se intransigente, como só os que se embriagam dele sabem fazer-se, e nos impediu de entrar. éramos de 15 a 17 adolescentes que, por não termos ideia do que nos aguardava, para o bem ou para o mal, ainda fizemos de tudo a fim de que aquele São Pedro despromovido se fizesse um pouco mais santo e compreendesse nossa situação, mas... inútil. E fomos!...

Perplexos e perdidos, ficamos ali pelas imediações enquanto houve conversa e disposição para tal, mas aquele não se tornou em mais um "Muro das Lamentações", posto que umas poucas hajam escapado de alguns.

Logo, logo nos demos conta de que aquilo era uma grande novidade e, quem sabe, cheia de perspectivas: se boas ou não, o tempo nos diria, mas as boas não estavam descartadas.

E muito se falou, e muito se riu, até que o avanço da noite trouxe a necessidade de repouso, para alguns, e de um bom aconchego, para os casais, transformando os bancos e gramados de uma praça bem próxima em nossas camas, tornando-se uns os cobertores de todos, sem desprezar o litro de cachaça (arranjado sei lá por quem e vindo não sei de onde), que correu de boca em boca até se esvaziar.

E se naquele tempo não conhecíamos ainda a fúria do leão da Receita Federal, conhecíamos, como já disse antes, a receita da mansidão do leão amigo, protetor das nossas doces travessuras e, naquela noite, ele teve muito trabalho. Ouviu-se o silêncio de seu rugido, como jamais se ouvira. Pelo menos para meus ouvidos, que puderam experimentar, naquela noite e pela primeira vez, aquele rugido com a melodia e o encantamento que só as primeiras vezes sabem deixar em nós.

Mas aquele domingo também desembocou numa segunda-feira, e o encantamento ficou nele, muito embora a semana e a vida tenham seguido. E tudo recomeçou quando o porteiro não teve razões para impedir que sua portaria nos engolisse novamente pela manhã, felizes e sonolentos, apesar de a felicidade, devo admitir, não se haver manifestado a todos na mesma medida, pelo que ouvimos de um

dos nossos, cujas palavras proféticas, dirigidas ao porteiro com voz pastosa, criou para si a alcunha de "O Boca Maldita", que o acompanharia vida afora.

Confesso não me recordar exatamente delas, porquanto, se a voz do outro era amarga pela noite mal dormida, meus ouvidos estavam surdos às amarguras pela noite bem acordada. Dessa, sim, eu me lembro, e muito bem!

As palavras do "boca maldita", lembrando as de um vidente, pelo que previram, e de um cego, pelos desejos que manifestavam, atingiram o porteiro, deu pra sentir, em algum lugar no mais profundo do seu ser.

As aulas, a que mal assistimos e cujos conteúdos praticamente perdemos, assim como a história, que chegou ao conhecimento de todos, repercutiram de modo negativo, e as mães de filhas menores, sabedoras de que elas haviam passado a noite na rua, juntaram-se aos que protestavam, cobrando providências por aquilo que consideravam uma irresponsabilidade do porteiro.

A direção, conquanto houvesse, pacientemente, ouvido a todos os protestos, não tomou providência alguma; mas alguém tomou, e até exagerou um pouco, mesmo na opinião do "boca", cuja profecia se cumpriu tempos depois: o porteiro, sentado num muro nas dependências do próprio Benjamin Constant, caiu para trás, tola e inexplicavelmente, bateu com a cabeça e, por conta dessa queda, veio a falecer.

10. AS PAREDES TÊM OUVIDOS

REGIVALDO DE OLIVEIRA FIGUEIREDO

Dizem, dizem que temos ouvidos, mas estou aqui para dizer que não só os temos, como também temos olhos, e até mesmo voz conseguimos para nosso protesto mudo, para nossa passeata parada, para nossa luta inerte.

Eis que hoje se faz uma trégua da nossa condenação ao eterno silêncio, mas que não temam os injustos saberem seus nomes revelados, pois deles só revelaremos as injustiças, e nem todas, pois não teríamos espaço para tal.

Que não temam também os covardes, e estes não temem mesmo, pois eles, sim, não têm ouvidos.

Que não temam também os larápios, pois a nós o que interessa é dizer das falsetas, não apontar os farsantes.

E que se tranquilizem muito mais ainda os amantes, porque só nos apraz falar de seus amores, com os quais ainda nos embriagamos, e não de quem deles usufruiu.

Fomos erguidas como paredes mágicas, que teriam a função de iluminar e libertar, em nosso interior, os caminhos dos que sequer poderiam nos ver. Não sei, dado que as paredes não sabem tudo, mas acho que, até aqui, cumprimos razoavelmente nossa missão.

A muitos engolimos, mas a bem poucos devoramos; e, mesmo disto, damos exemplos, como o daquele aluno que, em 1954, despencou de uma janela do terceiro andar, numa crise de sonambulismo e, na queda fatal, não pôde continuar escrevendo entre nós sua história, embora tenha ficado muito tempo por ali vagando, como a cobrar alguma explicação que não podíamos nem podemos lhe dar.

Ou aquela inspetora que, ao final da mesma década, sucumbiu, imprensada que fora entre uma de nós e o elevador, quando tentava sair do claustro a que tinha sido submetida por um mecanismo malconservado.

Ou aquele outro aluno que, nos anos 60, surpreendido pela tuberculose, chegou a ficar num isolamento, só alcançado pela solidariedade e o carinho dos colegas, que rezavam por seu retorno ao meio deles, mas que não resistiu e, escapando da nossa proteção para um hospital qualquer, voltou apenas para ouvir dos colegas o quanto lamentaram e choraram sua morte.

Ou aquela criança que quis viajar no cavalinho dos seus sonhos e caiu do que, de fato, era o corrimão do terceiro andar, para jamais poder sonhar de novo.

Ou aquele funcionário que, na década de 80, assistia a uma partida de futebol e, tolamente, caiu para trás e, dando com a cabeça numa pedra, ficou perdido muito tempo entre nós, como se cego fosse, querendo entender o que houvera, sem se dar conta de que já estava em outro estágio do ser.

Ou aquele aluno que, num domingo de julho de 1976, encontrou, aos 22 anos, nas águas da piscina, seu nunca mais para as realizações em vida.

Fomos testemunhas oculares de muitas vidas que se foram, mas também testemunhamos atos nos quais os gemidos atingiam nossos ouvidos, de modo que, não fôssemos paredes, gostaríamos também de ter participado daquilo, que poderia ter sido o prenúncio de uma vida nova, mas cumprimos com a discricção característica de toda e qualquer parede do mundo e jamais negamos proteção a quem de nós a reivindicou.

Assistimos, caladas, a tantos primeiros beijos quanto a ações dos que se portam como o último dos homens, os quais se aproveitam de, em princípio, serem insuspeitos para, do pedestal de seus cargos de professores, inspetores etc, abusarem de crianças indefesas, inclusive sexualmente, isto porque, nas nossas entranhas, aconteceu o mesmo que acontece entre todas as paredes, qual seja, abrigarmos, com a mesma condescendência, tanto a seres humanos quanto aos que se fazem passar como tais.

Assistimos, também, a assaltos que, se não foram dignos dos filmes hollywoodianos, tampouco podem ser classificados como chinfrins, pois roubar um piano, por exemplo (não há quem possa negar), é, ao menos, um assalto de peso, como de peso foi, igualmente, um outro que aconteceu, ali pelos anos 70, próximo a um período de férias, que nem no próprio Instituto repercutiu, tendo outro motivo além do já exposto: a crença de que teria sido feito por uma quadrilha profissional, com funcionários envolvidos. Neste, levaram-se máquinas de escrever (em braille e comuns), gravadores, aparelhos de som, Bengalas e comidas das quais os alunos jamais sentiram o gosto, ao menos aqui nos nossos domínios, como: latas de pêssego, garrafas de vinho, carne em conserva, etc. E o interessante é que isso foi realização de alunos, uns oito mais ou menos, que conseguiram descobrir um modo de entrar no almoxarifado por uma abertura que dava para o que atualmente se configura como o teatro, aos poucos retirando, de entre nós, o quanto puderam e acumulando tudo numa sala, que já se chamou... (Pera aí! Acho que esse nome nem eu me lembro, que mesmo as paredes têm lá suas falhas de memória!) ah, sim!: "Bedelaria".

Demos guarida a muitos que, por entre nós, buscavam a descoberta de algo, em si ou fora deles, nos goles de bebidas alcoólicas ou mesmo nos tragos dos cigarros de maconha.

Também não nos escapou o fato de que houve quem, por entre nós, buscasse os recantos mais recônditos para dar vazão aos instintos que os levavam à prática do que, então, era condenado e, hoje, é quase obrigatório: o homossexualismo.

Assistimos, também, a muitas lágrimas de saudade dos que choravam a ausência dos seus, como a muitas outras dos que julgavam ter encontrado o próprio fim, por um simples desencontro amoroso; mas vimos, também, os que não tinham nem os seus, cujas ausências pudessem chorar, nem desencontros de amor para sofrer, como Tonico (que vivia intensamente cada guimba que lhe chegasse às mãos) ou Telma (que cantava sua solidão no berro das notas que batiam em nós e caíam no vazio), fatos que não serão contados nem pelas "Histórias que a História não Conta"!

Ninguém nos contou; vimos, com estes olhos que a terra não há de comer, porque terra já são, o momento em que alguém passou por entre nós e foi esconder, num banheiro, uma faca, com a qual (nossos ouvidos nos permitiram que soubéssemos depois) havia assassinado covardemente um dos que entre nós tinha passado muitos momentos de sua curta vida de amores, que foram menos do que poderiam ter sido, e de sofrimentos pela distância dos seus.

Também vimos quando um marido, supondo-se enganado pela mulher, que era funcionária, buscava matá-la com uma faca, não o conseguindo por pouco.

E não escaparam aos nossos ouvidos os rumores de que, nos anos ditos "de chumbo", acontecera, bem na nossa cara, a tortura de presos políticos, mas isso nem nossos olhos chegaram a ver, confessamos, amarelas na cor do nosso desespero e rubras de vergonha.

No ano da revolução que levou os militares ao poder, vimos alunos, indefesos e ingênuos nas suas pretensões anárquicas, sendo arrastados para longe de nós por policiais na calada da noite, isso vimos!

Vimos tantas falcatuas, tantas covardias, tantas maldades, tantas traições que, se pudéssemos ou tivéssemos de chorá-las todas, seríamos um oceano de tristezas, em que nós mesmas nos veríamos sucumbidas ou submersas.

Calamo-nos sempre a tudo isso por não valer a pena falar, já que, em essência, as histórias se repetem, sendo reconstruídas por atores que, se outros são pelas diferenças individuais, são, no fundo, os mesmos pela condição humana, o que os torna, entre qualquer de nós ou fora do nosso alcance, algozes, vitimados pelas mesmas mazelas: vaidades, ambições, invejas, mesquinhas e coisas tais e tantas, que nem mesmo as paredes precisam enumerá-las todas, visto serem de todos sobejamente conhecidas.

Calamo-nos, como já dissemos, sempre. A isto, contudo, nem nós podemos nos calar: Quando nos sentimos prestes a ver nossa demolição moral acontecer pelo sentido diferente que enxergamos à nossa frente, tão diverso daquele que nos originou; quando percebemos a insensibilidade para isto dos que em nossas entranhas foram acolhidos como matéria bruta e devolvidos ao mundo como pérolas lapidadas; quando nos sentimos abandonadas pelos nossos próprios filhos; quando percebemos que não há interesse dos que, não podendo nos ver, viveram entre nós, e hoje são vistos pelo mundo como um segmento com poder de reivindicação muito maior do que há tempos; quando

nos achamos a um passo da história que contaremos um século à frente, muito diversa da que contamos hoje, levando-se em conta o propósito para o qual fomos erguidas e considerando o século já vivido, nem mesmo nós, paredes com olhos e ouvidos de discrição inigualáveis, nem mesmo nós podemos deixar de fazer nosso protesto.

Que os que vão tomar conhecimento destas palavras atentem para os que deram suas vidas construindo nossa história.

Que atentem ao fato de que demos oportunidade a que outras tantas histórias fossem construídas, e muitas são histórias de dignidade, nas quais foi desmentido o paradigma que mostrava o cego como um pária. Mesmo nós, paredes, entendemos que os tempos mudam; há, porém, o que não se altera jamais, como o princípio de que devemos nos fazer merecedores do que recebemos: O sentimento de gratidão, sem o qual o homem se tornará (o que por vezes já é) pior que qualquer animal não contemplado pela natureza com o dom da razão.

Não sei se temos razão, mas, antes de voltarmos ao silêncio eterno das paredes, queremos gritar: Viva o Instituto Benjamin Constant! vivam os que a nós tiveram ou têm amor! vivam os que veem, acima de qualquer interesse, o dos cegos, o de que sejam iluminados pelos pontos que Louis Braille, iluminado pelo Criador, criou para eles!

11. BOLA DE MEIA

OSWALDO FERNANDES

Conta-se que aquele menino ficou sem a sua bola de meia, depois que ela foi-lhe tomada da mão e sumiu para sempre, misteriosamente!

Joel, aluno do IBC nos idos de 1950, era um menino de uns 11 anos que gostava muito de chutar bolas de meia. Para ele era um prazer pegar um pé de meia, enchê-lo de jornal bem socado, amarrá-lo bem forte e sair por aí chutando, às vezes preso a um barbante comprido e outras sem barbante mesmo. Só que, sem barbante, era comum a bola se perder. Mas estava acostumado a procurá-la até encontrar, ainda que isto demorasse muito tempo.

Na verdade, não era só ele que gostava disso. Vários meninos, mais ou menos da sua idade, também gostavam. Assim é que, de vez em quando, saía uma discussão ou até mesmo uma briguinta, sem conseqüências, por disputarem a posse da bola.

Por vezes, meninos maiores também queriam ficar com ela e resolviam tomá-la dos menores. Aí então, era uma briga geral em que, ou os maiores ficavam com a posse dela, ou algum pequeno mais esperto conseguia fugir com ela.

Certo dia, já aí pelas 19 horas, Joel estava brincando no pátio, naquele gramado próximo ao serviço médico, do lado contrário ao refeitório das meninas, com vários meninos, também pequenos, chutando uma bola de meia de sua propriedade, quando se aproximaram dois colegas de uns 14 ou 15 anos, que resolveram tomar-lhes a bola. Formou-se uma forte confusão. Todos entraram em luta corporal e todos rolavam no chão e gritavam e defendiam a posse da bola a todo custo. e, nessa disputa, a bola passava de mão em mão dos pequenos, na tentativa de impedir que os maiores conseguissem pegá-la.

O desespero de Joel, que lutava bravamente, apesar do seu pequeno porte físico, foi atingindo um grau tão elevado que, mesmo com os arranhões e socos aplicados pelos meninos maiores, ele não esmorecia. De repente, logrou agarrar-se à bola. Os outros dois, porém, inconformados com sua combatividade, por fim o seguraram firmemente, conseguindo tomá-la dele.

Nesse momento, no auge da aflição, Joel gritou:

-- Se eu não conseguir ficar com a minha bola, que o diabo fique com ela!

Todos se assustaram com esta declaração dita como último recurso, mas continuaram o combate valentemente. Então, não se passaram trinta segundos e, em plena luta, surgiu uma grande mão, sabe-se lá de onde, e, num só golpe, arrancou a bola de meia das mãos do Joel e, simplesmente, desapareceu...

Houve então um longo silêncio entre eles. De pronto, ninguém atinou com o sumisso da bola, depois que Joel gritara, desesperado, protestando pelo desaparecimento dela. Aí, só restou a todos procurá-la e frustrarem-se por não a conseguirem encontrar, já que eram todos cegos. Procuraram até desistirem. Foi quando alguém comentou que certamente teria sido o diabo quem roubara a bola. todos ficaram com medo.

Joel ficou pensativo, mas sentia-se vingado: era melhor não ter sua bola do que vê-la nas mãos daqueles grandalhões abusados.

-- melhor mesmo fora que o diabo a levasse! -- Pensou ele em secreto.

De qualquer modo, porém, daí em diante, Joel passou a pensar melhor antes de expressar os seus desejos.

Para uns, algum garoto pegou a bola e deu sumiço nela; para muitos, foi mesmo o diabo quem a pegou, para dar um ensinamento ao Joel e a todos os seus amiguinhos.

E... nunca mais foi achada!...

Governador Valadares 14 de outubro de 1998

12. COMEÇOU ERRADO... DEU PAU

DIMARANJE MORAES

Dentre as muitas loucuras que vivenciei durante a juventude, com certeza, uma delas foi a participação em um conjunto musical... Que só se apresentou uma vez. Sabe aquela coisa de começar errado, terminar errado?

Em 1974, quando eu, morando no Rio, andava com uma turma de Niterói, fui convidado a participar de uma banda que estava começando a se formar. Era ideia do Paulo de Niterói (era assim que era conhecido), um boa-vida. Pelo menos, era isto o que julgávamos ele fosse: bastante abastado, financeiramente.

Naquela época, havíamos conhecido uma outra banda de cegos (Os Profetas), que fazia um grande sucesso nas cidades do interior do Estado do Rio de Janeiro. Inspirada nessa banda, a ideia surgiu e foi imediatamente aceita.

-- Vamos montar uma banda só de cegos?, propôs o Paulo.

-- Vamos!, aceitamos todos.

Depois de algumas poucas reuniões, ficou acertado que a banda teria como instrumentos -- o baixo, as guitarras solo e centro, a bateria, o teclado, -- um cantor e um back vocal.

A ideia estava lançada. A banda estava formada. Mas faltava o principal: os instrumentos. Como iríamos comprar os instrumentos?

Na hora de meter dinheiro na história, o Paulo ficou pobre, como nunca o tínhamos visto. Em meio a sua inocência, o baterista Aluísio Chavão disse:

-- Meu pai já trabalhou para um senhor que talvez possa nos emprestar o dinheiro.

Imediatamente, a proposta foi aprovada.

Alguns dias depois, o nosso baterista falou com seu pai, que falou com seu ex-padrão, que, corajosamente, financiou os instrumentos, com a proposta de pagarmos com a renda dos bailes que, já contávamos, seriam muitos!

A banda nem começara ainda e já arcava com uma dívida de: uma bateria, duas guitarras, um baixo, microfones, caixas amplificadas, mesa de som, amplificador... Enfim, um montante do qual já perdi a noção.

Depois de resolvidas as pendências técnicas, iniciamos os ensaios.

No início, pensei que a proposta era para aprendermos juntos, já que eu tocava guitarra havia muito pouco tempo. Logo, eu, com menos de um ano de guitarra, era o encarregado dos solos. Na guitarra centro, era o Zeca (um negão enorme de forte). No baixo, era o Burro Preto (que nem era burro nem preto). Na bateria, o Chavão. Não me lembro quem era o cantor. Sei que o cara cantava mal pra caramba!

Faltava ainda o tecladista. Foi bem aí que caí na velha armadilha da admiração de infância.

Quando eu era bastante garoto, cerca de 7 ou 8 anos, um certo rapaz, aluno do Instituto Benjamin Constant, gostava de me convidar para cantar enquanto ele me acompanhava ao piano. Para mim, que era criança, aquilo era o máximo!

Enquanto a turma discutia quem seria o tecladista, me lembrei dele e o convidei. A princípio ele relutou, mas acabei por convencê-lo a aceitar o convite.

Mesmo sem conhecer o músico, mas, talvez, por falta de outra opção, os caras da banda aceitaram logo a indicação.

No dia marcado, cheguei com o meu amigo ao local do ensaio. Quando ele tocou os primeiros acordes, percebi que tinha dado um tiro no próprio pé. O cara não tocava nada!

-- Agora, que fazer? Dispensar o amigo assim na maior cara-de-pau?

Resolvemos, então, ensaiar com o propósito de todos aprenderem juntos. Os ensaios aconteciam aos sábados e domingos, em Niterói, onde moravam meus amigos. O repertório, devagarzinho, ia sendo formado, por canções americanas. Aquele estilo início anos setenta. Trabalhado... até que prometia ficar muito bom...

Foi quando o Paulo chegou em certo dia, anunciando que tinha arranjado um empresário para a banda. Com toda minha inexperiência de dezoito anos de idade, não deixei de ficar com a pulga atrás da orelha, ao ouvir o nome do tal empresário: Aranha!

Minhas desconfianças, apesar de nenhum fundamento, revelaram-se corretas. O Aranha era mesmo um pilantra. Mas só percebi quando não tinha mais jeito.

Com menos de um mês depois do anúncio, o cara nos apareceu com dois contratos de baile para a próxima semana. Nem se preocupou se a banda já estava pronta. Inescrupulosamente meteu na praça! O resultado? Ah!...

Mesmo intensificando os ensaios, não conseguimos chegar perto do ideal. Havia problemas técnicos insuperáveis. Se a banda fosse de músicos já formados, ainda assim seriam necessários, pelo menos, uns seis meses de ensaio sério para se preparar um programa que sustentasse uma noite de baile. Ainda mais que, naquela época, só eram consideradas boas as bandas que imitassem o disco, tintim por tintim, ou seja, acorde por acorde, solo por solo. A harmonia, os vocais, o cantor, os arranjos, se era para baile, tudo tinha que ser igual ao som do disco. Era a época dos "covers".

Ainda tentamos argumentar, mas o Aranha foi irredutível: já fechara o contrato e tínhamos que cumpri-lo. Pra complicar mais ainda, o Paulo havia-nos imposto uma coreografia infame e totalmente louca.

O nome da banda era "Os Múmias". Pra justificar o nome, todos tinham que entrar no palco saindo de dentro de um sarcófago, enfaixados da cabeça aos pés. Ele dizia que assim, quem quisesse ficar de olhos fechados, como é comum nos cegos, não teria problema algum. Talvez ele estivesse querendo mesmo era esconder a feiura da galera!

Lembro-me que foi numa sexta-feira, por volta das três horas da tarde. Uma Kombi saiu do IBC, rumo à cidade de Porto das Caixas, onde "Os Múmias" fariam sua estreia, numa noite de baile. Lembro bem que o Carlos Henrique Dias, protagonista de outra história, estava com a gente. Dizia ele que estava indo para dar uma força aos amigos. Realmente, como pudemos constatar mais tarde, iríamos precisar de muita força, mesmo!

Já na entrada da cidade, deparamo-nos com as faixas anunciando a grande e esperada noite: com "Os Múmias".

Chegando ao local, um clube de cujo nome não me lembro, iniciamos o árduo trabalho de montar a aparelhagem. Sim, porque banda nova não tem privilégio de ter "hold". Quem faz tudo é o próprio músico!

Terminada a montagem, cansados, suados, famintos, fomos tomar banho e nos preparar para a grande estreia.

Puxando pela lembrança, recordo que tinham ido conosco umas meninas. E uma delas estava se engraçando comigo. Na hora de me enfaixar, ela me alisava. Ao terminar o enfaixamento, já estávamos combinados: ao final do baile... Mas, quando a coisa tem que dar zebra, dá mesmo. Na hora de enfaixar o Zeca, começou a faltar atadura.

E eu só ouvia gente dizer assim:

-- Mas esse cara é muito largo!

O fato é que o Zeca teve que ficar sem ser enfaixado mesmo.

Então, era chegada a hora... Entramos.

Num canto do palco, o sarcófago: um caixotão de compensado pintado de branco, por onde as múmias -- nós -- passavam, de lá saíam e recebiam seus instrumentos, exceto o baterista e o tecladista, claro!

O Chavão conta: 1, 2, 3 -- e... ataca na primeira música. Lasco a mão na guitarra... mas não sai som nenhum.

-- Cadê o som?, grita alguém.

-- Sei lá!, outro responde.

A plateia já estava agitada, querendo dançar.

De repente, o som é ligado e o Chavão conta novamente: 1, 2, 3!

Desta vez, o som saiu. Melhor fora que nunca tivesse saído! O meu amigo do teclado, em meio ao nervosismo, não conseguia dar uma nota certa sequer! Aí, um gritava:

-- Porra, cara! Toca essa merda!

E o cara, apavorado, gritava:

-- Estou tocando!

Tocamos umas 5 músicas, quando aconteceu uma pane geral. Desta vez, foi fatal: o amplificador tinha pifado!

Comecei a ouvir a plateia, agitadíssima, gritando em coro:

-- Queremos música! Queremos música! Queremos música! Queremos música!
Queremos música!

E a gente, apavorado, no palco, sem saber o que fazer!

Vi que a coisa estava ficando preta, quando o grito da plateia passou a ser:

-- Queremos nosso dinheiro! Queremos nosso dinheiro! Queremos nosso dinheiro!
Queremos nosso dinheiro! Queremos nosso dinheiro! ...

Nesse ponto, tratei de fugir para trás do palco, onde a menina estava me esperando. Retirei as faixas, rapidamente, vesti minha roupa, ouvindo o pau quebrando lá em cima.

Os equipamentos foram todos destruídos pelo público possesso. A guitarra que eu tocava, foi partida ao meio. A bateria teve as peles rasgadas.

Escondido por trás do clube estava eu. Enquanto o pau troava lá dentro do salão, outro troava no canto do muro!

Depois deste dia, nunca mais quis saber de cultura egípcia!

13. CONTO SEM DESCONTO

ARY RODRIGUES DA SILVA

Ouçó falar em paraolimpíadas, parapan, etc., e isto me traz uma saudade imensa, ainda que eu jamais tenha participado de qualquer destas competições, nem mesmo em sonho. Verdadeiramente, as pessoas do meu tempo nem podiam sonhar com tal possibilidade.

A despeito disto, todavia, nós lá no Instituto Benjamin Constant, tínhamos nossas competições e, diga-se de passagem, sem auxílio de qualquer tipo de guia, fosse uma pessoa, fosse um dispositivo.

Com que saudade me lembro do nosso campo, misto de grama, de terra, e até mesmo de uma estreita faixa de calçada, junto à parede, atrás do jardim de infância, onde aconteciam nossos sensacionais "confrontos" em partidas de futebol, que, se não eram empolgantes pela técnica -- nem tão necessária assim --, o eram, sem qualquer dúvida, pelas disposição e alegria com que cada um se entregava à disputa.

Uma curiosidade interessante é que o jardim de infância era, naqueles bons tempos, o paraíso da nossa adolescência. Se para o futebol usávamos o espaço que ficava atrás dele, como eu já disse, para nossas apostas de corrida usávamos todo o espaço que o circundava. Falarei sobre cada competição de uma vez, para que o entendimento seja pleno.

Antes, todavia, de começar a falar sobre estas saudades magníficas, devo realçar que quando digo que competíamos sem qualquer tipo de guia, fosse uma pessoa, fosse um dispositivo, não estou censurando os nossos atletas, aos quais, com todo o meu entusiasmo, aplaudo, parabenizo e, como brasileiro, agradeço pelas medalhas com que honram nosso país.

No nosso futebol havia, basicamente, apenas um confronto qualificado, já que não disputávamos qualquer tipo de torneio; este confronto ocorria entre os alunos dos cursos ginásial e primário.

O mais normal, entretanto, eram as peladas -- e lá eram autênticas já que jogávamos de pés no chão --, as quais eram marcadas de improviso, de um instante para outro. De repente, pessoas resolviam jogar e saíam pelo colégio convidando outras, até que se atingisse um número razoável de jogadores. Feito isto, todos se dirigiam para o campo, e começavam a organizar os times.

Dois dos melhores jogadores, que tinham, por isto, uma certa ascendência sobre o grupo, tiravam o clássico "par-ou-ímpar"? e, alternadamente, iam escolhendo os jogadores que comporiam cada time. Logicamente, os melhores iam sendo escolhidos, ficando para o final os pernas-de-pau, grupo do qual eu fazia parte com destaque.

Aliás, para dizer a verdade, eu não era escolhido; era imposto àquele que perdia o "par-ou-ímpar", como último jogador restante, se é que eu podia ser mesmo considerado um jogador. É duro reconhecê-lo, mas eu era certamente o castigo de quem perdia o "par-ou-ímpar".

A despeito, todavia, desta minha triste condição, talvez como prêmio pela coragem que eu tinha de, perna-de-pau como eu era, enfrentar adversários aos quais eu não tinha a menor possibilidade de suplantar, e atrapalhar os que tinham a desdita de jogar no meu time, jogando assim com menos um, tive meu minuto de glória!

Foi, exatamente em um "clássico" ginásio x primário, que este fenômeno ocorreu. Eu já estava no ginásio. É bem verdade que os times já estavam bem mais fracos neste tempo. Vários dos bons jogadores do ginásio haviam terminado o curso, e, por isto, já não jogavam mais, a não ser num raro "alunos x ex-alunos". Este fato explica por que é que eu estava jogando. Quanto ao primário, por diferentes motivos, vários jogadores já não eram mais alunos, fosse do curso, fosse do próprio Instituto.

Mas, fracos ou não, ali estavam os times se confrontando e eu, por incrível que pudesse parecer, era um dos craques em campo.

Ao terminar o primeiro tempo, nosso time perdia por dois a zero, numa demonstração cabal de que o jogo era muito ruim, já que talvez a característica principal daqueles jogos, fosse o grande placar feito pelos dois times. Coisa de 8 a 7, 10 a 9, ou uma eventual goleada de 8 a 3, por exemplo, para qualquer dos times. O baixíssimo número de gols marcados era, portanto, indicativo de que o jogo era muito fraco.

Começou o segundo tempo e a expectativa era de que o primário, por fim dominando totalmente o jogo, disparasse sobre nós uma sonora goleada. Porém, a coisa não aconteceu assim. Pouco demorou para que marcássemos o nosso primeiro gol. Agora, com dois a um, acho que, acreditando um pouco mais em nós, ou um pouco menos neles, ganhamos novo elã e, em breve, empatamos a partida. Então, veio o meu minuto de inesquecível glória no futebol do ginásio do glorioso Instituto Benjamin Constant:

O jogo já chegava ao final. Foi jogada uma bola para a área do primário, e eu corri para chutá-la, já que ela estava rolando. Na corrida que eu ia, chutei com vontade e...furei. Apenas raspei o pé na bola, que foi rolando para o nosso inesquecível e saudoso Antônio Célio, goleiro adversário. Ele, não se contendo, deu uma sonora gargalhada e, devolvendo-me a bola a rolar, disse, zombando evidentemente: "tenta outra vez". Desta vez, todavia, ele não teve sorte. acertei a bola com a força do meu pé direito, e marquei o gol da nossa vitória! Obviamente, eu nada disse sobre este lance, nem aos meus companheiros, nem aos meus adversários. Para que embotar a única glória que tive ao longo de tão inexpressiva carreira?

Já no que diz respeito às corridas, eu não era tão ruim quanto no futebol, mas também não chegava a ser um atleta; aliás, eu e todos estávamos muito longe disto.

pesar disto, todavia, também era uma diversão bastante agradável para nós. Estas competições não tinham a repercussão do futebol, e o número de pessoas que gostavam de participar era bem menor. Como eu já disse, usávamos o espaço que circundava o jardim de infância, formado por duas retas maiores, uma na frente e a outra atrás, acompanhando o comprimento do edifício, e duas bem menores, uma de cada lado, acompanhando a largura. Mais ou menos no centro das retas maiores, havia as entradas do jardim de infância, uma entrada em cada uma das retas, com dois degraus em cada entrada. Pois bem: no primeiro degrau na reta de trás do jardim, ficava postado um colega que funcionava como juiz da corrida. Daquele ponto, quando ele autorizava, partiam os competidores, que corriam fazendo aquele circuito, com um número de voltas pré-acertado. Ao passar pelo ponto inicial, o competidor dizia uma palavra ao "juiz" que, desta forma, contava as voltas de cada um. Ganhei algumas vezes, perdi bem mais vezes, mas a última corrida foi a única que ficou marcada na minha memória. Éramos uns 5 ou 6 competidores.

Quando foi autorizada a nossa partida, tomei a dianteira, sentindo uma grande disposição para aquela vitória! Se não me falha a memória, teríamos que completar 20 voltas. Não me lembro em que volta estávamos, mas lembro-me bem que ainda liderava. Passei pelo juiz, e gritei: "lá vou eu"! e em pouco tempo fiz a curva para a reta menor, que ficava do lado da imprensa Braille, e, logo depois, a curva para a reta maior, que ficava na frente do jardim.

No meio desta, atropelei, literalmente, uma criança que saíra do jardim e que brincava ali. Para sorte minha, e mais da criança, ela se agarrou a mim, e eu consegui frear o corpo, ao tempo em que a suspendia ao colo, talvez numa prévia para papai.

Antes que viesse o temporal, todavia, repus a criança, já em segurança, no chão, virei para a esquerda e corri na direção que me afastava do jardim e da competição.

14. DELÍRIOS DE INFÂNCIA, REFLEXÕES DE ADULTO

DIMARANJE MORAES

Quando uma criança chega num internato, no primeiro momento, sente-se desamparada... Pessoas estranhas, colegas novos... Tudo desconhecido! Normalmente, ela chega à escola acompanhada pelos pais (às vezes, algum irmãozinho)... Mas eis que chega a indesejada hora da separação...

É quando o menino entra em pânico! ... Sente-se abandonado... Sem os carinhos dos pais, agora tão distantes, aquele menino chora. As lágrimas escorrem pelos olhinhos, já deformados pela cegueira. Olhos ex-azuis. Agora, somente nuvens, como o céu armado pra chover. Quem acalentrará aquela criança? Quem afagará seus cabelos até que o sono o transporte para mais uma noite de sonhos azuis?

Foi assim que aquele menino chegou a sua nova escola. Lá, tudo era enorme... Muita gente, moças, rapazes, meninos, meninas... Todo tipo de personalidades que se pode encontrar num ambiente como o dos que não têm mãe e pai.

Longe da mãe, o frio é muito mais intenso, a tristeza muito maior. E a compreensão de tudo que lhe poderá acontecer dali por diante? Quase nenhuma. No coração do menino, apenas uma certeza: teria que estudar. Mas, estudar o quê? A B C... Um, dois, três... Dois mais um, igual a dois... Dois mais dois, igual a quatro...

Naquele momento, a única coisa que ele quer é a mãe. Mas o que lhe chega é a voz ríspida de uma inspetora noturna. E desta, nem o rosto ele pode vislumbrar.

-- Cala a boca, menino! Teu pai só vem nas férias!

-- ... Mas, o que é mesmo férias?, Pensa o menino. Quando serão essas férias?

Não tem resposta. Então, desiludido, chora, chora, chora! ... Finalmente, dorme. Sonha que está em casa com todos os irmãos. A mãe chega, passa-lhe a mão na cabeça e diz:

-- Meu filhinho, a mamãe te ama muito!, e todos cantam para ele.

De repente, tudo termina. Uma sirene altíssima o acorda às cinco horas e trinta minutos da manhã! A voz daquela inspetora da noite, ríspidamente, desperta-o:

-- Vamos, menino. Tens que levantar para tomar banho!

Todos os outros meninos, talvez uns vinte ou trinta, já estão levantados e fazendo tanta algazarra que, mesmo que quisesse, seria impossível ao menos um soninho a mais, por quaisquer dez minutos que fossem.

Sente falta da mãe, dos irmãozinhos, do pai (que, àquela altura, já deverá estar na roça...)... Triste, envergonhado e assustado, espreguiça-se e se levanta, finalmente, para entrar na fila e receber sua "escova de dentes" (Tudo novidade!).

A Inspetora marcava aquelas escovas com o nome de cada menino escrito num esparadrapo. E ela os ia chamando, um por um, para entregar a escova, já com a pasta de dentes nas cerdas.

Em seguida, um por um, os meninos iam para a enorme sala de banho. Sala não. Era um salão, com vários boxes de chuveiro em um dos lados. Em frente à porta, uma janela. Na parede oposta aos chuveiros, havia uma pia longa, de lado a lado, com várias torneiras.

A inspetora guia o menino novato para um dos chuveiros e abre a água sobre sua cabeça. O coitadinho dá um salto de susto e fica tremendo de frio.

O frio. Agora, não basta o frio d'alma sem a família, tem que enfrentar, todos os dias, aquele frio do banho matutino, sem direito a um chuveiro elétrico, sequer!

Em casa, só tomava banho de tardezinha e ainda era com água morna, numa bacia preparada, especialmente, pela mamãe.

A inspetora grita, a todo momento:

-- Zezinho! Esfrega esse calcanhar!... Jorge, esfrega esse bumbum!... Menino! Lava esse "piupiu"!... Passa o esfregão nesse pé!...

Finalmente, acaba o banho. Todos voltam ao dormitório, onde a inspetora distribui-lhes as roupas. Cada um recebe uma camisa e uma calça curta. Assim, o frio ainda permanece. Nem todos têm a sorte de ter casaquinhos. Aquele menininho novato, por exemplo, não trouxe um casaquinho.

Enfileirados, todos seguem em direção ao refeitório, para o café da manhã. O barulho é enorme. As escadas são de madeira e todos, de sapatos, provocam um grande ruído.

No refeitório, o menino novato fica mais assustado ainda. Aquele burburinho de vozes misturadas, canecas batendo numa mesa, todas as pessoas chamando-se a plenos pulmões.

O menino vê-se, pela primeira vez, num ambiente agressivo, amedrontador e ... sem a proteção da mãe. Ele tem apenas seis anos. Acaba de chegar de um lugar extremamente calmo, onde os maiores ruídos são sons naturais dos pássaros e dos animais criados por seus pais para consumo próprio. Nunca tinha nem imaginado que tanta coisa diferente lhe aconteceria em tão pouco tempo.

Até a véspera, seu café da manhã tinha sido Leite, fresquinho, daquelas vacas criadas por seu pai; mais Ovos, das galinhas criadas pela mãe. Café torrãozinho, em casa

mesmo, Bolo de Milho, Pão-de-Ló e Biscoitinhos, feitos pela própria mãe... Aquele "Pão-de-Minuto", que sua mãezinha fazia sempre e que o menino gostava tanto, agora, provavelmente, ele nunca mais teria... a menos que cheguem as tais férias. Ao invés daquela fartura gostosa, o que ele teve foi uma caneca de café com leite queimado, e um pão com margarina.

A cada decepção, chorava, chorava, chorava e lembrava-se daquela voz ríspida que ouvira no dia anterior:

-- Teu pai só volta nas férias!

... E continuava perguntando:

-- Mas quando serão essas férias?

Depois do Café, a inspetora noturna entrega todos os meninos à inspetora do dia, que foi, para o menino novato, a mãe que ele tinha perdido no dia anterior! Dona Áurea! Ela contava histórias para os meninos e aflagava a cabecinha daquele menino novato e desolado. Ele, até, já ficava mais conformado. Até se esquecera um pouquinho de esperar as férias!

Foi, pela primeira vez, à sala de aula. Ali, mais novidades: Conheceu a segunda fada de sua vida, depois que chegou naquela casa: a Professora Luzia Villela Pedras.

Dona Luzia, como a chamavam, era a autora da cartilha adotada pela Escola: "A Cartilha que eu esperava". Com essa cartilha, muitos meninos cegos foram alfabetizados, em Braille, e perceberam que, além de alfabetizar, aquela escola os preparava para viverem a vida, como cegos.

E o tempo foi passando... E aquele menino novato foi se acostumando a não ser mais tão novato!

Tudo ia bem, quando, certa vez, amanheceu com um frio maior do que nos outros dias. A inspetora, então, encaminhou o menino para o Serviço Médico, e ele teve que se internar, fato que era conhecido como "baixar a enfermaria".

A enfermaria era monitorada vinte e quatro horas por dia. Rapazes eram separados das moças. E, no caso das crianças, por serem sempre em número menor, ficavam internadas na mesma enfermaria dos rapazes maiores.

Passados uns três dias de enfermaria, o menino foi surpreendido, numa noite, por uma voz que dizia:

-- Eu sou a caveira!.

Aquela voz falava alongando as sílabas. E, mais tarde, apareceu outra voz, que se dizia ser o demônio.

O menino tremia, agora de frio e de medo.

-- Caveira... Demônio... Que virá depois?

E foi assim durante várias noites, até que o menino, coitadinho, não conseguia mais nem ir ao banheiro... defecava e urinava na cama mesmo!

O tempo passou, e o menino cresceu. Hoje, ele escreve este texto repleto de saudades daquele tempo sofrido, mas que representou, para ele, o pontapé inicial para ser um cidadão!

Salvem o Instituto Benjamin Constant!

Salvem a escola especializada, que ora agoniza ante aqueles que defendem um programa louco de inclusão educacional, sem pensar na necessidade de eficiência dos que precisam ser, sempre, melhores que os melhores, se quiserem conquistar posições relevantes na sociedade.

Hoje, no Brasil, os cegos contam com a lei de "reserva de mercado", que, na maioria das vezes, é cumprida pelas empresas tão-somente para não pagarem a multa prevista naquela lei.

Quantos estão "empregados", mas desrespeitados no direito de ter o trabalho como forma de crescimento pessoal?

A chegada de um cego numa empresa é alvo de curiosidade, tanto da parte dos colegas, como dos superiores. Passada aquela fase inicial (em que ele é visto como se estivesse numa vitrine, para satisfazer a curiosidade dos que nunca tinham tido a experiência de um contato direto, antes, com um deficiente), é relegado a uma posição de segundo plano.

Sem programas de treinamento ou planos de adaptação, os cegos permanecem impossibilitados de ter uma carreira ou crescer no trabalho.

Da forma como vêm sendo conduzidos os programas de formação, a concorrência com os videntes é sempre desigual. O preconceito, a dificuldade de acesso a materiais de estudos e a outras coisas mais, é evidente. Principalmente quando se trata dos cegos mais jovens, que, não tendo tido o salutar contato inicial com outros cegos, não estão imbuídos das vantagens que trazem os que tiveram aquele aprendizado. Aí a desigualdade é mais flagrante.

Essa aprendizagem de formação integral do cidadão cego para o trabalho, só a escola especializada pode oferecer.

Estes ditos que ora expresso não são um simples texto; são, sim, um pretexto, um grito em defesa das escolas especializadas. Elas podem, até, ter lá seus problemas.

Mas, sem sombra de dúvida, os benefícios são muito maiores e mais amplos que os prejuízos educacionais da não formação dos cegos do Brasil. Os cegos sabem disto, pois sentem isto na própria pele.

Agora mesmo, estamos vivenciando o lançamento de um programa de computador que edita partituras em Braille, o que é maravilhoso e estávamos precisando mesmo. Acontece que, curiosamente, as duas pessoas envolvidas na criação do programa não são cegas: O Nosso querido Professor Antônio Borges e a Professora Dolores Tomé, que é filha de um cego. Por que é que não há cego envolvido nesse projeto? É, simplesmente, porque não existe mais ensino de música no IBC.

Uma vez, buscando na página do Instituto, baixei um vídeo que mostrava o ensino de música naquela casa. O vídeo a que assisti, e que apresentava demonstração sobre o Ensino de Música do IBC, é o que fazíamos nas recreações, quando eu era criança lá. Chamávamos aquela atividade de "Bandinha".

Uma casa que já formou Sidney Marzullo, Severino Campello, Carlos Hembek (pianistas), Paulo Guedes (maestro) e muitos outros, no passado, hoje não tem mais nem professor de música!

Onde estão os vários Instrumentos musicais -- violões, pianos, harmônio de pedal, acordeões -- do Instituto Benjamin Constant? Sem falar numa Banda de Música, completa

-- trombone de vara e de pistons, saxofone, tuba, bombardino, trompete, clarinete e muito mais? E aquela Banda -- de guitarra, baixo elétrico, bateria completa

-- dos idos anos em que estive lá e que tanto nos ajudaram a produzir nossos inesquecíveis festivais de música, onde estão?

Penso que as autoridades brasileiras, com essa história de inclusão daqui, inclusão de lá, abriram uma enorme lacuna administrativa, que permitiu a ação dos mal-intencionados, oportunistas, que vêm, pouco a pouco, saqueando as escolas especializadas. Refiro-me, mais diretamente, ao nosso querido Instituto Benjamin Constant.

Onde estão as vagas dos professores cegos que, durante tanto tempo, transmitiram diretamente aos pupilos, também cegos, suas experiências de vida? Estes, agora, em vez de estarem educando os mais novos, têm como única chance de sobrevivência, a submissão a um programa infame de inclusão, que só serve às capitais, mascarando, assim, o abandono cultural que vem sofrendo nosso segmento.

Vamos recuperar as vagas de professores cegos, no IBC! Ele é nosso e nós o estamos entregando, sem qualquer resistência! Vamos exigir que os cegos sejam educados com condições de defender seus direitos, sem ter que esperar a "caridade" social de uma reserva de vagas que não os engrandece em nada. Nem serve pra matar a

fome, pois os salários oferecidos para cegos são ínfimos e, a grande maioria, passa a vida inteira e não sai da condição que tinha quando ingressou naquele emprego.

Então, gera aquele ciclo muito conhecido: a empresa obedece à lei, pois "empregou alguns ceguinhos e se livrou da multa"; o cego ganha um salariozinho, que dá pra defender o pão de cada dia e trabalha na empresa, ou não, tornando-se um objeto de cumprimento de lei. A empresa finge que emprega, o cego finge que trabalha: ao final, finge-se que tudo dá certo!

Isto é dignidade? É cidadania? Há que se dar um basta nisto!

Neste sentido, deposito minha confiança na Associação dos Ex-Alunos do Instituto Benjamin Constant (O Instituto que foi a Primeira Escola Especializada em Educação de Cegos na América Latina, modelo de educação especial para o mundo todo, hoje entregue ao inimigo).

Rua com esses bastardos!

OBS.: Se o ciclo continuar, como demonstra a história atual, a Associação dos Alunos do IBC também vai-se acabar, pela ação natural do tempo!

15. ENTRE TUDO E NADA

JOSÉ WALTER DE FIGUEIREDO

Ainda que ditadas pelo óbvio, não há como escapar destas observações:

Entre o tudo e o nada, há o pouco, o muito pouco e o nem tão pouco assim, e os amblíopes, na diversidade e na variedade de seus modos de ver (e mesmo de não ver), são dos que mais têm chance de entender do que seja falta de identidade.

Não ser cego nem vidente (denominação dada a quem tem visão plena) nos deixava, como alunos de um colégio de cegos, na situação dos reis, a se levar em conta o dito "em terra de cego, quem tem um olho é rei", embora haja controvérsias, pois alguns entendem que "em terra de cego, quem tem um olho é 'escravo'".

Tanto por minha vivência como aluno do Benjamin Constant quanto pelas histórias a mim narradas sobre outros amblíopes, também ex-alunos, as quais iam desde aqueles que se fizeram posteriormente motoristas de ônibus até quem fosse capaz de, estando num elevador, começar a jogar beijinhos para uma criancinha no colo de uma mãe, querendo naturalmente ser simpático, e acabar, não sei bem como, descobrindo que o suposto neném não passava de um ramo de flores, pude observar que os amblíopes se deparam com questões de relacionamento não tão bem resolvidas como as dos cegos totais, por ser a deficiência destes visível, e a deles, nem sempre, havendo na ambliopia, além de diferentes gradações visuais, o fator individual do bom ou mau aproveitamento da visão central remanescente.

Alguns têm, por exemplo, uma visão lateral excelente; outros, não. Mas, mesmo com um elevado percentual de visão, a deficiência do amblíope poderá impedi-lo de ver algo, o que fugirá à compreensão de quem enxerga normalmente. Além do mais, a própria relação de cada um deles com a cegueira, ou com a visão, será diferente, podendo haver os que prefiram passar por cegos com habilidades inacreditáveis, como aquele nosso amigo, tido pelos vizinhos como cego, sem que, no entanto, deixasse de tomar parte nos jogos de futebol das outras crianças.

Em razão disso, certa vez levou alguém, que assistia à pelada da qual ele participava, a uma emoção quase fatal, quando o viu subir para cabecear uma bola. Contava o jogador que o homem interrompera a partida, abraçando-o aos prantos e dizendo que "deus existia", ou coisa do gênero, ditada pela própria imaginação, que supunha o cabeceador completamente cego.

Há, contudo, os que optam por mostrar-se videntes, como aquele que se propôs a indicar o ônibus a um amigo cego e acabou por fazê-lo chegar a lugar totalmente diferente do pretendido. Pior: o amblíope, conversando posteriormente com o outro e sabedor do ocorrido, não conseguira admitir o acontecimento como decorrente de sua deficiência.

Entre os amblíopes, havia os mais chegados aos cegos e os mais distantes. O mais comum era que, dentre os quase cegos, se encontrasse um número maior dos mais chegados a estes, Embora houvesse, também entre os quase videntes, os que não faziam distinção nas escolhas das amizades. Tanto assim que um dos ex-alunos do Benjamin Constant, que mais tarde conseguira tirar sua carteira de motorista, muitas e muitas vezes saiu por aí com o próprio carro cheio de cegos a farrear.

Quando cheguei ao Benjamin Constant, ali pelos nove anos, era um amblíope, embora jamais tivesse ouvido falar no que seria isto. Não sei quando exatamente me terei dado conta desta condição, pois em casa tal diferença não me impedia de fazer coisa alguma. Na escola, sim, isto se evidenciou; e, graças a esta evidência, surgiu a solução daquele problema: minha ida para o Benjamin Constant.

Pareceu-me estranho descobrir que existiam indivíduos completamente cegos, talvez porque muitos deles apresentassem comportamentos esquisitos, do ponto de vista estético. Estes, em geral, traziam outras deficiências associadas à cegueira, mas, para uma criança, isto não fica claro. O pior é que aquilo acontecia e parecia algo que tivesse de ser assim mesmo, pois não havia, por parte do Instituto de então, qualquer providência no sentido de minimizar aquilo, de orientar os cegos sobre como deviam sentar-se, comer e andar, mantendo a cabeça levantada e sem rodá-la de um lado para outro; enfim, correção dessas posturas que na verdade afastam o cego dos ditos normais. Para não ser injusto, em algumas ocasiões um ou outro inspetor tinha esta preocupação, mas quase sempre por iniciativa pessoal.

Durante um curto período de tempo, tentou-se implantar uma rotina no sentido de orientar-nos quanto ao comer de forma correta, quando utilizávamos inclusive bandejas. Muitos banhos de feijão aconteceram, visto nem sempre haver inspetores para encaminhar os alunos cegos a uma mesa vaga. Por isso, logo, logo se voltou à rotina dos pratos e do salve-se-quem-puder quanto à postura no modo de se alimentar.

Entendo que em nosso país as escolas especializadas sejam uma necessidade, e quem pensa implodi-las vai criar muito mais problemas do que soluções, mas é preciso que enxerguemos suas falhas, a fim de corrigi-las. reconheço muitas melhoras, como a integração através do esporte, com incentivos do governo, inclusive dando bolsas aos que tenham melhor desempenho, algo absolutamente impensável na minha época de benjamim Constant, quando a prática de esporte se resumia ao futebol e, mesmo assim, por iniciativa dos próprios interessados ou de alguém dentre eles com espírito de liderança, que punha alguma ordem naquela grande bagunça.

Seu nome era Mazinho, ou pelo menos assim o chamávamos. E, numa prova de que, muitas vezes, a teoria é desmentida pela prática, ele, completamente cego, comandava nosso time de amblíopes, determinando até mesmo substituições. Era uma verdadeira chaminé! magérrimo, parecia alimentar-se de cigarros, mas seu espírito de

liderança se mostrava altamente eficiente quando dirigia um grupo de amblíopes, dentre os quais havia indivíduos que eram verdadeiros marginais em formação.

Muitos não tinham qualquer escrúpulo em se aproveitar e reinar como déspotas naquela terra de cegos, fazendo barbaridades, como estapear os mais fracos ou cegos que não conseguiam agarrar, tomar sobremesa de quem não podia reagir, mas a ele, Mazinho, todos respeitavam.

Não sei tudo sobre como ele arranjava as bolas para os jogos. Lembro-me, porém, de que ele preparava algumas listas, nas quais as pessoas assinavam o quanto podiam ou queriam dar. Estas eram passadas por alguns de nós, sob suas ordens, entre funcionários e também pessoas da rua, chamadas através dos portões gradeados, que facilitavam bastante.

Naquele tempo, as bolas exigiam cuidados hoje desnecessários. O material era couro e ele, Mazinho, determinava qual de nós iria passar sebo na bola, o que era feito a fim de conservar o couro, e este ficaria responsável também por tomar conta dela até que secasse ao sol. Geralmente, a bomba que usávamos para encher a bola ficava com o próprio Mazinho, talvez como um exercício do poder, já que não se joga com ela vazia, é claro!

Naquele dia o escolhido fui eu. Teria de passar sebo na bola e, após colocá-la para secar, devolvê-la a ele. A parte do sebo até foi fácil, embora incômoda. esperar, porém, que ela secasse, para um garoto cheio de energia e que não sabia ficar parado, isso era mais difícil. Deixei a bola num dos gramados ao sol e, por qualquer motivo de que não me lembro muito bem, dei uma saidinha. Quando voltei, pronto!... Cadê a bola? Procurei bastante, perguntei aqui e ali, e nada! Nem mesmo coragem para falar que ela havia sumido me aparecia, até que o próprio Mazinho veio me perguntar pela bola, e... Bem, não tive outro jeito a não ser contar-lhe o ocorrido. Ele ficou furioso e disse que eu teria de comprar outra bola, teria, enfim, de dar um jeito. Disse que, em último caso, chamaria meu responsável, que teria de arcar com a despesa. Fiquei num beco sem saída e naquela tensão durante uns dois dias, quando alguém apareceu com a dita bola. Um colega, ao vê-la ali, coitadinha, triste e abandonada num gramado, pedindo para ser agarrada, levava-a consigo, deduzindo o acontecido e comunicando-o ao Mazinho. Este quisera me dar um susto, e de fato conseguiu.

Um outro episódio que me ocorre, numa demonstração de como, nas comunidades fechadas, a força está na liderança, é o seguinte:

Um dos comandados do Mazinho era um negão bem mais forte que ele; aliás, bem mais forte do que qualquer um de nós. Era bastante simpático e adorava fazer presença com as meninas e, para usar um termo da época, dizíamos que era "cartoso", quer dizer, do tipo que gostava de se gabar. Ele estava com um grupo de meninas jogando lá seu charme e oferecendo a elas uns doces. Alguém informou ao Mazinho. ele se aproximou e chamou:

-- Fulano, Vem cá!

Ele respondeu, demonstrando ligeira rebeldia:

-- pera aí, Mazinho!

O outro repetiu o chamado de modo mais veemente, ao que ele respondeu, rebelando-se de vez.

Aquilo, porém, não ficaria assim, e Mazinho reuniu um grupo que, cercando o outro, trouxe-o à presença de Mazinho, que começou a inquiri-lo quanto a seu procedimento rebelde. Ante a resposta um tanto atravessada do negão, Mazinho agarrou-se a ele, que saiu correndo praticamente com Mazinho nas costas e dando-lhe socos, que nem sei se chegavam a ser tão contundentes assim, dada a compleição invejável do negão e a falta de força do Mazinho. Mas, mesmo assim, o outro, correndo, ia gritando:

-- Socorro! Socorro! Perdão, Mazinho, perdão!

A cena hoje me parece cômica, como também o era Mazinho à beira do campo, dirigindo o time de amblíopes, que, vez por outra, jogava contra times vindos de fora. Informado por alguém de que fulano tinha feito uma jogada errada ou estava jogando mal, dizia:

-- Fulano, sai! Sicrano, pega a camisa e entra no lugar dele!

16. HISTÓRIAS DO CASARÃO ROSA DA PRAIA VERMELHA

RUBEM MONTEIRO BASTOS

Quando criança, para mim, sempre foi difícil entender o que se passava com minha visão comparativamente à dos outros: eu sentia uma atração incontornável por qualquer claridade, principalmente por lâmpadas acesas. Meu pescoço ficava torto, e minha cabeça balançando à procura da luz. Nas minhas andanças, nunca achava dinheiro no chão; lá no céu, não via as pipas "debicando". Sentimentos horríveis me atormentavam, e eu, deveras, sofria muito.

Foi aos sete anos que comecei a ter problemas na escola regular, devido a lesão na mácula, miopia, astigmatismo, atrofia do nervo óptico, retinose, e tudo o mais.

-- Quem acabou, feche o caderno -- dizia a professora da Escola Primária 12-8 Sarmiento, no Engenho Novo. -- E eu nem sabia se ela havia escrito alguma coisa no quadro-negro.

-- Você precisa passar a tesourinha na dobradura certa.

-- Que dobradura? -- Perguntava.

E essas coisas continuaram acontecendo:

-- Você é uma pessoa muito metida! Cumprimentei você ontem do outro lado da rua, e nem "tchum!"

-- Estou com a mão esticada, cumprimentando você!

-- Aí, palhaço! Estou trabalhando, não estou brincando de parar o ônibus pra você!

-- Desculpe, eu não vi.

E por aí vão os percalços de quem, em decorrência da visão subnormal, pode, até, envolver-se em situações bastante embaraçosas, como, por exemplo, a de abraçar a pessoa errada, tentar explicar-se e julgarem suas desculpas não convincentes.

Às vezes, eu pensava que o cego já encontrava o mundo pronto, enquanto o amblíope tinha de fazê-lo.

Depois de longa peregrinação por vários hospitais e clínicas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, e devido à atrofia do nervo óptico, os médicos me condenaram, inapelavelmente, à cegueira, o que originou, além de grande tristeza em mim, constrangimentos nas relações sociais e mesmo familiares. Esses motivos levaram minha mãe, Dona Conceição, a procurar uma escola especializada e, já aos quinze anos,

numa consulta oftalmológica com o Dr. Herculano, no IAPI, centro da cidade, ele indicou o Instituto Benjamin Constant, colégio para cegos e amblíopes.

Fui conhecer o Instituto antes de me tornar aluno interno. Ficava na Praia Vermelha, em frente ao Iate Clube do Rio de Janeiro, entre os bairros de Botafogo e Urca. Pude observar a grandiosidade do prédio, a começar por uma escadaria de subida cansativa, a qual marcava a imponência da construção. A fachada era muito bonita. O saguão, localizado no segundo andar e guardado pelos bustos de Xavier Sigaud e Valentin Haüy (ilustres benfeitores ainda por mim desconhecidos), e as paredes cor-de-rosa davam um clima bem alegre ao ambiente.

À direita de quem entrava pela portaria, viam-se os corredores do Serviço Médico, onde reencontrei o Dr. Herculano, que foi logo viabilizando a minha matrícula. No corredor oposto, encontravam-se: a barbearia, as salas para aulas de piano, a sala para aulas de trabalhos manuais e a de afinação de piano; havia, ainda, as oficinas de colchoaria e vimaria.

À saída para o pátio, onde se escutava o serviço de alto-falantes, havia uma cobertura de laje, para proteção nos dias de chuva. Do pátio, podia-se entrar para um dos três refeitórios: o dos meninos, o das meninas e o dos funcionários.

Numa área do pátio externo, então chamado pelos alunos de "parque", funcionava a Imprensa Braille, com infraestrutura suficiente para garantir a produção ou transcrição, assim como a distribuição gratuita, para todo o país, dos livros didáticos adotados pelo Instituto, da Revista Brasileira para Cegos (RBC) e de Pontinhos, revista infanto-juvenil.

Ao lado da Imprensa, cujo muro, bastante alto, dava fundos para a Rua Xavier Sigaud, havia um grande campo de futebol e bolas com guizos, próprias para cegos.

Mas era no segundo andar que aconteciam as aulas diárias dos ensinamentos primário e ginásial: aquelas no lado masculino (corredor de madeira à direita do saguão), estas no setor feminino (piso regular à esquerda dele). Em ambos os setores, havia um piano para estudos em cada sala.

Na parte central do terceiro andar, funcionava uma cantina da Polícia Federal, onde se viam homens com corpos todo marcados por balas.

Numa outra sala, o maestro Heitor Villa-Lobos ministrava aulas aos alunos do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, do qual também era diretor.

Tomando-se por referência a posição oposta ao Iate Clube, o dormitório masculino ficava à direita do prédio, e o feminino, à esquerda, ambos com saídas para a rouparia, onde cada um era reconhecido por seu número de matrícula. Neles, alunos e alunas eram separados por suas idades (menores, médios e maiores), ficando sob a responsabilidade de inspetores ou inspetoras.

Nos três andares a música fluía. Fui conversando com alunos e funcionários, tomando conhecimento de tudo o que influenciaria minha adaptação.

Não conseguia compreender direito como eu ia estar ali naquele ambiente em que as pessoas esbarravam nas pilastras, enquanto eu não precisava pôr a mão na frente do corpo para poder caminhar. Nunca podia supor que toda uma vida de vitórias iria ser construída nesse mar de perguntas que ficavam sem respostas, sempre sem respostas para mim.

Já aluno interno do Instituto, em 1960, mesmo apresentando meu certificado do curso de admissão ao ginásio, a professora Benedicta de Mello me fez voltar à segunda série primária para aprender o Braile. Ela viria a me reprovar no fim do ano e também na segunda série ginasial.

Malgrado os contratempos, a música abundante no dia-a-dia da escola me cativava cada vez mais e, através das lembranças das festas e saraus com gente "bamba" que aconteciam na minha casa, eu podia ver como fora determinante essa musicalidade em família.

Quando vi aquele piano pela primeira vez, fiquei fascinado. Começava ali minha paixão pela música. Todo tempo que eu tinha, dedicava à combinação das teclas pretas e brancas.

O professor Antônio dos Santos me estimulava muito com os objetivos da educação musical, tendo em vista que esta é de real importância para o desenvolvimento e formação do ser humano. Em sua opinião, era através dela, principalmente na parte instrumental, que o deficiente da visão teria grande chance para competir no mercado de trabalho. Dizia o professor que a única realização social do ser humano advém de sua vocação para o trabalho que executa. Para ele, o importante era despertar o gosto pelo instrumento e levar o educando a um desenvolvimento pleno de sua capacidade artística. Eu achava esses objetivos muito empolgantes.

Numa daquelas tardes rosadas, eu pude sentir um clima musical de grande espiritualidade: O professor de harmonia, Pedro Petrone, mostrava seus modelos de encadeamentos de acordes. Isso já despertava Paulo Felicíssimo Ferreira e José d'Assunção Rocha para o movimento da Bossa Nova.

Uma voz bonita de barítono ecoava pelo corredor de madeira, misturada com um som de clarinete vindo de outra sala, dentre outras tantas que tinham piano. Era o ex-aluno Carlos Augusto Damasceno Duarte, filho de Dona Maria Pia, assistente social do IBC, e irmão de Marco Antônio, professor de piano. O clarinete era de José de Paula Cortes.

O professor Carlos Lavalos mostrava como era o estilo musical tocado na boate "Forno e Fogão". Nos corredores, ouviam-se os solfejos, em quaisquer tons, entoados por Ederval Daltro dos Santos e aprovados pelos ouvidos absolutos de "Major" e "Doutor", Sem falar no "Coral de Prata", dirigido pelo grande maestro Sidney de Souza,

que, por meio de seu piano genial, era quem mais divulgava e elevava o nome da Escola na sociedade brasileira. Todos eles enchiam as salas e os corredores rosados de muitos e muitos sons.

Uma explosão de tantos talentos se dava nessa época no Instituto Benjamin Constant, e o Educandário incentivava a qualificação profissional dos alunos cegos e de visão subnormal. Não só pianistas, mas outros instrumentistas também fizeram parte desse "Boom" profissional: Sebastião Rui Gorito, José Soares de Paula, Antônio Leite, Valdivino Alves da Silva, Rodolfo, Sebastião Geraldo de Souza, Carlos Hembeck, Paulo Silva Santos, Américo Cerqueira e muitos mais de outras safras pontificavam com profissionalismo musical.

A formação musical da Escola privilegiava os alunos com cerca de vinte professores, estimulando desde cedo seus promissores talentos, e, com a prática das metodologias recebidas, eles expressavam, cada vez mais, o nível qualitativo dos diversos cursos de música do Educandário, o que por certo justificava uma das finalidades para as quais o Instituto Benjamin Constant fora criado.

Tal pensamento metodológico era esposado por todos os professores. Assim, Zélia Autran transmitiu os conhecimentos eruditos do piano a Carlos Hembeck, Sebastião Geraldo de Souza, Rubem Monteiro Bastos e Kate de Queiroz Costa; Zulmira Saraiva da Cruz ensinou a Sidney de Souza, Severino Ramos Campelo e Carlos Ignácio câmara; Marco Antônio Damasceno Duarte, a Romeu França Salgado e Celso Castro; e João Freire de Castro, a Paulo Romario Menezes de Souza.

Benno Arno Marquardt, professor de teoria e solfejo e responsável pelos revisores de transcrições musicais, ensinou a Maria Aparecida da Silva Rangel e Léa da Conceição.

Finalmente, impossível esquecer a maestria do professor Paulo Guedes de Andrade, de cuja banda "Furiosa" surgiram: os trombonistas Cipriano Ferreira dos Santos e Antônio Leite; os sax-tenores de José d'Assunção Rocha, Ederval Daltro dos Santos e Flávio da Matta Freire; Os sax-altos de Severino Ramos Campelo e Flávio Augusto da Costa Queiroz; os Clarinetes do Lorival e do José de Paula Cortes; O bombardino de João Luiz Lannes; os trompetes de Valdivino Alves da Silva e Rubem Monteiro Bastos e a Tuba de Sidney de Souza.

Nesse ambiente de verdadeiro ecletismo musical, favorecido pelo acesso relativamente fácil a uma imensa variedade de instrumentos, fui moldando meus estudos iniciais.

A disciplina era rigorosa nesse colégio misto: uns vinte inspetores, masculinos e femininos, de dia e de noite. Horário pra tudo, desde as seis refeições, até o horário de dormir, tamanha era a responsabilidade pela integridade dos alunos. Mas, sempre dava tempo para as pesquisas musicais.

Uma vez, eu estava treinando a harmonia de "All the way", quando senti que alguém me observava. Era o baixista do conjunto que tocava para dançar no "Clube Social Amantes da Arte". Ele gostou muito do jeito como eu tocava e me convidou para "atacar" no seu conjunto; mas avisou:

-- Terno e gravata!

Aceitei de imediato e contei tudo pro meu pai, que não entendeu bem, mas comprou um terno pelo crediário da "Ducal" (uma loja de roupas masculinas).

Como, porém, eu ia fazer para sair e "atacar" às oito da noite, com aquela disciplina tão rígida? E, pior ainda: Um novo chefe, o terrível Dr. CALASSA, estava pra chegar, enviado pelo Ministro da Educação, e ia "botar pra quebrar". Os inspetores estavam inquietos. Expectativa geral: quase pânico!

No dia da minha estreia, duas horas antes, chamei o Lacy da Silva Souza e o Celso Leonel pra me darem "cadeirinha", enquanto o Ênio Martins de Paula segurava a bolsa com meu terno, e pulei o muro cor-de-rosa da Imprensa. Fui lá pra Rua da Passagem 101, em Botafogo (endereço do "Amantes"), onde fui bem recebido, mudei a roupa e "ataquei".

Eu errava muito, e o pessoal relevava. Mas, na hora do tango (momento especial), tocaram o "Inspiración" e, num trecho desse tango, o piano tinha de se exibir sozinho. Aí, eu também parei, só ficando aquele som dos calçados dos bailarinos no salão: #"xui, xui, xui...". Foi uma risada geral.

No final me pagaram direitinho, mas disseram que eu estava muito "verde" e não precisava mais voltar. Fiquei fulo da vida, disse que tinha gasto muito dinheiro e achava tudo aquilo uma palhaçada! Frustração geral!

Eles me trouxeram até o muro da imprensa e disseram que dali a seis meses voltariam a me chamar.

Pulei o muro de volta e esperei pelo caminhão do leite, às cinco horas. Quando ele chegou, "Seu Zé", vigia da copa, abriu a porta. Numa distração deles, entrei passei pelos refeitórios, subi as escadas de madeira que davam lá na "Maloca" (dormitório dos ex-alunos bolsistas), pulei o banheiro dos menores, que tinha parede comum com o dos maiores, e fui pro dormitório 1.

Fui tomar aquele banho frio (só havia isso): estava quase na hora de levantar. Mas, quando voltava do banho, o inspetor Fernando Accioli me perguntou:

-- Onde é que você estava? Fiquei à sua procura a noite toda.

-- No banheiro. Passei a noite toda com dor de barriga -- disse.

Desconfiado, ele queria dar parte, mas apenas me repreendeu.

Numa tarde, pedi ao Lacy que cantasse pra eu acompanhar músicas da Bossa Nova, o movimento musical que estava mudando o comportamento das pessoas, o modo de elas pensarem e revolucionando o mundo. Pedi ao José Soares que me ajudasse com sua bateria nos ritmos variados. Estudei bastante, ensaiei horas a fio e me dediquei aos tangos, empenhando-me, ainda, nas variações e improvisações.

Numa outra tarde, fui chamado à portaria. Era o baixista de novo, cumprindo a promessa que fizera de me relançar na vida profissional. Maravilha!

Pulei o muro cor-de-rosa mais algumas vezes; um dia, porém, decidi tentar, com a ajuda do professor Antônio dos Santos, que parecia me proteger, uma entrevista com o novo chefe de disciplina, Dr. #Callassa. Com jeitinho, falei do meu problema profissional, e ele disse que minha maneira de tocar lembrava Alexander Brailovski, pianista russo (1896-1976), e me concedeu saída às quartas-feiras. Era o que eu queria.

Recomeçava ali, a trilha sonora do filme da minha existência. Além de tocar no "Amantes", participei de "Jam Sections" de jazz no Colégio Juruena, e apresentações de Bossa Nova no Clube Fluminense; ganhei o prêmio de melhor conjunto de Niterói, em 65, patrocinado pela Revista Gaivota de Niterói; participei do Conjunto "Parada 5", grupo exclusivo do programa Do Haroldo de Andrade, na extinta TV Tupi; toquei no Dancing Brasil, junto com a Virgínia Menezes (minha atual companheira); conheci o Brasil inteiro tocando no show "Chico Total"; fui diretor musical no show da Cláudia Raia; viajei para o exterior, onde pude divulgar a música brasileira; gravei com muita gente; toquei nas melhores casas noturnas do Rio de Janeiro, inclusive na Sala Cecília Meirelles, com a Rio Jazz Orquestra. Dinamizei bastante o meu curriculum de músico profissional.

No aspecto acadêmico, obtive Licenciatura Plena em Educação Artística, na Universidade do Rio de Janeiro, onde fui ajudante do professor Rui Vanderlei, na regência do coral da Faculdade. Tive aulas de orquestração e composição com o maestro Guerra Peixe. Fiz algumas revisões de músicas barrocas para a orquestra Ribeiro Bastos, supervisionadas pelo professor e maestro José Maria Neves.

Hoje, com base em toda esta remontagem histórica, agradeço a Deus do fundo do meu coração, no qual encerro a gratidão de ter sido aluno deste educandário e ter usufruído dos nobres objetivos que ensinaram a criação do IBC, onde, com prazer e honra indescritíveis, pude reger o coral dos alunos, em 1994-95. E, ladeado pelos professores Mayá Devi de Oliveira, Renato Monard da Gama Malcher, Edison Ribeiro Lemos, Antônio Carlos Rodrigues Torres Hildebrandt e Leonídia dos Santos Borges, pude, com muita humildade, tornar-me, também, professor da escola que me deu tudo quanto eu queria, para poder dar continuidade a esta tradição educacional.

Viva eu nesta plêiade de educadores!

17. "I DON'T GO SING!"

RITA DE CASSIA FRANCO FERREIRA

Nosso IBC foi e continua sendo palco de muitas histórias, quer fatos engraçados, tristes ou mesmo situações interessantes, que mostram a capacidade de superação das pessoas. Enfim, acho que todos que passam por nossa "escola-casa", de alguma forma, têm algo que mereceria ser registrado. Quanto a mim, vou relembrar fatos vividos ao lado de minha adorável turma da 2ª fase do 1º grau, grupo amigo, divertido e -- não posso deixar de dizer -- bastante barulhento.

Certa manhã, desci para o café com Eliane. Antes de irmos ao refeitório, porém, queríamos deixar o material já guardado em nossa sala de aula. Passamos pela mesa das inspetoras e, quando começávamos a andar pelo corredor da 2ª fase, encontramos Neyde, irmã de Eliane, que voltava agitada:

-- Voltem! Voltem! Não dá pra ir até lá. O corredor está todo cagado!

Voltamos rindo muito, obviamente, e a nos perguntar quem teria feito aquilo. Isso, aliás, nunca ficamos sabendo de fato. Tomamos nosso café da manhã e, com a situação já normalizada, corredor limpo, pudemos ir para a sala e as aulas transcorriam normalmente.

No terceiro tempo, era aula de Geografia, com a saudosa Profa Marieta. Marieta era jovem, alegre, muito brincalhona e, como costumávamos dizer, falava nossa língua. Nesse dia ela chegou e fez a chamada, como de costume. Depois perguntou, demonstrando certa preocupação:

-- Irani, você está melhor?

Irani assustou-se:

-- Eu?! De quê, Marieta?

-- De manhã, quando cheguei, o corredor estava todo sujo, e me disseram que foi você...

Não preciso dizer que foi aquele escândalo de risadas e mais: foi difícil acompanhar aquela aula de Geografia.

Voltemos agora a abril de 1985 e vejamos o que aconteceu em nossa 7ª série A.

Nesse mês, duas alunas completavam quinze anos: eu, no dia 15, e, no dia 17, uma colega, que aqui chamarei de Maria. Meu aniversário seria comemorado na casa de minha irmã, com quem eu morava. Haveria um lanche, um bolinho, e convidei a turma toda.

Com Maria, porém, seria diferente. Ela teria uma linda festa, com missa, salão decorado, homenagens, valsa, enfim, tudo a que tem direito uma debutante. Maria, porém, só convidara a mim e mais duas colegas da turma. Ela fora discreta ao nos entregar os convites, pedindo-nos que não comentássemos, pois os demais colegas não seriam convidados.

Foram convidados para a festa todos os professores de turma e de outras atividades que Maria frequentava, como música e educação física. Desse modo, alguns professores, como não sabiam da situação, acabavam comentando em sala:

-- Maria, seu aniversário é no dia 20, não é?

A menina, ingênua, respondia:

-- Não, é dia 17.

-- Mas no convite está dia 20...

Percebendo a situação, a menina respondia entre os dentes:

-- A festa é dia 20, mas o aniversário é dia 17...

Por essas e outras, a turma acabou sabendo da festa e ninguém gostou de ter ficado de fora. Por um lado, adolescentes que eram, queriam mais era um motivo para sair no sábado à noite. Além do mais, não entendiam por que não iriam à festa, já que a turma era unida, os alunos sempre andavam juntos pela escola e Maria não tinha nenhuma briguinha com colegas. Mas ninguém comentou nada, deixaram quieta a história.

No dia 15, meu aniversário, tínhamos aula de Inglês. Nos minutos finais, D. Nilza lembrou a data e disse algumas palavras sobre os quinze anos. Falou da beleza da idade, até brincou que "depois dos quinze, passa rápido" e, por fim, pediu que a turma cantasse para mim o tradicional "Parabéns".

Ana Cristina era a mais espalhafatosa. Era como um arauto da turma. Quando queríamos encontrar alguém, pedíamos a ela:

-- Ana Cristina, chama o Fulano pra mim?

Ana Cristina fazia, sem cerimônia:

-- Fulaaanooo!!

Rapidinho o Fulano ouvia e aparecia...

Já sabendo disso, D. Nilza pediu a Ana que puxasse o "Parabéns". Estalando os dedos, a professora marcou o ritmo:

-- Um, dois, três: vai, Ana Cristina!

Minha irmãzinha, então, seguida pela turma toda, cantou aquele "Parabéns Pra Você..." bem escandaloso e animado, que provavelmente foi ouvido em boa parte da escola. Aliás, até hoje costumamos dizer que, quando Ana está em um aniversário, o "Parabéns" é sempre mais animado...

Dois dias depois, chegou o aniversário de Maria, e novamente tínhamos aula de Inglês. No final da aula, a cena se repetiu. D. Nilza lembrou a data e começou a dizer as mesmas palavras para Maria.

Enquanto ela falava, Eliane me perguntou baixinho:

-- Como é cantar em inglês?

-- "To sing" -- eu respondi.

D. Nilza ainda falava, quando Eliane disse alto, com sua voz meio rouca e daquele jeito típico de falar da família Melo, meio falando, meio cantando:

-- "I don't go sing!"

D. Nilza pediu que a turma cantasse o "Parabéns" e mais uma vez, convocou Ana Cristina:

-- Um, dois, três: vai, Ana Cristina!

-- Pa...

Silêncio! Ninguém acompanhou Ana Cristina.

A professora tentou consertar:

-- Pessoal, não deu... Vamos tentar novamente...

-- "I don't go sing!"

-- Vamos homenagear nossa amiga... Um, dois, três: vai, Ana Cristina...

-- Pa...

Novamente, o silêncio. A professora, meio sem jeito, perguntou:

-- Pessoal, o que está acontecendo? Há algum problema?

Ana Cristina respirou fundo e começou:

-- Bem, D. Nilza...

Pronto! Foi aquela confusão... Todos falavam ao mesmo tempo, todos queriam ser ouvidos:

-- Ela não quer a gente na festa dela...

-- Não convida a gente pra festa e agora quer Parabéns? É ruim, hein!

-- Se não sou digna de ir ao aniversário, por que tenho que cantar Parabéns?

-- Isso mesmo! Não canto e fim de papo!

A professora tentou acalmar a turma, dizendo:

-- Calma, pessoal! Calma! Se vocês pensam assim, tá bom, não precisam cantar! Mas vamos deixar pra lá, não vamos fazer isso com a colega...

Falou que a turma era muito unida, uma turma boa, que não deveria se deixar levar por isso, que tudo ia passar, que desculpássemos a colega, enfim, foi fazendo o que podia para tentar reverter a situação.

Como a aula já estava mesmo no final, os alunos pediam licença e iam saindo da sala. Mas professor que se prese não perde nenhuma oportunidade e D. Nilza não fugia à regra. Assim, terminada a confusão e ao som da estridente campainha que indicava também o término da aula de Inglês, a professora não perdeu tempo: antes que Eliane escapulisse, chamou a aluna e falou, com seu jeitinho calmo, colocando levemente a mão sobre o braço de minha amiga:

-- Eliane, minha filha... Só me permita fazer uma pequena correção: não se diz "I don't go sing"; o correto é "I'm not going to sing..."

E ainda conseguiu, sabe-se lá como, dar brevíssimas explicações sobre o "Present Continious..."

18. O ANIVERSÁRIO DO GENERAL

MÁRCIO DE OLIVEIRA LACERDA

O regime disciplinar no IBC, nos anos de chumbo, era, deveras, bastante rigoroso. Nós só escapávamos de todo o seu rigor por sermos integrantes do jardim da infância. O então coronel Newton Gonçalves da Rocha, diretor de 1977 a 1979, inclusive nos brindava, com jeito de bobo -- daquele que os adultos fazem para agradar as crianças --, com algumas historinhas, ou melhor, com uma que ele vivia repetindo e, por incrível que hoje me possa parecer, agradava muito a nós, infantes com menos de sete anos de idade.

A partir dos menores, isto é, quando nos tornávamos maiores de sete anos, até atingirmos a idade de 10 anos, éramos obrigados a nos sujeitar a todos os mandamentos daquele regime. E nós, de certa forma, já contaminados pelo sistema que afligia toda a população brasileira, costumávamos, por brincadeira, muito embora de mau gosto, nos organizar, inspirados nos militares, num batalhão, em cuja hierarquia o posto mais elevado era o de general.

O critério definidor do ocupante do posto hierárquico mais alto não podia ser outro senão o da força e, para externá-la, praticavam-se, sem falsos pudores, algumas maldades, inerentes àquela faixa etária, como os linchamentos, nos quais, diga-se de passagem, graças a meu prestígio dentro de nossa corporação, acredito, em razão de na ocasião ainda enxergar e de, também, ter-me insurgido contra nosso general com troca de sapatos, na qual não levei muito prejuízo, jamais fui vítima.

As atividades do nosso pelotão, em verdade, se resumiam a esses linchamentos, que se davam quando a inspetora, representante direta do comando maior, se ausentava para assistir à novela na TV das meninas, e consistiam em rodear a cama do executado a fim de baixar-lhe a borduna. Quando ela retornava, imagino, durante as propagandas, a operação era provisoriamente dissolvida, com os comandados voltando às suas bases.

Nosso general, porém, talvez para manter sua fama de mau, costumava, à paisana, transgredir as normas disciplinares, desafiando o comando maior, em cuja posição mais alta figurava um senhor tão gordo, que o apontavam como justificante de, num prédio com apenas três andares, dispor-se de elevadores, tanto mais que um dos dois únicos lhe era destinado para uso exclusivo.

O velho Souza, como era chamado entre nós, segundo corria a lenda, fora lutador de boxe. Não sei se daí vinha sua moral, mas poucas vezes vi alguém se impor com tanta autoridade. O seu grito de "oh, menino!" reprimia qualquer manifestação de insurgência ao regime a que éramos submetidos.

Naquele cenário militar, uma penalidade muito comum de ser aplicada, sem direito a "habeas corpus", era ficar sem saída, ou seja, além de não poder passar o final

de semana com os familiares, o infrator passava todo o cumprimento da pena na chefia de disciplina, o QG do comando maior, sentado numa carteira, provavelmente para ter eficácia nos que, oriundos de outros estados, já não saíam senão nas férias.

Nosso general, não se sabe se flagrado numa missão, ou se por outra infração, foi penalizado no final de semana em que completaria mais uma primavera, melhor dizendo, mais um outono, já que nascera em primeiro de abril. sua mãe, coitada, levou uma deliciosa torta de chocolate que adoçou não só a boca do general aniversariante e a dos demais integrantes da corporação, mas, igualmente, a dos alvos dos ataques.

Após a celebração, quando a mãe do general pretendeu extrair a papeleta que lhe daria direito a ganhar as ruas e rumar para casa, onde por certo continuariam a comemoração, recebeu a frustrante notícia de que o comandante estava sem saída. Ela bem que apelou ao Seu Souza. mas ele, inflexível, não revogou a pena. Ao general só restou chorar, em vão, e adiar a festinha por uma semana.

Confesso que tive pena, mas as vítimas dos linchamentos, com certeza, não. Partiram para suas casas, como diz o Apolinho, Washington Rodrigues, mais felizes que pintos no lixo, de barrigas cheias e almas lavadas.

19. O BANQUETE DOS RATOS

VALDENITO DE SOUZA

De aspecto colonial, o belo e tradicional prédio do Instituto Benjamin Constant (o "Casarão Rosa da Praia Vermelha" localizado na avenida Pasteur) acha-se oposto ao Iate Clube do Rio de Janeiro, o mais aristocrata clube social da cidade.

Neste tradicionalíssimo clube, historicamente, desfila a "nata" da fulgurante sociedade carioca. Além da pompa, o Iate Clube se destaca pelo extremo rigor na seleção de seus sócios, uma verdadeira "malha fina", na qual os pré-requisitos contemplam, exclusivamente, a elite aristocrata da antiga corte brasileira.

O mestre Izauro Camargo, um inesquecível e festejado professor de minha época de estudante do Benja, costumava nos brindar com histórias que davam uma ideia do rigor seletivo deste clube. Contava ele que Roberto Carlos, no auge da fama, tinha ido ao Iate Clube com a intenção de associar-se. Apresentou os dados pessoais e precisou aguardar dois meses para saber se fora aceito pela renomada agremiação. A proposta do Rei tinha sido rejeitada sem qualquer explicação. Segundo o mestre Izauro, os diretores do Iate Clube, após analisarem os dados pessoais de "Sua Majestade", concluíram:

-- Não vamos aceitar o Roberto Carlos como sócio. Primeiro, porque ele não tem tradição familiar e, depois, porque ele vai querer trazer o Erasmo, que vai trazer o...

Este reduto da outrora dominante "aristocracia tupiniquim" costuma oferecer banquetes sultânicos para seu seleto quadro social. Nesses eventos, apresenta-se, geralmente, uma estrela da música popular brasileira ou, então, algum astro internacional.

Em tais ocasiões, automóveis importados de vários modelos ficam estacionados na parte externa do clube. Os carros brilham ao longo da avenida Pasteur, ostentando o poder e a força da grana. Superlotam também as calçadas do Instituto, causando muitos transtornos aos cegos que por ali transitam. Os milionários membros da agremiação usam e abusam do estacionamento naquela área, ignorando completamente a fachada do Educandário, que exibe, com destaque, a emblemática inscrição: "INSTITUTO DE CEGOS".

Quando aluno do Instituto, ficava irritado com aquela conduta ostensiva e irresponsável, que despertava diversas formas de reações em todos nós, envolvidos, de algum modo, com o Casarão Rosa da Praia Vermelha.

Ao saírem das dependências do Colégio e sentirem seus movimentos tolhidos pelos automóveis estacionados ao longo da calçada, alguns colegas desferiam bengaladas para todos os lados, até pegarem seu rumo. Outros davam vazão a sua

revolta, arrancando as antenas dos belos modelos importados. Outros, mais encolerizados, costumavam urinar sobre os carrões, quando não faziam coisas piores.

Um grande amigo da época, dotado de visão subnormal, companheiro fiel de bares e noitadas, ficava furo da vida quando deparava com o transtorno. Ao sairmos para um giro, se defrontássemos com os luxuosos carrões irresponsavelmente estacionados na nossa calçada, ele, depois de vários improperios, vaticinava:

-- Quando voltarmos, a rua estará mais tranquila... Daremos um trato nestes carangos!

Tiro e queda: na volta, quando os gatos ainda eram pardos e, geralmente, os dois parceiros já se encontravam em adiantado "estado etílico", uma desgraça acontecia a alguma daquelas "maravilhas tecnológicas".

Certa vez, ao sairmos para visitar a Rita e suas meninas, uma indelével lembrança daquela época, na calçada nos vimos sob o cerco silencioso das imponentes máquinas de quatro rodas, cada uma mais linda e luxuosa que a outra. Furo da vida, meu companheiro deu vários chutes para os lados e falou:

-- Se aquele Mercedes azul, perto do orelhão, ainda estiver ali na volta, vai pagar pelo descaso e pela imprudência destes burgueses abusados!

Alta madrugada, voltamos ao colégio e nos entregamos à operação.

Enquanto sentava-me no murinho em frente ao IBC, Meu amigo, usando seu resíduo de visão, deu uma olhadela nos arredores, elogiou a orquestra que animava o banquete no Iate Clube, acendeu um cigarro, deu umas tragadas... E começou a agir.

De posse de um arame, trabalhou compenetradamente durante uns dez minutos na lataria do belo Mercedes azul, esvaziou os pneus, depois quebrou os vidros das janelas com uma pedra. Fez uma pausa, acendeu outro cigarro, voltou a olhar a rua; em seguida, de volta ao carro, desceu as calças, direcionou a bunda pelo buraco feito no vidro da janela e... Arrematou o serviço.

O professor Napoleão, que morava numa vila ao lado do Educandário, jurara combater aquele abuso da aristocracia do Iate Clube até os últimos dias de sua vida.

Ao sair do trabalho, caso se deparasse com o cerco dos carros, irritava-se, dizia um monte de palavrões e, em seguida, ficava de quatro, esvaziando, meticulosamente, todos os pneus que sua resistência de sexagenário lhe permitisse.

Certo dia, o mestre do Casarão Rosa da Praia Vermelha se viu novamente diante do problema e, sem perder tempo, proferiu um discurso, no qual atacou a sociedade, espinafrou o governo, agachou-se e... passou a "trabalhar" nos pneus de uma daquelas máquinas intrusas. Concentradíssimo, o gordo mestre ocupava-se, com avidez, dos pneus do elegante Jaguar, quando, abruptamente, o dono ligou os motores e arrancou a

toda. Propositadamente ou não, o incauto motorista por muito pouco não arrancou a cabeça do aguerrido mestre.

Daquele dia em diante, o nosso companheiro de infortúnio passou a atacar a aristocracia carioca com mais ímpeto ainda, porém através de sua afiada verve e dos jornais.

Por aquele tempo, nós, o pessoal do Casarão Rosa da Praia Vermelha, numa cumplicidade ideológica, costumávamos considerar aqueles atos rebeldes um ataque velado à camarilha dominante, pois vivíamos os "anos de chumbo".

Em minha fúria de opositor contumaz do regime militar, comparava aquelas festas do Iate Clube do Rio de Janeiro a uma espécie de "banquete dos ratos". Muitas vezes, da janela do nosso dormitório, ouvindo os acordes da orquestra, eu imaginava ratos e ratazanas girando, girando, num bailado sem fim, enquanto, lá longe, a plebe esquecida entoava seu canto lento e triste...

Fim

20. O CASARÃO ROSA DA PRAIA VERMELHA E OS ANOS DE CHUMBO

VALDENITO DE SOUZA

Era uma segunda-feira de maio, fins da década de 70, quando o Instituto Benjamim Constant foi sacudido por uma notícia, que caiu como uma bomba sobre a comunidade:

-- Na próxima quarta-feira vai tomar posse o novo diretor, um general do Exército... Dizem ser da Linha Dura. Está vindo para botar ordem na casa.

Aqueles eram anos de chumbo, auge da ditadura militar, e nós, alunos da época, aguardamos com expectativa e apreensão o inusitado evento.

No esperado dia da posse, num auditório completamente lotado, após os salamaleques de praxe da passagem de cargo, o general quatro estrelas do "valoroso Exército tupiniquim" (que o general ditador da vez, por indicação do general "responsável" pelo Ministério da Educação, colocava como diretor do Casarão Rosa da Praia Vermelha), proferiu um retumbante discurso. Começou fazendo um relato de sua vida na caserna, depois prometeu muito trabalho em prol dos cegos e da casa. Em seguida fez uma emocionada ode à disciplina e à hierarquia, "bandeiras" que defenderia até a morte.

O novo diretor, um general de infantaria -- evidentemente um neófito em educação de cegos -- passou a ser chamado pelos alunos de "o coronel". Jamais entendi por que rebaixaram o homem. Ele, porém, não admitia ser chamado de general e, muito menos, de coronel. Exigia que nós o tratássemos de Doutor Newton.

Como era de se esperar, o coronel (que na verdade era general), o Dr. Newton, exigia rigor e disciplina no Colégio. Os alunos só poderiam se dirigir ao refeitório e ao dormitório disciplinadamente, em uma irretocável fila indiana.

Os cabelos tinham que ser cortados bem baixos, e as roupas deviam se conservar sempre impecáveis. As professoras e funcionárias eram proibidas de usar calças compridas no colégio.

O austero diretor dividia seu tempo entre o gabinete e as rondas pelo educandário. Durante as aulas, era comum ele surgir repentinamente na porta de uma sala e soltar seu sonoro e carrancudo "bommm-diiiiiaaa". Os alunos ficavam de pé; o coronel passava a "tropa" em revista.

Se fosse aula de inglês, os alunos, um a um, eram "estimulados" a ler a lição. Após a última leitura, a patente do Exército fazia um breve comentário e se retirava.

Às vezes, quando estávamos conversando em grupo, no pátio ou no dormitório, de repente ouvíamos aquele inconfundível "bom-diiia!" ou "boa-taaarde!"

Pegos de surpresa, esquecíamos de nos levantar, e o homem da caserna nos brindava com um eloquente sermão, exaltando o respeito à hierarquia.

Aos domingos, costumavam acontecer os esperados bailes. Um dia o coronel/diretor chegou de mansinho, observou durante algum tempo e, em seguida, mandou desligar o som. Após o sermão, em que proibia aquelas músicas lentas, nas quais os cegos dançavam agarradinhos, vaticinou:

-- Caso se repita, Não haverá mais bailes.

Arredio, tímido e disciplinado, passei a gozar de uma certa simpatia do coronel, que ficou muito meu amigo, principalmente quando soube que quatro de meus irmãos eram militares.

Certa vez, quando descansava no dormitório, alguém se aproximou e começou a puxar levemente o meu dedão do pé. Como detesto que me toquem sem se identificar, dei um safanão e gritei:

-- Para com isto seu bundão!...

Neste momento, um amigo amblíope (de baixa visão), que estava comigo, anunciou, desconcertado:

-- Epa, amigo! É o diretor!...

A alta patente do Exército sorriu sem graça, deu-me um leve cascudo e se retirou.

Fiquei completamente sem ação, enquanto ouvia aqueles passos marciais, tão nossos conhecidos, retomando sua ronda.

Nesse primeiro ano da direção do general/coronel/diretor, terminei o primeiro grau e fui o único aluno admitido como bolsista, passando a estudar em escola da rede regular de ensino, com direito às refeições e ao dormitório no Instituto.

A biblioteca do Instituto era meu principal "habitat". Entre meus leitores havia um brigadeiro reformado, amigo de longa data do coronel, o que aumentou meu prestígio com este.

O brigadeiro, homem de certa idade e um tanto neurótico, pois havia participado da Segunda Guerra Mundial, era casado, pela segunda vez, com uma mulher trinta anos mais jovem. Tinha esta um filho adolescente do primeiro casamento, a quem o marido brigadeiro insistia em educar no melhor estilo do regime militar. Nesses encontros entre ouvinte e ledor, acabei por me tornar uma espécie de "divã" da veterana patente da

Aeronáutica, que, antes da leitura, sempre me narrava suas desventuras com o rebelde enteado Henrique e a egocêntrica esposa.

Não raro, quando estávamos lendo, o general, que em sua ronda diária indubitavelmente aparecia na biblioteca, chegava e caminhava até nossa mesa. Automaticamente o brigadeiro se erguia e as duas patentes trocavam continências. Após o salamaleque marcial, o brigadeiro voltava a sentar-se e elogiava-me para o diretor/general.

Daí por diante, ignorando minha presença, batiam um longo e acalorado papo. Impreterivelmente, falavam sobre as Forças Armadas, o governo militar, as recordações da vida na caserna, as táticas de guerra... Os dois eram radicalmente contrários a uma possível "abertura política" por parte do governo militar, cogitada de forma tímida pela sociedade e a mídia.

Eu era politicamente inocente na época, embora já tivesse uma tendência para a dita "esquerda". Aqueles diálogos, mesmo impregnados de um "corporamilitarismo" gritante, de certo modo serviram para despertar em mim a consciência crítica em relação ao momento que vivíamos.

O tempo corria, findava a década de 70 e o coronel/general/diretor continuava sua missão de "disciplinar e moralizar" o tradicional educandário sediado no casarão rosa da Praia Vermelha.

Nós, os bolsistas, desfrutávamos de algumas regalias: éramos dispensados do uso do uniforme colegial, podíamos chegar e sair das dependências do educandário a qualquer hora... Contudo, não escapávamos à rigorosa vigilância do coronel/diretor que, como num passe de mágica, surgia inesperadamente em qualquer dependência do casarão.

Havia, por essa época, no nosso Casarão Rosa da Praia Vermelha, um companheiro, também bolsista, que adorava curtir as noites cariocas. Com seu violão sempre a tiracolo, saía nas noites e, quando voltava, costumava dormir até tarde.

Não raro, o arguto coronel entrava abruptamente pelo dormitório e flagrava o menestrel do casarão nos braços de Morfeu, por certo sonhando com mulheres, malandros, cervejas, acordes e harmonias mil. O sisudo diretor se aproximava da cama do artista e, cuspiendo marimbondos, improvisava um dissonante sermão:

-- Acorda, Fulano! Você não está em sua casa... Aqui é um educandário... Repetia o batido discurso, invariavelmente uma apologia da disciplina militar.

O menestrel acordava sobressaltado e mal conseguia balbuciar um protesto, sem muita convicção, o que era prontamente rechaçado pelo general/coronel/diretor. Ao artista restava apenas levantar-se, arrumar a cama e ir para o banheiro, cabisbaixo, ouvindo atrás de si os últimos acordes do refrão, tão seu velho conhecido, proferido pela patente do glorioso Exército tupiniquim.

Outras vezes o menestrel aparecia no refeitório, trajando bermudas e chinelos, quando surgia o implacável coronel:

-- Fulano! Da próxima vez que você descer para "ranchar" desta forma, vou retirá-lo do recinto e você vai ficar sem o "rancho".

Certo dia, encontrava-me na biblioteca, completamente absorto nas páginas de "Dom Casmurro", quando senti uma presença ao meu lado: era ele. Desvencilhei-me dos sortilégios de Capitu, a enigmática personagem do genial Machado de Assis, e fiquei de pé.

O general, que os companheiros do Casarão Rosa da Praia Vermelha da minha geração rebaixaram a coronel, após cumprimentar-me, manteve-se em silêncio durante algum tempo. Em seguida, pôs a mão no meu ombro e, com voz bastante emocionada, disse:

-- Estou deixando a direção do IBC. Acabou minha missão junto aos cegos.

Após me refazer do impacto da notícia, veio a emoção. E, estranhamente, ao abraçar aquele homem, percebi no espírito as presenças de dois sentimentos: a ternura e a gratidão.

21. O CEGO HIPNOTIZADOR

JOSÉ WALTER DE FIGUEIREDO

Este caso se passou no Instituto Benjamin Constant, no meado dos anos 60. Por motivos éticos, os personagens terão aqui nomes fictícios.

A escola recebia alunos, internos e externos, de todos os lugares do Brasil, e até do exterior, de diversas classes, imperando os de baixo poder aquisitivo. Como as pessoas procediam de diferentes contextos sociais, havia gente de todo tipo: desde os bem-educados até aqueles que poderiam ser classificados como verdadeiros marginais, sem exagero algum. Isso dificultava a adaptação daqueles menos safos, os quais, muitas vezes, tinham recebido proteção em excesso por parte dos familiares.

Os alunos com até 7 anos iam para o Jardim da Infância, com inspetoras para cuidarem deles. Dos 7 aos 12, ficavam entre os chamados "menores", com circulação limitada e também acompanhados por inspetoras. Daí para a frente, eram livres e podiam circular em todo o colégio, nos lugares permitidos, é claro.

Devido à grande extensão da casa, os inspetores encarregados de vigiar os alunos não davam conta do serviço, pois tinham de ficar, também, na sala da Chefia de Disciplina, onde prestavam toda espécie de atendimento. Sendo assim, aquele que não fosse esperto, estava sujeito aos mais diversos riscos, por não faltar quem quisesse aproveitar-se do considerado mais bobo. Talvez por isso, mas principalmente pela afinidade, as pessoas costumassem eleger algum colega para andar em sua companhia. Havia as duplas, os trios e até grupos maiores, vistos sempre juntos e, dependendo do caráter deles, às vezes aprontando umas e outras... Claro que eu também fiz parte de grupos assim, e aprontei muito!...

Por essa época, havia uma dupla que, não fosse pelo incidente narrado a seguir, teria passado despercebida da maioria das pessoas, pois ambos eram tranquilos e pacíficos. Tratavam-se por apelidos, que só eles usavam entre si: Eram o Hildebrando, o Brando, e o Abdias, o Dias.

Não sei por que razão, talvez até mesmo para chamar a atenção dos outros sobre si, por não serem tidos como dos mais cotados, eles resolveram fazer demonstrações de hipnotismo pra galera. O Brando era o hipnotizador, e o Dias, o paciente.

Então, falava o Brando para o Dias:

-- Dias, agora você está começando a sentir sono... muito sono... Seus membros estão ficando pesados, cada vez mais pesados... Seus olhos começam a se fechar... As vozes das pessoas estão ficando cada vez mais longe, e você já não as pode ouvir direito...

O Dias ia ficando todo mole, parecendo mesmo que estava dormindo. E o Brando prosseguia:

-- Dias, você pode me ouvir?...

O Dias respondia que sim, já com uma voz meio sonolenta. E ele continuava:

-- Agora, Dias, você vai me obedecer em tudo que eu disser...

E o espetáculo continuava: O Brando dava algumas ordens ao Dias, que obedecia a todas elas. As pessoas pediam que o Brando mandasse o Dias fazer algo, e este sempre fazia.

Diga-se, a bem da verdade, que ninguém acreditava naquela palhaçada, mas a gente se divertia, porque a dupla já estava famosa com essa brincadeira, e todos queriam assistir às tais sessões de hipnose. Um dia, lá no dormitório 1, uma turma da pesada resolveu tirar aquilo a limpo. Os dormitórios eram no terceiro andar. O dormitório 3 ficava em frente à escada. Era comprido, mas estreito, só havendo camas à direita, porque, do lado esquerdo, ficavam as janelas que davam para o pátio interno. Do lado direito do 3, ficava o dormitório 1, separado por uma parede ao longo dos dois, que tinham a mesma extensão. Nessa parede havia uma porta de comunicação, que estava sempre fechada, com um vão no alto. O dormitório 1 era mais largo que o 3 e tinha camas dos dois lados.

As camas eram separadas por armários de duas portas. No lado direito ficavam as janelas que davam para a Avenida Pasteur. Eram em formato de sacada, com portas que iam de baixo a cima, até próximo ao teto. A mureta da sacada não era de parede contínua até embaixo; tinha umas barras de cimento, separadas umas das outras e encimadas pelo patamar da mureta, propriamente dita.

Lembro-me bem de que era um sábado à tarde. Aos fins de semana, os dormitórios ficavam abertos, pois não havia aulas, e o tempo era livre. Os inspetores do dia não costumavam ir até lá, a não ser por algum fato específico.

Eu estava lendo, sentado em minha cama, no final do dormitório 1 do lado esquerdo. O Brando e o Dias estavam em suas camas, que ficavam uma ao lado da outra, mais próximas à entrada.

De repente, chegou um grupo pedindo ao Brando que hipnotizasse o Dias... Ora, esses pedidos estavam se tornando cada vez mais frequentes, e o Brando não se fez de rogado... E a sessão começou:

-- Dias, você começa a sentir sono... Seus membros estão ficando pesados, cada vez mais... Seus olhos estão se fechando... As vozes das pessoas estão ficando cada vez mais longe... Agora você está em um jardim muito bonito, com flores e pássaros por todos os lados... Você pode me ouvir?...

O Dias dizia que sim. E ele prosseguia:

-- Agora, dias, você vai fazer o que eu mandar...

Aí, começavam os pedidos da plateia, e o Brando, satisfeito, a todos atendia. A certa altura, alguém perguntou ao Brando se podia amarrar o Dias na cama, a fim de ver também se ele ficava mais forte, para conseguir se libertar sozinho. O Brando consentiu, e amarraram o homem.

O Dias era um cara imenso, bastante forte mesmo, e embora uma pessoa pacífica (eu nunca o vira envolvido em nenhuma briga), não parecia muito "bom da bola", sendo estranho, assim meio bobalhão, como se tivesse algum retardo mental. Ele costumava ter crises, que diziam ser de epilepsia, embora as dele fossem diferentes das de um outro colega, estas, sim, com todas as características de uma crise epilética.

Eu ainda era garoto e tinha o maior medo de ataques epiléticos, pois diziam que a baba do doente transmitia a doença a quem pisasse nela. Por isso, sempre que um dos dois se aproximava de mim, eu ia logo dando um jeito de me afastar. Para que se tenha ideia do meu verdadeiro pavor, um dia eu estava subindo o primeiro lance da escada que levava aos dormitórios quando, ao me virar para subir o segundo lance, deparei com aquele colega que tinha epilepsia, sendo carregado. Eu vinha tão distraído que quase caí por cima dele. Meu susto foi tal que, quando dei por mim, já estava no saguão, sem saber como tinha ido parar lá. Acho que saltei do topo da escada diretamente para o segundo andar, pois não senti meus pés tocarem os degraus.

Mas, voltando ao caso, havia muita gente presenciando o espetáculo dado pela dupla, porque os dormitórios ficavam cheios nos fins de semana, e uns foram falando para os outros sobre a sessão do Brando, e parecia até festa ou comício de algum político importante. Aí, alguém perguntou ao Brando:

-- Ele está dormindo mesmo?

E o Brando garantiu que sim.

De repente, a turma começou a dar uma surra no Dias com cintos: lept!... lept!... lept!...

De onde estava, eu só ouvia os estalidos dos cintos comendo soltos, e ele, estranhamente, mantinha-se firme, como se nada estivesse acontecendo. O coro comeu por mais alguns instantes, quando alguém disse:

-- Ah! é?!... Vamos usar a fivela!...

Já nervoso com aquilo e muito assustado, pensei cá comigo:

-- Isso vai dar zebra...

Nesse momento, ouviu-se um grito, que mais parecia um urro de animal furioso, e o Dias, feito louco e com uma agilidade incrível para o tamanho e peso de seu corpo, não sei como, deu um pinote da cama e saltou bem no meio da galera. Ah!... Foi gente

se espalhando por tudo quanto era lado... Quem estava mais próximo à entrada, correu para os outros dormitórios, rapidinho. Dizem que o Tal Brando, quando viu a coisa preta, foi o primeiro a sumir na poeira. Um colega nosso, o Zezé, medroso que só ele, estava junto à porta de comunicação entre os dois dormitórios e não teve dúvida: subiu em cima do armário, alcançou o vão da porta e se empoleirou lá, pertinho do teto. Quem não correu para a saída, entrou embaixo das camas, ou fugiu para o final do dormitório. Um desses foi o Belmiro, baixinho e magrinho, mas ligeiro como um gato.

O Dias via vultos e, para infelicidade do Belmiro, foi a ele que o outro perseguiu, correndo meio agachado, para tentar enxergá-lo, num "pega, não pega", que deixaria qualquer um assustado, porquanto, se ele segurasse o cara, nem sei o que iria acontecer, já que estava transtornado.

Por azar meu, o "filho-da-mãe" do Belmiro veio pro meu lado, entrando no vão da cama onde eu estava. Só tive tempo de me espremer atrás de um armário, prender a respiração e, confesso, pensar em Deus, porque não havia mais para onde fugir e, nesses momentos, até o incrédulo eleva seus pensamentos ao Altíssimo: quem sabe se Ele não dá uma ajudinha?

Ao entrar no vão das camas, o Belmiro já estava com o Dias em seus calcanhares, e parecia não haver mais jeito. Mas ele saltou por cima da cama e conseguiu disparar dormitório afora, com o outro em sua perseguição.

Voltei ao meu posto de observação e vi quando o Dias, ao passar pelo Miranda, que enxergava bem e era muito esperto, percebeu o vulto dele contra o clarão da janela e foi em sua direção. O Miranda não teve outra alternativa senão se esconder na sacada, mas foi acuado, sem ter como sair.

Com o coração aos pulos, parecendo que me ia saltar pela boca, vi o Miranda subir na mureta da janela e sumir do outro lado. Cheguei a pensar, por instantes, que ele tivesse saltado lá embaixo, mas ele se pendurara do lado de fora nas barras de cimento.

O Dias o procurou bem; mas, sem o encontrar, desistiu da caçada, voltou para sua cama e deitou-se, já que, àquela altura, o dormitório estava quase vazio, com exceção de mim, do Miranda e dele próprio.

Notas:

1. Ora, o terceiro andar do Instituto equivale, tranquilamente, ao quinto ou sexto de um prédio comum; e, não obstante houvesse um gramado embaixo da janela, se o Miranda caísse lá de cima, não sei o que poderia ter-lhe acontecido.

2. Só sei que depois desse incidente, nunca mais alguém presenciou as tais sessões de hipnose.

3. Contando esse caso agora, ele tem um certo sabor de aventura; mas, na hora do acontecimento, passei um sufoco muito grande e, durante a noite, fiquei atento, com medo de que o Dias pudesse querer se vingar de alguém.

22. O MEU DIVÃ

LENIRO ALVES

-- Terminamos a sessão anterior quando você ia entrar no Benjamin Constant, mas você havia ainda feito um "link" entre o que o moveu a buscar uma analista e a identidade que sentiu haver entre nós, inclusive pelo meu nome.

-- Pois é, como disse, você tem o nome de minha mãe, Norma, e esta palavra parece ter sido tudo que deu sentido à minha vida até então, ou fez com que me perdesse na busca deste sentido. minha mãe, fazendo jus ao nome, era cumpridora das normas por ela estabelecidas quando tinha um objetivo. Só isto faria uma pessoa absolutamente analfabeta lutar contra os preconceitos da época por ter tido um filho que, além de ter sido algo como um "fruto proibido", lhe nascera cego.

Ao ter ouvido falar, no interior onde nasci, de uma escola para cegos no Rio de Janeiro, fez da vinda para cá o objetivo maior de sua vida, a fim de que esse filho pudesse, como dizia ela, "aprender a ler".

Bem sei que a opinião dela não foi esta, mas tenho consciência de não ser o que, por seu esforço, ela merecia que eu tivesse sido, e deixei de ser exatamente por fugir ao próprio sentido de seu nome e por buscá-la, a cada passo, em cada fuga. Não sei se terei sido claro! (Anti o silêncio, a analista diz):

-- Não se preocupe com isso, prossiga.

-- Recordo-me com clareza, não exatamente das palavras, mas do sentido que captei quando, prestes a entrar para o Benjamin Constant, ouvi uma conversa dela com um vizinho de nome Adalgiso, e ele lhe dizia:

-- Norma, tu não tens coração! Como é que tu vais abandonar uma criança dessas num colégio interno?!

-- Darziso, eu vim pra cá pra ele aprender a ler e ele vai pro colégio, custe o que custar! Ou tu pensa que eu também não tô com o coração partido?!

-- E estas últimas palavras ela falou tentando conter as lágrimas, que eu agora não consigo! Aquilo ficou registrado; mas, só em 12 de março de 1962, data da minha entrada para o Instituto, pude compreender a extensão do que seu Adalgiso tentara dizer a ela e saber de fato o que era ficar longe dela, sozinho, no meio de pessoas completamente estranhas e que... Bem, enquanto ela ainda estava por perto, até foram carinhosas, como não seriam depois. Afinal, eram mais de 20 crianças a cuidar e, assim, ou ninguém era especial ali, ou todos o eram.

Meu ingresso no jardim de infância se deu aos 5 anos de idade e aconteceu num horário em que, após o almoço, as crianças eram postas para dormir. Aquele "após o

almoço", para mim, foi absolutamente inverídico, pois evidentemente, sob aquela emoção, fiquei longe de comer alguma coisa.

A música da serra de uma carpintaria, localizada no pátio externo do Instituto, fazia-se ouvir ao longe e se prestou a embalar-me naquele dia, apenas para me conduzir ao sonho de estar em casa, perto dos meus, sem aquele sofrimento, que me soava como uma injustiça!

Ao acordarmos, fomos levados ao refeitório, e O gosto do café amargo, que simplesmente provei, como Cristo fez com a esponja embebida em vinagre no episódio da crucificação, tinha então o sabor daquilo que se me afigurava incompreensível!

A laranja, sobremesa do jantar no qual sequer tocara, pareceu, por seu azedume, dispor-se a confirmar meu quadro interior.

As lágrimas daquela primeira noite, choradas em silêncio e no vazio da ausência dos meus, como só uma criança pode sentir, era tudo que a saudade podia me trazer e, misturadas ao cheiro de roupa de cama limpa, deixavam-me o travesseiro encharcado delas, e aquilo se repetiria vezes sem conta, embora a intensidade da dor nunca houvesse chegado à daquele dia.

E veio o acordar naquela primeira manhã longe de minha mãe, e vieram outros e, em cada um deles, a surpresa da sua ausência, tornada maior pela dor da distância, fazendo-me compreender, desde logo, que a realização do meu sonho, aquele da primeira tarde dormida no "pós-almoço que não almocei", seria na sexta-feira, dia do retorno para junto dos meus, apesar de, nos dois primeiros anos, isto ser feito apenas a cada quinze dias, pois minha mãe recebera a informação de que a volta dos internos a suas casas deveria dar-se em fins de semana alternados, com visitas acontecendo naqueles em que ficassem na escola.

Lembro-me muito bem daquele primeiro domingo em que pude ouvir novamente sua voz e sentir seu cheiro, misturado ao das frutas trazidas por ela, as quais, guardadas numa geladeira da copa por qualquer das inspetoras, jamais me chegavam às mãos. E na alternância entre o inferno dos retornos para o internato e o paraíso das voltas ao lar, ia-se dando meu aprendizado, pela dor, de como se desfrutar mais intensamente do prazer.

Na hora do banho, éramos colocados em fila, com uma inspetora introduzindo criança por criança no chuveiro e, após nos molharmos, ensaboava-nos ou tentava ensinar-nos a fazê-lo sozinhos. Ainda tenho na memória a voz da "tia" Ondina, semelhante à de alguém que trouxesse um cigarro preso aos lábios, bem como a dolorosa lembrança de suas unhas no meu braço, puxando-me para o chuveiro por haver chegado minha vez e repreendendo-me pelo medo de andar depressa e esbarrar na criança à minha frente: "anda, seu palerma!"

Felizmente, para compensar a dor causada pela impaciência de uma "tia" Ondina, havia o deleite do carinho da tia Helena, que, em seus turnos, nos levava depois

do jantar para uma sala, onde havia uma radiovitrola, e ali colocava histórias, como as de Cinderela, Peter Pan e outras, as quais me faziam esquecer, por instantes, do sonho de estar em casa, junto à minha mãe e aos meus irmãos, tendo outros sonhos próprios de qualquer criança.

Esta era a mesma sala onde, pela manhã, metade dos alunos, da qual eu também fazia parte, ficava sob orientação da tia Yolanda, que buscava infundir-nos ensinamentos úteis, como dar um laço, distinguir pelo cheiro coisas como óleo de fígado de bacalhau e café, etc.

A descoberta de que o amor existia também longe da família se deu na convivência do meu dia-a-dia de jardim, e teve seu prenúncio quando minha mãe encontrou outra senhora, com quem logo se identificou pela semelhança das situações: Era a mãe de uma menina, também cuidando da documentação para seu ingresso no Instituto. Como uma das exigências para completá-la era a de que se levassem fotos das crianças, a coincidência fez com que nós, eu e Cristina, nos encontrássemos quando nossas mães cuidavam de nossas fotos e, se os fotógrafos não tiveram sensibilidade ou oportunidade para fotografar-nos ali, de mãozinhas dadas, nem por isso deixei de tê-la guardada em algum recanto de mim.

Reencontramo-nos já internos e nos identificamos pelas afinidades, e, naqueles dois anos de jardim, ela certamente preencheu, e muito, minha carência de afeto com sua maturidade precoce, característica das mulheres, e com seu lado maternal, já sensível nela.

A tia Perpétua, que, apesar do nome, passou bem mais que muitas outras, eventualmente reunia as crianças à noitinha, antes da troca do turno, e designava uma delas para "disciplinar" as outras, o que consistia em mantê-las em silêncio. (Talvez tivéssemos algo em comum: o fato de não gostarmos de barulho). E ela, não sei se pela intuição aguçada ou por perceber no meu semblante algo que só viria a descobrir muito depois, a saber, uma seriedade por vezes além da minha intenção, incumbia-me daquela função policlesca, pela qual, vez por outra, até hoje me sinto culpado; mas isso você vai resolver, não é, Norma?

-- Analistas não resolvem nada, apenas ajudam o paciente a resolver, quando ele quer -- disse a doutora, com um leve sorriso.

-- Mas isso você sabe que quero e inclusive estou pagando para ver, aliás literalmente, pelo menos no que se refere ao "pagar!"

E, com um sorriso perpassando-lhe pela face, a Doutora pergunta:

-- E você se sentia "gostado" pelas outras crianças?

-- Pois é, olhando pra isso assim, à distância, minha impressão é a de que pelo gosto em exercitarmos o poder, muitas vezes nos esquecemos de que respeitar e até mesmo admirar não significa exatamente gostar! O gostar é genuíno, gosta-se ou não,

independente do que seja a pessoa. E, pra responder à sua pergunta, digo que, de um modo geral, sentia-me mais temido do que "gostado".

Havia lá na escola, entre as próprias crianças, algo como uma eleição, para a qual não se precisava computar votos e pela qual eram designados "o rei do jardim", ou "o rei dos menores", ou "o rei dos maiores", e um dos atributos necessários para que um súdito chegasse a tais postos de nobreza era, naturalmente, a força física, embora não o único, pois isto nunca foi meu forte; mas, pode colocar no seu currículo, Norma: você já teve um príncipe como paciente, ou pelo menos um ex-príncipe, o príncipe do jardim! (Risos). E era esta minha capa real que ajudava a esconder minhas lágrimas de saudade e de inconformismo com aquela situação.

Uma outra desconfiança que tenho também é a de que, no fundo de mim, habite certa vergonha da cegueira, e isto me ocorre pela lembrança de que, em algumas ocasiões, éramos visitados por pessoas que, ou nos iam levar presentes em épocas de festas, ou queriam simplesmente conhecer o funcionamento daquela parte da escola e, quando esses visitantes se dirigiam às crianças, o normal era que muitas delas fossem apalpá-los e inquiri-los quanto ao que lhes despertassem as curiosidades:

-- O que é isso, tio?

-- É um relógio de pulso...

Se, porém, dependesse apenas de mim, tais visitantes jamais passariam por essas apalpadelas, não obstante as ache normais; afinal, as inteligências têm sede de conhecimento. Mas, como ainda me dou a chance de poder não estar entre os príncipes da obtusidade, entendo isto como sintoma de uma possível anomalia, contando com você para desvendarmos, juntos, este meu mistério.

-- É claro que vamos mergulhar fundo na busca dele, mas fica para o próximo capítulo: a sessão acabou!

-- Tudo bem. e, Norma, você verificou se podemos trocar a sessão das sextas por um outro dia?

-- Sim, ia já lhe dizer isso: podemos passar para as quintas.

-- Ótimo! Assim, nas quintas venho aqui procurar as feridas da alma e, nas sextas, posso lavá-las.

23. O POETA QUE NÃO FOI

MARCOS VALÉRIO GOMES RANGEL

Não Sei rezar, não sei fazer versos, creio mesmo ser mais dado ao adverso, mas Deus permita que só morra em mim o que tenho do gosto pela poesia quando eu também morrer.

Não sei se nos fazemos mais atentos ao que perdemos ou ao que ganhamos, porém a dor da perda, qualquer que seja ela, sempre nos parece imensa e de fato supera, em muito, qualquer coisa que ganhemos por conta dela, visto que, em cada perda, ganha-se ao menos um lugar vazio e, seja ele dentro ou fora de nós, dá sentido a estas palavras: "na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma."

Não permita, contudo, meu Deus, que o pragmatismo roube de mim a percepção de que parar pra ouvir uma música é um tempo ganho, não perdido!

É muito duro quando, por acaso, nos deparamos com a circunstância de termos perdido alguém em virtude do inevitável encontro marcado com ela, de cujo momento exato só nos é dado o benefício da ignorância. Tão lamentável quanto isto, porém, é o que em nós se perde, não levado pela morte, mas pela vida: Os talentos esquecidos, os prazeres abandonados...

Entendo que a lei da sobrevivência existe no homem como cláusula pétrea de sua constituição; cabe-lhe, todavia, usar a razão para compreender que, sem emoção, a vida é destituída de sentido. Afinal, esta é (ou deveria ser) a diferença fundamental entre o homem e as demais espécies.

Ele transpirava cigarro e poesia. O que o cigarro poderia ter feito dele, se por acaso o vício tivesse sido mais forte na batalha entre os dois, não é preciso dizer. O cigarro mata; mas a falta de poesia, se não mata o homem, mata o que nele pode haver de melhor: a capacidade de refletir a própria vida.

Num dos corredores do Instituto acontecia um jogo, e não sei bem se o objeto escolhido para sua realização poderia ser classificado como bola de futebol. Pelo formato, sim; pelo peso, contudo, assemelhava-se mais a uma daquelas em que muitos de nós nos tornamos, com o passar dos chopes e a ingestão do tempo.

A partida começara tal qual a própria vida: ninguém sabia quando ou como ia acabar. Por isso, num dado momento, os participantes entenderam que a responsabilidade de legislar sobre seu término era deles e, de comum acordo, estabeleceram que (como então se dizia) a partida seria de trinta, ou seja: o trio a marcar o trigésimo gol seria o vencedor.

E todos se empenhavam, como se de tal vitória dependesse o resto de suas vidas: naquele momento só havia em cada um deles o desejo de vencer. E eis que nosso poeta se machucou, mas não abandonaria aquela partida por nada deste mundo.

Surgiu, então, uma falta, pois os próprios participantes concordavam em que, na ausência de um juiz, algum abuso da força poderia, vez por outra, receber esta interpretação, e cabia ao nosso poeta, contundido, cobrá-la. Seria o último lance do jogo, pelo que, entre ais e uis, ouviram-se as palavras seguintes, indicativas de sua impossibilidade de chutar aquela "bola", em virtude de a contusão ter sido no mesmo pé com que seria dado o chute:

-- Ai! Nem que seja este o último chute da minha vida, eu vou fazer este gol!

O jogo estava 29 a 29, e alguém ainda tentou convencê-lo de que seria melhor um outro parceiro cobrar aquela falta, mas ele não cedeu de modo algum, replicando com as palavras já citadas. O chute aconteceu e, em razão de sua potência, a bola encontrou no caminho uma cabeça adversária, mas nem tomou conhecimento dela, e ouviu-se o barulho do "balão de couro" nas grades que ficavam por trás da "meta", como se fosse a rede a balançar e a indicar o fim da partida, cantando e contando a glória do trio vitorioso, do qual nosso poeta fazia parte.

E os cinco, que mal podiam andar, iam saindo de tal forma exaustos, que os vencedores nem comemoravam a vitória, demorando-se um pouco em dar pela falta do sexto companheiro. Tratava-se daquele atingido pela bolada no último lance do jogo, o qual, chamado pelos colegas, conseguiu responder e, por eles socorrido, desde logo se deu conta de onde estava e do sucedido, dizendo:

-- Caramba! Parece que recebi um coice na cabeça!

Outras partidas, porém, vieram e outras doces batalhas foram vividas naqueles corredores e naqueles gramados, palcos das nossas ilusões, hoje perdidas. E ele, que as cantava tanto em prosa quanto em versos, não mostrava o poeta que era apenas nesses momentos. Sua cama, por exemplo, era famosa pela "arrumação" incomum: Quando ia dormir, arrastava para o lado pedras de dominó, livros em braille, gravadores, alguma roupa, dificilmente limpa em meio a tanta bagunça, e deitava-se ali naquele espaço.

Era um notívago contumaz e sustentava, horas afio, uma polêmica pelo que nela havia de jogo, independente de sua utilidade, embora fizesse isto de forma sempre tranquila, por mais que o oponente se enervasse.

Lembro-me de certa vez em que assisti a uma dessas discussões, isto é, não completamente, pois eu dormia, acordava, e ele mais uns dois ou três debatiam acaloradamente sobre o destino do planeta, ou melhor, se este acabaria pelo resfriamento ou em fogo. Ignoro se chegaram a alguma conclusão, mas meu sono foi entrecortado por todas aquelas teorias que, de prático, só fizeram atrapalhá-lo.

Sua mestria na arte da persuasão funcionava inclusive de forma reflexa, porquanto, amblópe que fora um dia, nunca acreditou ter deixado de sê-lo por completo e, assim, encarava empreitadas como a de capitanear, num daqueles domingos ensolarados, a ida de um grupo de colegas à praia, no qual ele seria o único a enxergar alguma coisa, se de fato enxergasse. E, num desses dias, ao conduzir uma fila de cegos areia afora, pisou na garganta de uma mulher, que só queria pegar um bronze.

Outra de suas preferências, cantada e decantada por ele em prosa e versos, nem sempre publicáveis, era a de ser um amante latino. Evidentemente isso dava margem a histórias as mais diversas, inclusive a de que resolvera estar certa vez com uma namorada no terceiro pavimento do prédio do benjamim Constant, local onde então funcionava a biblioteca, o qual, por ser fim de semana, achava-se um tanto ermo. E lá foram eles para um espaço entre duas janelas, a fim de não verem a paisagem que se lhes descortinaria, e de onde acreditaram também não poderem ser descortinados por ninguém.

Sucedeu que um funcionário, já no ponto do ônibus, viu de lá aquelas duas sombras muito próximas uma da outra, ou uma atrás da outra, num lugar onde, pelo dia e pela hora, não haveria ninguém, e, além de pôr sua imaginação para funcionar, pôs também os pés, dando-se ao trabalho de voltar ao Instituto para lá encontrá-los numa conversa que, entendeu ele, era suspeita, e denunciou-os.

Como toda medalha, no entanto, tem seu reverso, este mesmo funcionário, não se sabe bem o porquê, resolveu retirar alguns alimentos do Instituto, o que já seria, por si só, algo pouco ortodoxo, menos ainda pelo modo escolhido. Tanto que, ao tentar galgar um muro, levou um tombo que lhe deixou marcas denunciadoras, porque, na queda, quebrara uma pia (a da copa), quase quebrando a bacia (a própria).

Mais um de seus casos engraçados, também à conta da visão que julgava ainda ter, foi o de sair com um colega, a quem cognominava Mineiro, tratamento particular que o outro retribuía chamando-o de Campista, o que ele realmente é. E lá foram Mineiro e Campista tentar vender umas bugigangas, a fim de arranjar uns trocados, escolhendo um trecho de Copacabana como ponto inicial das vendas. Entraram numa loja, cheios do desejo de vender e de timidez; mas, Não logrando vender coisa alguma, saíram dali e, quando a timidez lhes permitiu, entraram numa outra, ouvindo como resposta ante o oferecimento da mercadoria:

-- Mas vocês já estiveram aqui!

Saíram de novo e, agora sim, num repente de cara-de-pau, adentraram a terceira loja, supunham, e ouviram:

-- Mas, outra vez?!

Por fim, desistindo de ficar rodando no mesmo quarteirão, retomaram o caminho do Benjamin Constant, cheios de mercadoria e de falta de grana. Passemos, agora, aos versos, razão desta prosa, pois eles jorravam nas brincadeiras, e de brincadeira se faziam

versos de verdade, como estes, que não me escaparam, quando ele e um companheiro cearense versejavam em cima do mote "Judas pagou o que devia / Jesus pagou sem dever ", e nosso poeta, talvez numa antevisão da postura religiosa a que viria aderir, cantou:

"A crus que receberia / do homem para morrer / a ele eternizaria / pra aquele que pôde crer / no quadro daquele dia / onde quem quer pode ver / aquele que o traía / do mesmo pão receber / que outro receberia / com o mesmo amor, pra comer. / Por isso a verdade fria, / que hoje posso dizer: / Judas pagou o que devia / Jesus pagou sem dever."

Assim, para citar os poetas então preferidos do nosso, com certeza estava entre os primeiros Augusto dos Anjos, a quem homenageava constantemente, recitando-lhe alguns dos sonetos já decorados. Mas, da preferência por Augusto, só lhe restaram os anjos, pois ele se tornou (como pareceu ter previsto) um fervoroso adepto das crenças bíblicas.

O contraste, porém, elemento enriquecedor das nossas existências, faz-se sentir de modo radical nos seguintes versos de sua autoria, os quais, entenda-se, trazem a linguagem irreverente e chula, tão comum nas adolescências:

"Comi uma puta em Itambé / numa cama macia e bem forrada / com uma boceta gordinha e bem raspada / cascudinha igualzinha a um jacaré / enterrei minha pica até o pé / e senti um alívio em minha alma / a casseta de dura ficou calma / a boceta de frouxa deu um ronco / enterrei meu caralho até o tronco / e os cabelos do cu bateram palma."

Seus versos, no entanto, transitavam pelos mais variados terrenos e, como exemplo, podemos citar:

"E a gente tão tonto com tanto alvoroço / nem tempo de almoço a gente faz / e em meio à torrente / nem tempo pra _oi_! a gente tem mais / Sinal abrindo, sinal fechando / e este ritmo gera um compasso / e a boca do túnel devora gigante o rio de aço."

Hoje o cidadão é bem-sucedido pela faculdade de direito, que cursou, esquecendo a de letras, que cursara quando o literato nele ainda vivia, e pelas atividades ocupacionais de sua vida. Mas, o poeta... morreu!

24. O RESFÔLEGO

PAULO ROBERTO DA COSTA

"Talvez eu seja o último romântico", cantou Lulu Santos numa de suas canções, e é como me sinto por vezes, num tempo de conhecimento do sexo numa faixa etária em que antes nós sequer havíamos descoberto os encantos do beijo. Era impensável que alguém fosse para os bailes "mela-cuecas" (como eram então chamados), de contador ligado, como acontece atualmente, para, só assim, conseguir somar quantas bocas beijou.

Mas os tempos mudam: é a vida. Prefiro escapar do quase irresistível ímpeto de julgar, natural no ser humano, para outro dos dons cultivados pelo homem, desde que descobriu a ciência de se comunicar através das palavras: o de contar histórias.

Há os que têm o dom de vivê-las e, mesmo que não seja eu dos que têm o de contá-las, é o que me resta tentar fazer com esta que, embora não tenha sido por mim vivida, traz algo de um tempo bom, inclusive a lembrança deste bom amigo, que comigo a dividiu, no afã próprio dos mais jovens de confirmarem suas histórias contando-as a alguém. É como se não acreditássemos nelas tanto quanto tendemos, na bela fase da adolescência, a não acreditar em nós mesmos.

Esta é uma história de romantismo, e começo pelo capítulo do qual também faço parte.

Voltando no tempo ao final dos anos 60 início dos 70, reencontro-me entre outros que, românticos como éramos e ainda somos, embalávamos nossos amores no balanço das cordas dos violões quando, no pátio interno do Benjamin Constant, falávamos deles e, muitas vezes, até diretamente a elas, que nos ouviam do alto de seus desejos e de um pátio no andar superior, debruçadas num muro que, sem deixar de exercer as funções de proteger e limitar, permitia que nossos sonhos acontecessem sem limites.

Em nossas canções, quando era o caso de que elas não nos olhassem, nós as ameaçávamos com "vou acabar ficando nu pra chamar sua atenção", ou prometíamos "eu te darei o céu, meu bem, e o meu amor também!" E, assim, íamos tocando nossas vidas e seus corações, na trilha daqueles cabeludos do iê-iê-iê, que, por sua vez, se inspiravam nos ingleses, símbolos de uma revolução, da qual nós, ali naquele pátio, só nos interessávamos pelas músicas, que faziam nossos corações pulsarem num ritmo alucinado, como sucedera com o dele ao conhecê-la.

Conhecia dela, por ter-lhe ouvido falar, apenas o nome, que lhe soara um tanto estranho, não tanto, porém, quanto aquele sentimento que dele se apossara quando, interessado em conhecer as meninas recém-chegadas ao ginásio, que ele então cursava, tinha arranjado logo uma desculpa qualquer para ir à sala dos debutantes.

Mas o trote, quem recebeu foi ele, que se tornou, dali por diante, uma presença permanente na sala dela. Não conseguia pensar em nada que não fosse ela, crendo terem sido predestinados um para o outro e acreditando que ela assim também sentia, crenças benditas que o acompanhariam para o resto da vida, como um batismo de fogo para as artes do amor.

Eles se buscavam em cada lugar onde pudessem estar juntos, falavam-se do encantamento recíproco, mas, ainda assim, não ficavam satisfeitos, e as cartas iam e vinham, ditadas pelos corações, que não queriam perder tempo silenciando aquela paixão que os arrebatara a ambos.

E o primeiro beijo?! Com certeza, não preciso expor minha incompetência obrigando-me ao impossível, que seria descrevê-lo, assim como o foi para ele quando tentou fazê-lo a mim, pois você já teve, ou terá, 17 anos, quando aprendeu, ou aprenderá, o que é um primeiro beijo apaixonado.

Como não podiam mesmo ficar distantes um do outro, ela resolveu apresentá-lo à sua família e, daí por diante, além de se encontrarem no próprio Benjamin Constant, estavam juntos também nos fins-de-semana, já que ele fora muito bem acolhido por todos em sua casa, passando a conviver ali quase como se da família fosse, o que não chegava a ser nenhuma surpresa, mesmo para ele, pois tinha plena consciência de sua simpatia e procurava cultivá-la com o esmero de um bom jardineiro ao cultivar uma flor rara.

E, assim, foi conquistando a liberdade que a ele permitiria alçar voos maiores naquela viagem.

O resfôlego continuava, pois já tinha havido uma sessão pela manhã, pouco antes do almoço; isso abre um apetite!!!

Os jovens vivem de impulsos e, antigamente, viviam de impulsos e oportunidades, geralmente raras, já que a marcação era implacável, quer nas dependências do Benjamin ou mesmo em suas casas. A criatividade, porém, sempre dava um jeitinho para umas poucas escapadelas.

Mas, vamos à história, que é o mais importante; preâmbulos são sempre chatos.

Pelos idos de mil novecentos e... (omitimos aqui a data precisa, a fim de preservar a integridade quase moral dos personagens), esta dupla já se tornara casal no recinto do Benja e andava à cata de uma oportunidade para experimentar o sabor da carne um do outro mais profundamente.

O jovem, com pouca experiência na arte do "vai-e-vem", era o mais afoito para provar o resfôlego; é, mas ela não ficava atrás: afinal, eram jovens, adolescentes e tudo o mais que conduz a resfolegar; e quem não gosta?!

Era um sábado, por volta das onze e muito. A manhã trazida pelo verão tinha um sol intenso, quase a pino.

Na varanda da casa da moça, aonde o moço tinha ido para filar um final de semana "ao lado" da sua amada, a conversa e os sussurros rolavam sem nenhuma espreita aparente. Eis que, em dado momento, a jovem pergunta:

-- Você já viu um cágado?

-- Não -- responde ele.

-- Aqui em casa temos um casal no jardim.

-- Esse bicho morde?

-- Pelo menos aqui em casa, nunca mordeu ninguém! Vamos lá que vou apresentar os bichinhos a você.

Uma vez no jardim, o tal bichinho foi capturado, e então ele pegou aquela coisa de carapaça dura, de sangue frio e cabeça igual à de uma cobra, estabelecendo assim um paralelo entre algum elemento de nossa história e o animalzinho, que nada tinha a ver com isso. Enfim, visto o cágado, foi ele então solto.

O jardim era abarrotado de plantas muito bem cuidadas pela mãe da jovem; as flores perfumavam todo o ambiente e adjacências. E o que sugere este clima a um casal de apaixonados?

As bocas se colaram; as palavras eram tão doces quanto o néctar que as abelhas retiravam das flores ali abundantes; daí para as mãos descerem... e subirem... e descerem corpo a fora... foi questão de segundos. E lá estava o casalzinho em pleno resfôlego no meio das flores! E lá ficou sua inocência de moça!

A casa dispunha de três quartos: um com porta para a sala, no qual dormia a mãe; um outro, também abrindo para a sala, era destinado às visitas, que era o caso do jovem da história; um terceiro, que dava para o banheiro, destinava-se à jovem e ao seu irmão.

Tendo provado mais cedo da fruta e gostado muitíssimo, lá pelas tantas a jovem voou para debaixo das cobertas do namorado, sem sequer pensar em sua mãe, que dormia bem ali no quarto em frente.

De repente, zás...!!! a porta do quarto da mamãe se abre de uma só vez, e ela, com o xixi quase a explodir perna abaixo, corre para o banheiro.

Nesse intervalo, a "moça" voa de volta para sua cama.

-- Ué, filha! está acordada a essa hora?

-- Acordei com o barulho da porta e vou ao banheiro também.

-- Certo; durma com Deus -- diz a mãe.

-- Amém! Vou dormir com Deus -- pensa a jovem --, mas antes vou para mais uma resfolegada! eita que é muito bom!!!

E o resfôlego continuava...

25. O TLINTA E TLÊS

PAULO ROBERTO DA COSTA

Seus juízos de valor calaram, muitas vezes, a voz da História. Esta, porém, é uma história que a História não contaria; por isso, entendo que o juiz que mora em mim, como em todos nós, deve dar licença ao narrador, que tento descobrir, pois alguém precisa contar as histórias que a História não conta. Seria leviano, portanto, dizer que ele não foi uma grande figura, mesmo desta história, mas posso dizer, sem medo de errar: não foi uma figura grande.

Ele tinha um problema que lhe dificultava a correta emissão de alguns encontros consonantais: "gr" e "tr", por exemplo, tornavam-se "gl" e "tl". Assim, seus "grilos" se transformavam em "glilos" e seus "trinta e três", tão a gosto dos médicos quando com seus estetoscópios em nossas caixas torácicas, viravam "tlinta e Tlês". E juro que gostaria de ver aquela luta do médico dizendo a ele: "não, trinta e três!" E ele: "tlinta e tlês!"

Certamente ele teve lutas muito mais sérias pela vida afora, a julgar por suas atitudes nos tempos de Benjamin Constant, quando era notória nele a preocupação em compensar, de algum modo, seu tamanho insuficiente para a idade, com um comportamento empolado e uma postura grandiloquente, na qual a altura da voz refletia a estatura, resultando num timbre inadequado às suas pretensões de mostrar-se mais adulto, tanto no conteúdo quanto na forma do que dizia, e ele mesmo, sentindo isso, buscava, do fundo da garganta, uma impostação vocal, a que talvez fosse mais correto chamar-se "impostura vocal", procurando aparentar um ar mais grave, com resultado entre o ridículo e o engraçado.

Transformá-lo em tema deste texto deve ser consequência de uma mesquinhez de espírito do "que vos tecla", como diria o José Teles. E o que me leva a isto, que os mais rigorosos poderão entender como vingança, e eu, talvez por uma autocondescendência natural, assim não vejo, é a lembrança de que, certa vez, ele nos convidou para uma grande festa que haveria em sua casa.

O grupo era de cerca de uns 6 a 8 garotos. Quando íamos saindo, com a animação peculiar a uma turma de jovens, um amigo pouco mais experiente e já conhecedor das festas do Tlinta e tlês, perguntou-me aonde íamos, ao que prontamente respondi, e talvez houvesse, na melodia da resposta, notas reveladoras de um sentimento de superioridade por estar eu entre os convidados, e ele não. Pena faltar-me competência para traduzir aqui o que dele ouvi e o modo como falou:

-- Uma festa, é? na casa do fulano, é?

E veio, ao final, aquela risadinha maliciosa, que disse tudo, mas que minha vontade de ter uma festa para ir naquele fim-de-semana me impediu de ouvir.

E lá fomos nós, cheios da expectativa que só uma noite de sábado de adolescentes sabe criar. E tome de ônibus... até que, enfim, chegamos à casa do Tlinta e Tlês, que ficava em algum lugar bem distante.

O silêncio era "ensurdecador"! Pensamos que a festa deveria, só poderia, ser em outro lugar! Quem sabe o Tlinta e Tlês se enganara quanto ao lugar onde morava, ou mesmo, quem sabe não tivéssemos compreendido bem suas palavras. Mas, logo, logo percebi que o que não fora compreendido por mim tinha sido a risada do amigo não convidado.

E, para que o gosto do engano saísse de nossas bocas, entramos no clima e compactuamos com aquele silêncio, que era, conforme dito numa letra do Chico, "um silêncio tão doente, do vizinho reclamar".

Finalmente, recuperados da nossa própria perplexidade, fomos para algum bar e fizemos o que nos foi possível.

A próxima história do Tlinta e Tlês requer uma descrição do cenário.

Para os que conhecem o Benjamin Constant, a sala desta história ficava no corredor em que, saindo-se do piso de cimento, entrava-se no de madeira, onde havia um espaço aberto, que então chamávamos sala de espera e, logo ao lado, à esquerda de quem segue o corredor, uma outra sala. Tinha ela o nome e a função de sala de estudos, por ser permitido que, após o jantar, alunos e alunas se reunissem ali para estudar, e era muito bem vigiada pelos inspetores, pois a Chefia de Disciplina vinha logo a seguir.

Nessa época, Tlinta e Tlês namorava uma menina bem grande, ou pelo menos bem maior que ele. Num dado momento (a razão é aquela conhecida dos que já foram adolescentes), eles resolveram que ela deveria sentar-lhe no colo para... para... bom, não sei bem para quê. E, no ato, entrou uma inspetora na dita sala e... E simplesmente não viu Tlinta e Tlês.

Vale dizer que isso atualmente é quase comum; mas, naquele tempo, daria, no mínimo, uma suspensão para ambos e, talvez, até desligamento do colégio.

Quem convive hoje com um sinal sonoro que já faz parte do cenário da avenida Pasteur, tanto quanto o faz o Iate Clube, localizado em frente ao Benjamin Constant, talvez não atente para o fato de que este sinal nem sempre existiu. Foi ali instalado em meados dos anos 70, tendo sido designado, a partir de então, um guarda para ficar junto a ele durante o dia. O engraçado é que, antes, não havia nem guarda nem sinal... Mas isso é outra história.

Os plantonistas terminavam por fazer amizade com alguns alunos e/ou funcionários, coisa natural pelos encontros rotineiros. E foi exatamente um desses

guardas que apreendeu uma arma, creio que um revólver, que Tlinta e Tlês resolvera comprar e mostrava a um amigo em pleno dormitório.

O guarda estava lá por mero acaso, pois o dia era mesmo incomum. Acho que se realizava, na ocasião, um festival, quando a rotina ficava mesmo um tanto alterada. Músicos ou pessoas de fora vinham para participar, para ajudar... e foi nesse contexto que o guarda apareceu no dormitório e deu o flagrante no Tlinta e Tlês.

Não é incomum haver indivíduos que se abarrotam de mentiras, na esperança de que virem verdades, se não de fato, ao menos pelo silêncio cúmplice dos que calam e, por conseguinte, consentem.

Certa ocasião, apareceu lá no Benjamin Constant alguém interessado em nos trazer uma nova atividade, qual seja a prática do Judô. Muitos de nós se interessaram, se não pela atividade em si, ao menos pela novidade, e o que me espanta é que inclusive eu me interessei.

Chegou mesmo a haver demonstrações no auditório, que consistiram em lutas entre o raquíptico Tlinta e Tlês e o Cem Toneladas, que terminava sempre atirado ao tatame por um golpe fatal de Tlinta e Tlês.

É certo que, literalmente, não víamos como a coisa se dava, mas o grunhido de Tlinta e Tlês, ao encaixar o tal golpe que levaria o outro ao chão, era o prefixo para que ouvíssemos o estrépito da queda que ecoava por todo o auditório, sendo os aplausos posteriores o ponto alto e final do grande teatro que, diga-se, era divertido.

26. PEDRINHAS INVISÍVEIS

OSWALDO FERNANDES

Contam que, naquela sala, ouviam-se pedrinhas rolando no chão, embora não houvesse ninguém ali fazendo isto, pelo menos alguém que se pudesse ver.

Não foi apenas uma vez que aquele estranho fato ocorreu. No Instituto Benjamin Constant era comum contarem-se histórias pouco explicáveis deste tipo. Vai daí que, em várias ocasiões, aqueles quatro amigos assistiram, ou melhor, ouviram o som de pedrinhas rolando pelo chão da sala, mas não encontraram uma explicação plausível, já que não conseguiram descobrir quem as jogava chão afora.

Os quatro (José, João, Justino e Juvenal), alunos na década de 50, estavam sentados no chão de uma salinha usada para estúdio do serviço de alto-falantes, localizada nos fundos do auditório, onde havia uma escada que descia para uma outra, também pequena, toda fechada e sem comunicação externa no andar de baixo.

Deveriam ser umas oito ou nove horas da noite, e eles estavam conversando sobre tudo ou nada, dessas conversas que não se prendem a um assunto central: falava-se sobre política, futebol, namorada, estudos e até sobre professores, já que eram estudantes do ginásio, lá por volta de 1954.

Numa sexta-feira de agosto, ainda fria do inverno, estavam os quatro na dita salinha, nas suas tradicionais brincadeiras, quando um pequeno ruído chamou a atenção de José:

-- Gente, gente! Escutem só!

O grupo parou de falar e fez silêncio por alguns segundos; como nada foi ouvido, voltaram a conversar, sem saberem a que José se havia referido. Então, Justino perguntou interessado:

-- Pera lá, gente! O que foi que você escutou, José?

-- Um barulhinho de pedras rolando na sala de baixo -- respondeu o amigo, sem muita convicção.

-- Pedras! Alguém jogando pedrinhas na sala de baixo?! -- Estranharam os outros, porque sabiam, com certeza, que não havia ninguém lá embaixo, uma vez que, se alguém quisesse ir para lá, teria de passar por eles, pois não existia outro caminho, e não havia passado ninguém.

A conversa continuou e, de repente, João disse com espanto:

-- Pera aí, pera aí, escutem! Estão rolando pedrinhas aí em baixo sim! Escutem! E o barulho não é baixinho não! Dá para ouvir muito bem! O José tem razão!

Fizeram silêncio e todos ouviram claramente as pedrinhas sendo jogadas na salinha de baixo. José demonstrou estar com medo, supondo que fosse algo misterioso. João achou que poderiam ser ratos correndo ou mexendo em qualquer coisa. Justino, disse que não acreditava em coisas misteriosas, que fosse o que fosse tinha de ter uma explicação. Juvenal concordou e disse que iria lá embaixo para verificar. O grupo concordou e todos desceram; medrosos, mas desceram. Como, Porém, um deles começou a descer, os outros acompanharam.

Vasculharam, vasculharam e não encontraram nada que justificasse a origem do ruído. Subiram, assim, meio desconsolados, frustrados por não terem achado nada, nem um ratinho, para servir de bode expiatório e, tomando cada um o seu lugar, aos poucos a conversa voltou ao normal .

Alguns minutos se passaram e, dessa vez, foi Juvenal quem alertou aos outros que o tal barulhinho havia voltado. Cismados, talvez com algum medo, José e João, foram se levantando e saindo de fininho; Justino, embora não acreditasse nessas coisas, por via das dúvidas, foi saindo de leve... Juvenal, vendo-se sozinho, julgou mais prudente acompanhar os colegas.

-- Sei lá o que será isso! -- Pensou ele e se pôs em fuga estratégica...

Dias depois, esquecido o episódio, em outra sexta-feira (não me lembro se era dia 13), lá estavam eles de novo reunidos, mais ou menos à mesma hora e na mesma sala. A conversa estava bem animada quando, de repente, todos pararam de falar num só momento: o ruído de pedrinhas rolando se fez ouvir, e, agora, tão alto que todos ouviram ao mesmo tempo. Assustados com a repetição do fato, permaneceram silenciosos, apreensivos, aguardando que o barulho cessasse. Dessa vez não fora um barulhinho assim, furtivo, rapidinho; não. Fora demorado, bem claro e bem alto, de modo que ninguém pudesse alegar não ter escutado bem ou ter sido um engano desse ou daquele. Depois de muitos segundos, praticamente um minuto de audição, o ruído cessou e Juvenal, talvez o mais seguro do grupo, disse, encorajando os demais:

-- Bom, gente. O negócio é o seguinte: Acho que todo mundo escutou as pedrinhas sendo jogadas por alguém lá embaixo. Como lá não tem ratos, tem que ter um outro bicho qualquer: aranha, barata ou outro. Como eu não quero ficar na dúvida, vou lá ver o que é, e, desta vez, só volto depois de saber direitinho o que é que está brincando de jogar essas tais pedrinhas.

Dito isso, levantou-se e começou a descer os dois pequenos lances da escada. Então os outros três, para não se sentirem covardes, o acompanharam, assim meio receosos, mas foram.

De novo procuraram, vasculharam, remexeram cantinho por cantinho e, nada; nadinha que pudesse ser origem do ruído. Inconformados, arrastaram mesas, abriram armários, gavetas e reviraram prateleiras, e nada... Não havia nenhuma pedra, de nenhum tamanho: nem grande, nem pequena. Nem inseto ou outro bicho: tudo estava

limpinho; só conseguiram, mesmo, limpar um pouquinho de poeira nas prateleiras, nos cantos da sala ou debaixo das mesas, além de aproveitar a oportunidade para ajeitar livros, papéis e discos, que já precisavam de uma boa arrumação.

Mais uma vez desolados, ficaram aborrecidos e começaram a desafiar a tal "força " que estaria provocando aqueles ruídos, dizendo, Mais ou menos em coro (um começava e os demais acompanhavam):

-- Seja lá quem for, que apareça! Se é macho, que se mostre! Nós não temos medo de você, não! -- E outros desafios irresponsáveis, próprios de adolescentes mal informados.

Subiram um atrás do outro, resmungando, aborrecidos da vida por terem perdido tempo e voltaram a conversar, crendo que, depois daquela devassa, o ruído não voltaria a acontecer. Puro engano. Mal retornaram à conversa, o barulho recomeçou. Eles, porém, não deram importância: continuaram a falar e a falar, como se nada estivesse acontecendo. Aí, o barulho cessou, mas eles não deram atenção e acharam que haviam vencido o tal "alguém" pelo cansaço. Então, todos, ao mesmo tempo e por mais de uma vez, sentiram uma grande pressão no peito, comprimindo-os contra a parede, como se fosse um vento forte.

Assustados, levantaram-se os destemidos desafidores e puseram-se em fuga em desabalada carreira, cheios de medo...

Desde este acontecimento, deixaram de ficar até mais tarde, e muito menos sozinhos, nos estúdios do serviço de alto-falantes do IBC.

Governador Valadares 1º de outubro de 2002

27. PIANO NOTURNO

OSWALDO FERNANDES

Conta-se que, toda noite, o piano da sala três de estudos daquele colégio antigo tocava a mesma música.

No Instituto Benjamin Constant, educandário do tempo do império, talvez por ser um prédio muito antigo, contam-se amiúde histórias de assombração, que ninguém confirma nem desmente.

Pelos idos da década de 50, durante o dia, os largos corredores eram um formigueiro de rapazes e moças cegos circulando a caminho de suas salas de aula E, por toda parte, ouviam-se os sons dos muitos instrumentos tocados pelos aprendizes. À noite, porém, isso não era usual. Raramente um aluno ou outro se aventurava a estudar piano e, quando isso acontecia, algum inspetor ia verificar se era realmente necessário, permitindo ou não, pois o silêncio obrigatório era a partir das 21 horas.

Certa vez, passava das 22 horas e todos já estavam recolhidos aos seus dormitórios, quando alguns alunos foram se queixar ao inspetor de serviço de que havia alguém tocando piano no segundo andar. A princípio, o funcionário não fez caso das reclamações porque (alegou) não estava escutando nenhum piano. Mas, como estas aumentassem, ele resolveu verificar. Desceu as escadas orientando-se pelo som, que agora lhe parecia bem audível, até que localizou sua origem.

Não era propriamente uma música, assim com uma melodia que se pudesse cantarolar, e sim um "pirimpimpim" sem nexos. Chegou à porta da sala três, de onde vinha o som de piano, e a abriu. Abriu e, não vendo ninguém ao instrumento, não se conformou e acendeu as lâmpadas da sala e do corredor, pois fora no escuro para flagrar o pianista, esquecendo-se de que, tocando com as luzes apagadas, ele provavelmente fosse cego e poderia nem perceber a claridade.

Afinal, não encontrando pessoa alguma, o inspetor voltou, reparando todos os cantinhos do corredor para pegar o engraçadinho e, embora contrariado, admitiu a absurda hipótese de que alguém houvesse saído da sala, sem saber explicar como. Mas, já que o barulho havia acabado, todos pensaram que o desobediente fora punido. Aos que perguntaram, o inspetor disse que havia tomado as providências cabíveis e não diria quem estava tocando piano.

Na manhã seguinte, o inspetor comentou com outro do dia, e este, não acreditando na história, espalhou que um "ceguinho muito esperto" teria driblado seu colega da noite, o que lhe trouxe uma situação embaraçosa.

Aconteceu, porém, que pouco tempo depois um outro inspetor da noite adoeceu, e o tal que não acreditara na história do piano foi indicado para render o colega doente.

Tudo corria muito bem, até que alguns alunos vieram fazer queixa de alguém que estava tocando piano depois das 22 horas. O inspetor aguçou os ouvidos e disse que não ouvia nada e que fossem dormir quietinhos. Mas começou a ficar inquieto, pensando:

-- Ai! ai! será que a história do piano é verdadeira?!

Por serem muitas as reclamações, ele se viu obrigado a investigar. Desceu as escadas, pé ante pé, embora não ouvisse nada. Chegando, todavia, ao andar de baixo, ouviu claramente e tão auto que se espantou de não ter escutado até então. Não acendeu as lâmpadas, dizendo, dentro de si, que com ele era diferente e que certamente agarraria o engraçadinho e o puniria exemplarmente, fazendo com que todos soubessem quem era ele.

Chegou à porta da sala três, parou silenciosamente, ouviu com atenção para certificar-se de que o som vinha mesmo dali, e abriu-a de repente. o piano cessou de imediato. Acendeu as lâmpadas, e... nada. Não havia ninguém na sala e, muito menos, ao piano, que nem aberto estava. O inspetor, intrigadíssimo, forçou a tampa e verificou que estava fechada à chave. Vasculhou toda a sala, não se esquecendo de olhar atrás do piano, mesmo este estando bem próximo à parede, provavelmente não cabendo ali sequer um menino pequeno... Examinou embaixo das carteiras, das mesas, e até atrás da porta. Não encontrando o suposto pianista, voltou para o dormitório, conjecturando que talvez o som não viesse daquela sala, e certamente se enganara, havendo o aluno pianista escapado da outra sala antes que ele saísse para o corredor.

Lá em cima, disse que vira o moleque fugindo, mas não pudera identificá-lo, pois todos os alunos usavam o mesmo tipo de pijama.

Depois disso a dúvida tomou conta de todos. Como nada se esclareceu, cada um ficou com a sua opinião: Uns diziam que era alguém estudando; outros, porém, achavam que o piano tocava sozinho. E, como cada qual dizia uma coisa, houve até quem dissesse tratar-se de um ratinho, um camundongo, brincando nos martelinhos do piano: "Pimpilimpim, pimpilimpim", já que no sótão do prédio sobravam roedores... Mas, de qualquer modo, o caso nunca teve uma explicação que satisfizesse a todos.

28. PONTOS DE VISTA

MARCOS VALÉRIO GOMES RANGEL

Sempre fui refém da insônia, só percebendo que vou dormir ao me invadirem as imagens ainda não totalmente apagadas pela cegueira, a saber, as de meu pai, aquele homem imenso, perto de quem me sentia como que protegido por um deus, e as de minha mãe, notadamente o brilho de seu olhar, que me transmitia uma paz única, agora reencontrada em cada vez que transito deste mundo para o do sono ou dos sonhos.

Há outras que são recorrentes, embora versem sobre o mesmo tema. Algumas lembranças de uma festinha feita pra mim, lá pelos 3 ou 4 anos, quando me puseram um terninho quadriculado e cantaram Parabéns ao ar livre.

Lembro-me, também, de uma mangueira carregadinha! Os frutos muito amarelos, maduríssimos, e as imagens de meu pai e minha mãe reaparecendo, ele vestindo uma camisa branca de mangas compridas, ela usando um vestido azul, que parecia harmonizar-se com o azul daquele céu de verão.

Sinceramente, acho que só consegui trazer estas imagens para a escrita pelo quanto desejo me retratar nelas, porque, embora tenham sido do meu dia-a-dia, ou do meu "noite-a-noite", jamais me dera conta delas nem as tinha traduzido em palavras, plantadas em mim, como foram, quando ainda não havia ascendido, na escala da cegueira, ao posto maior, onde sabemos que, no máximo, encontraremos iguais, nunca superiores. Não que aí a cegueira nos atinja por inteiro e de modo irrestrito; mas, ao menos nos olhos, ela é completa. Assim, sem querermos ser melhores que ninguém, podemos sentir-nos em posição mais elevada, ainda que só nesta particularidade!

Antes de ter recebido minha promoção e ter sido guindado a este posto maior, fui amblíope, embora, por haver perdido a visão ainda bem criança, não tenha passado por muitos dos problemas advindos da indefinição do que significa ambliopia. Não me lembro, contudo, de haver encontrado, no Benjamin Constant ou fora dele, uma clara percepção desta circunstância ou uma preocupação maior com ela, cujas sequelas de ordem psicológica da adolescência não raro acompanham o indivíduo pela vida afora.

Assim como o adolescente não é adulto nem criança, o amblíope também não é cego nem vidente e, quanto ao modo de gerir seu comportamento, fica absolutamente entregue à própria sorte, sem qualquer orientação e apoio para assumir tanto a visão que tem como a que não tem. De um lado, pressiona-se o amblíope, cobrando-lhe, por exemplo, que leia o braille como deve ser lido, com os dedos; de outro, encarado pelos demais como alguém de visão (inclusive por ele mesmo!) o que dele se espera é que não se comporte de modo a exigir das pessoas preocupação e postura semelhantes às que têm com um cego. Na verdade, o termo "amblíope" não contém informação objetiva suficiente, Até porque as variáveis visuais são tais e tantas, que os próprios amblíopes

se sentem diferentes entre si, e não deve ser fácil sentir-se vivendo no "bloco do eu sozinho".

As histórias engraçadas decorrentes dos enganos de amblíopes sempre foram contadas às dúzias, e algumas até repetidas dezenas de vezes, naquelas rodinhas onde cada qual quer narrar um caso mais cômico, como aquele em que, estando um grupo de cegos num ponto de ônibus e desejando um deles sentar-se, dada a demora do coletivo, o amblíope que os assessorava teria avistado um caixote e, ao tentar pegá-lo, o caixote teria saído correndo e latindo!

Ou aquele do amblíope que foi ao motel com uma menina de visão normal, julgou ter visto o atendente e, claro, querendo posar como alguém de iniciativa, foi logo perguntando se havia vaga. Ante o silêncio deste, ia repetindo a pergunta com demonstração de crescente impaciência, até que, sem melhor alternativa, ela teria dito:

-- Benzinho, você está falando com o espelho!

E, para ter certeza de que o próximo é inédito, conto este que, digamos assim, é o de alguém "amblíope do ouvido".

Havia um funcionário na rouparia do Instituto, com certa deficiência auditiva, não tão séria, porém, que o impedisse de falar, embora o fizesse de modo um tanto monocórdio, mas perfeitamente inteligível. Ele tinha uma capacidade impressionante para compreender, por leitura labial, tudo quanto dizíamos.

Um colega nosso, cuja fama já era mesmo a de encrenqueiro, dele só granjeava certa impaciência, pois era um daqueles adolescentes mais abusadinhos. Assim, Num dos dias destinados à troca dos uniformes, como de costume houve fila, e o referido colega, após vestir a camisa limpa, verificou estar o botão de cima quase caindo, e voltou para solicitar outra. De repente, começou uma confusão danada, um corre-corre dos diabos e, ignorando a razão daquilo, corremos também, desfazendo a fila. Logo chegou um inspetor para restabelecer a ordem, e soubemos então qual fora a causa do tumulto. Quando o colega tentou explicar ao funcionário por que precisava trocar a camisa, mostrou-lhe o botão que ameaçava desprender-se, e ele, interpretando o gesto como uma ofensa, partiu para o aluno. Este, obviamente, nada entendeu, mas reagiu, e foi aquele pega-para-capar, até que a coisa se esclarecesse.

Parece que, na língua de sinais dos surdos, a demonstração gestual do aluno representava um xingamento grave, e o funcionário, sem se dar conta de que ele não a conhecia, apelou para a violência.

O que me pergunto é: Se mostrar o botão de cima de uma camisa significa ofensa a uma pessoa com deficiência auditiva, como poderá alguém sem camisa ou usando uma camiseta, ofender um surdo, caso o deseje?

Ora, se a comunicação entre os seres humanos já é difícil através das palavras, mercê das diversas nuances em seus significados, imagine-se quando sujeitas aos

disfarces, nos quais os amblíopes se veem enredados, ao buscarem esconder suas deficiências, inclusive de si próprios, como se deu com aquele professor cuja visão se ia lentamente, sem que ele conseguisse admiti-lo.

Ele saíra com a esposa que, num determinado momento, teve de ausentar-se e pediu-lhe que a esperasse, se bem me lembro, à porta de um banco. Supondo vê-la retornar, ele foi logo abraçando-a e, como naturalmente não usasse bengala, provocou uma grande confusão. Alguém o empurrou, dizendo: "tá maluco?!"

Claro que não era a esposa, mas outra mulher que ele assim julgara, e tudo só se esclareceu quando, ainda em meio ao tumulto, ela, por sorte, chegou. E, embora tenha sido seu causador, ele disse, ao nos relatar o fato, que tivera dificuldade em assumir sua falta de visão. Além do mais, pelo comportamento quase natural e a vista com aparência perfeita, era difícil que o namorado da mulher abraçada por ele acreditasse em sua deficiência.

Evidentemente não só os amblíopes cometem gafes, até porque há entre os próprios cegos o diferencial quanto à percepção e à orientação espacial, que simplifadamente chamamos de tino. O tino (assim nos parece) compreende um pouco do que tem o morcego, qual seja, a capacidade de perceber os obstáculos pelo retorno do som, e um pouco de orientação espacial, estando os menos dotados deste sentido sujeitos a gafes maiores e até incompreensíveis aos mais bem providos dele.

Há também, entre os casos que se contam de cegos, os clássicos, como aquele no qual, estando um dos nossos em lugar um tanto ermo de um subúrbio, notou alguém próximo e pediu-lhe uma informação, tendo como resposta apenas o silêncio. Mas, inclusive por falta de alternativa, resolveu repetir a pergunta, agora feita com alguma intolerância e, diante de idêntico silêncio, irritou-se ainda mais, dizendo: "o senhor é mesmo um cavalo!" Só então, ouviu como resposta um sonoro relinchar do próprio, pois era, realmente, aquele de quatro patas!

Ou aquele em que, precisando alguém atravessar a rua e ouvindo outra pessoa aproximar-se, foi logo agarrando-lhe o braço e, já do outro lado, ambos se reconheceram: eram cegos e colegas de classe.

Para não ficar só nos clássicos, conto este em que fui um dos participantes.

Certa ocasião, assistíamos à aula ministrada por um professor cego, pouco provido de tino. Como gostasse de dar suas aulas andando, nesse dia sucedeu que, num dado momento, ao caminhar em direção à porta, sua voz sumiu. Antecipamos as risadas, percebendo que ele tinha saído para o corredor sem querer, mas esperamos seu retorno, o que, para surpresa geral, não aconteceu de pronto. Ao voltar, em vez de entrar na nossa, entrou na sala vizinha e, de repente, o outro professor e os outros alunos perceberam alguém lhes surgindo sala adentro, com um palavreado absolutamente desconexo para eles.

Esta história foi muito repetida por nós, que já rimos dela muitas e muitas vezes!

O caso com que fecho este texto não merece a classificação de gafe; antes, demonstra que, na falta de visão, nem tudo pode ser visto como desvantagem: às vezes, o não visto é o que nos salva.

Nunca pensei, por exemplo, que alguém pudesse morrer de "boa-tarde", mas foi o que quase nos aconteceu (a mim e à minha namorada) numa aula prática do curso de massoterapia, quando o professor teve de sair para atender ao telefone numa sala distante. Felizmente (para nós e naquele momento) o celular ainda não chegara aqui, e aproveitei para pesquisar com ela se o método medicinal de salvamento por respiração boca-a-boca poderia ser aplicado, com sucesso, ao exercício da massagem.

Eis que, na falta de botija, por pouco não fomos pegos com a boca na boca, pois um som muito alto veio da porta, acompanhado de um não menos sonoro "boa-tarde!"

Confesso que o tempo entre o "boa-tarde" e aquele que levei para descobrir que a voz era a do professor então chefe da Seção de Ensino, para nossa felicidade também cego, foi uma eternidade!

29. UM DOMINGO MARCANTE

DIMARANJE MORAES

Parte I

Aquele poderia ter sido um domingo igual a todos os outros. Normalmente um domingo no Benjamin Constant não passava de um domingo comum.

Às sete e meia, tocava a sirene chamando para o café da manhã: um canecão de quase meio litro de café com leite, mais um ou dois pães com manteiga.

Depois do café, a turma se reunia no pátio para papear um pouquinho, contar histórias, muitas vezes animadas pelo Manuel Laércio, um nato contador de histórias.

Alguns saíam para jogar bola, outros iam tocar um violãozinho, ou jogar dominó... Quem não se lembra? De vez em quando, ouvia-se aquele som característico das pedras batendo, e deslizando na mesa de fórmica, os gritos frenéticos de "lasquinê!", "bati!" e a vibração de outros que, animadamente, jogavam sua bolinha no campo de futebol, que ficava no pátio dos fundos.

Também, havia aquela piscina semiolímpica, protegida por um alambrado bem forte e alto, sempre fechado, a cadeado. Outros preferiam costumeiramente ir à praia. Duas excelentes praias ficavam bem próximas: a da Urca (hoje imprópria para banho) e a Praia Vermelha (atualmente, também, poluída. Naquela época ainda dava pra arriscar uns mergulhos).

No domingo ao qual me refiro aqui, nada disso acontecia, pois era julho, dia vinte e cinco, ano 1976. O Instituto estava de férias. Aquele dia prometia ser bastante pacato. Final de inverno, final de férias, pouca gente na casa.

Provavelmente devo ter passado a manhã dedilhando meu violão... Ou foi mesmo "palhetando" meu cavaquinho?... Até a hora do almoço, que poderia ter sido o tradicional rango de arroz, feijão, salada e galinha com batatas.

Eu era bolsista. Naquele tempo, quando terminávamos o curso ginásial, ganhávamos uma bolsa para iniciar nosso contato com o mundo externo ao IBC, num colégio de segundo grau, entre colegas e professores videntes.

Sendo bolsista, eu estudava num colégio de videntes e morava no instituto. Assim, eu não tinha mais direito a utilizar os serviços de rouparia dos alunos internos. Tal qual os outros bolsistas, eu era obrigado a cuidar de minha própria roupa, lavando-a e pendurando para secar, numa cordinha amarrada na janela que ficava atrás da cabeceira da cama.

Eu dormia ao lado de uma janela, onde tinha minha cordinha. Ao meu lado esquerdo, ficava o Chiquinho e, logo depois, o Magro. Entre os dois havia uma janela onde eles penduravam suas roupas para secar. Bem atrás da cama do Chiquinho, dentro do vão da janela, havia uma mesa onde se punham algumas roupas, ou gravador, ou sei mais lá o quê.

Ali, a gente costumava se reunir para tocar violão e cantar, sentados nas camas ou mesmo na mesinha. Uma figura sempre presente, também, era o Climério, que constantemente participava de nossas cantorias, composições, pois era um poeta perfeito e admirado por todos. Ele só tinha fama de desorganizado. a gente dizia que, por onde ele passava, deixava um rastro de desorganização.

Existiam, também, bolsistas que não precisavam ficar no Instituto. Mas, pelo vínculo das amizades, sempre compareciam para uma papeada, uma partidazinha de baralho, dominó ou mesmo uma boa pelada no campo do IBC, que era excelente!

Parte II

Depois do almoço, fui tirar a sonequinha tradicional, naquele dormitório cinco, no terceiro andar, onde corria uma brisa inigualável, que entrava pela janela vinda diretamente da Baía de Guanabara, e me embalava num sono tranquilo e reparador.

Por volta das quinze horas, já refeito da gigantesca cochilada, descí em direção à piscina, com a intenção de dar um mergulho. Alguém havia descoberto, uns dias antes, que a mesma estava aberta, talvez por esquecimento de algum funcionário.

Como a piscina ficava no pátio dos fundos, eu tinha que atravessar quase todo o pátio interno, passando por dentro de um dos refeitórios, percorrer uma rua do estacionamento, até alcançar a tão esperada piscina.

Nesse caminho, o destino atravessou à minha frente o Carlos Henrique. Um cara muito querido, considerado, por todos, boa pinta, bonitão, papo agradável, enfim, um amigo a quem eu não poderia deixar de convidar para dar um mergulho.

O Henrique era um dos bolsistas que não moravam no IBC, mas, devido ao curso de programação de computadores que ele fazia lá e por amizade, estava sempre presente.

Ele era conhecido por alguns como Morenã!

Lembro que fiquei lado a lado com ele e até o abracei, como era comum naquele educandário (andar com um colega, com o braço passado pelos ombros do outro. Coisas de irmandade).

Eu já estava pronto para o mergulho e ele ainda estava vestido para ir a um parque de diversões. Costumávamos ir sempre por lá. Ao reconhecer sua voz eu disse:

-- Olá, Henrique?

-- Oba! Tá indo pra onde?

-- Tô indo pra piscina. Ela está aberta e vou aproveitar! Vamos?

Ele pensou e disse:

-- Eu tava pensando em ir ao parque!

-- Que parque nada! Não é sempre que a piscina está livre e à nossa disposição!

-- Mas eu nem estou com calção de banho!

-- Não tem problema, vamos lá ao dormitório que te empresto um.

-- Então tá!

Demos meia-volta, cruzamos novamente o pátio, penetramos nos corredores até o Dormitório cinco. Justo naquela janela, entre a cama do Chiquinho e a do Magro, encontrei um calção que estava dependurado na corda e já estava seco. Reconheci que era do Magro.

Nós éramos tão amigos, que um detalhe desses, emprestar um calção de um para o outro, era coisa tão mínima que, jamais, abalaria nossa amizade. Ainda mais, sendo esse terceiro o Henrique. Estaria tudo em casa! Foi, então, assim: Ali mesmo, ele tirou o macacão, enrolou a cueca e se enfiou no calção de banho do Leniro, o Magro.

Voltamos novamente ao trajeto inicial, rumo à piscina, para mais um fim de tarde divertido.

Ao chegarmos lá, encontramos mais duas pessoas, o William e o Fernando Paraíba, que já estavam, assim como nós, usufruindo do esquecimento do irresponsável funcionário que deveria ter tomado conta daquela chave.

Passamos pelo portão do alambrado e, como eu fazia sempre, me sentei na borda da piscina do lado mais profundo, pra primeiro molhar o pé, pois aquela tarde, ainda de final de inverno, estava um pouco fria. Desse momento em diante, não tive mais contato próximo com o Henrique, já que ele fora para a outra extremidade da piscina e eu ficara próximo ao trampolim, conversando com o William.

Comecei a nadar, a pular. E o William, também. Pulávamos do trampolim, apostávamos (quem nadava mais rápido?). Claro que eu perdia todas, pois o Chumbinho, era como chamávamos o William, era um nadador e tanto, daqueles acostumados a entrar mar adentro, quando ia a uma praia!

Após muito tempo de brincadeiras, lembrei-me que não tinha mais ouvido a voz do Henrique. Chamei, e ele não respondeu. O William também chamou, e nada. Concluí, então, aborrecido, que o Henrique teria ido embora. Até pensei alto:

-- Pooo! O cara se manda e nem avisa a gente! Sacanagem!

E continuamos por mais um bom tempo a nadar, mergulhar e pular do trampolim.

Quando o tempo já ia, talvez, lá pelas dezessete horas, chegou à beira da piscina o Roberto, que enxergava mais que nós (que não enxergávamos nada!). Ele era o que chamávamos de amblíope (visão subnormal ou Baixa visão).

Quando ele chegou bem próximo da água, com seus talvez 10 ou 20% de visão, viu um galho bem no meio da piscina, segundo ele, quase no fundo da água. Então eu e o William começamos a mergulhar pra tentar retirar o tal galho, que, segundo supúnhamos, estava sujando nossa piscina!

O Roberto dizia:

-- Mais pra esquerda! Mais pra baixo! Didi, você quase que pega! William, tá bem aí, debaixo de você!

Tentamos bastante, mas em vão. Ninguém achou galho nenhum e resolvemos ir embora, já que o frio já estava ficando forte. Despedi-me dos outros e fui para o dormitório. Tomei banho, desci para o refeitório, pois já estava se aproximando a hora do jantar.

Jantei e voltei para o dormitório, onde desfrutei de uma noite das mais bem dormidas! Apenas me lembro que o Chiquinho, ao chegar para dormir, comentou:

-- Que roupa é essa que está aqui na minha mesinha?

E, todos, respondemos:

-- Não sei!

-- Parece que o Climério passou por aqui e deixou tudo zoneado!

Sem demora, cansado do meu domingo feliz, dormi profundamente.

Parte III

Naquela segunda-feira, acordei cedo, como de costume, fiz a higiene matinal e encaminhei-me ao refeitório onde me esperava o café da manhã. Com toda aquela lentidão de quem dormiu uma noite sossegada, sentei-me a uma mesa. Talvez tamborilando um samba qualquer, como eu sempre fazia o dia inteiro, quando não estava tocando meu cavaquinho pelos corredores do Instituto.

De repente, alguém que estava sentado à minha frente comentou:

-- Tão dizendo aí que tem um corpo na piscina.

Ouvi aquilo e pensei:

-- Bem feito! Deve ter sido alguém que pulou o muro pra invadir a nossa piscina!

De vez em quando, tínhamos notícia de que algum morador de uma Vila que ficava exatamente atrás do Instituto pulara o muro para dar um mergulhinho! Não dei muita importância ao fato. Sabia que alguém tomaria as providências cabíveis. Aquilo não tinha nada a ver comigo! Ante a praticidade de um jovem de 20 anos, era mais uma morte, e morte faz parte da vida!

Tomei meu café da manhã, provavelmente a tradicional caneca de café com leite e o pão com manteiga, e saí do refeitório. Então percebi que muita gente se encaminhava para a piscina. Lembrei do comentário sobre o corpo e, curiosamente, acompanhei a multidão.

Quando cheguei lá, tive que abrir caminho até o alambrado, pois já havia, mesmo, muita gente no local. Funcionários do IBC, alunos, professores, enfim, acho que todo mundo já estava sabendo da história do corpo na piscina.

Eu, que só vivia cantarolando um sambinha qualquer, passei a cantarolar o samba do João Bosco, sucesso do ano:

"Tá lá o corpo estendido no chão
Em vez de rosto uma foto de um gol
Em vez de reza uma praga de alguém
E um silêncio servindo de amém"

E, quanto mais as pessoas comentavam, mais eu cantarolava: "ta lá, um corpo estendido no chão"! Zombaria? Descrença? Nada disso. Apenas despreocupação com a morte. Na verdade, eu nunca tinha estado tão próximo dela! Até então, eu só tinha ido ao enterro do Pádua, alguns anos antes (um colega cearense que havia morrido num atropelamento). Mas, naquela manhã, a morte estava ali, bem na minha frente. Um corpo desconhecido, mas era a morte! Nada mais natural!

Alguns minutos passaram-se quando o Álvaro mergulhou para buscar o corpo.

Não pude constatar de própria visão, mas disseram que o Álvaro, um negro forte e excelente nadador, submergiu branco de susto e não teve coragem de puxar o corpo.

Na verdade, ele havia reconhecido o morto e estava tentando se recuperar do choque emocional. Eu, despreocupado das coisas mais fortes da vida, continuava lá junto ao alambrado, cantarolando: "ta lá, um corpo estendido no chão..."

Alguém falou:

-- Vai mergulhar o Dr. Morizot!

Para o Dr. Morizot, médico oftalmologista, talvez já acostumado ao contato com cadáveres, tudo foi mais fácil. Puxou o corpo que estava de bruços, bem no meio da piscina, trouxe à tona e o pôs deitado com o rosto para cima.

Neste instante, fiquei mudo. A terra se abriu a meus pés, quando ouvi alguém gritar:

-- É o Morenã!

E todos os outros, juntos, emitiram aquele som coletivo que até hoje escuto:

-- Carlos Henrique!

Se já não fosse eu cego, com certeza a minha vista teria escurecido naquele instante. De súbito, tudo passou a ter sentido: chamamos, e ele não respondeu... Depois que cheguei na piscina e entrei na água, não ouvi mais a sua voz... O Roberto chegou e viu um galho que, agora sei, ele viu, na realidade, a sombra do corpo do nosso amigo... O Chiquinho encontrou aquela roupa na mesinha dele, de noite... Tudo circulava em minha mente em profunda agitação e rapidez.

Caí numa profunda depressão. Meu espírito se debatia entre um sentimento de culpa e as explicações buscadas para que me aliviasse daquele enorme peso que caía com enorme pressão sobre meus ombros. Eu pensava comigo:

-- Matei meu amigo!

Na verdade eu queria, apenas, que ele participasse da minha diversão!

Saí, às cegas, direto para o Dormitório cinco, para verificar aquela roupa que o Chiquinho tinha encontrado em cima da mesinha que ficava na janela. Lá estava ela: Um macacão e uma cueca, enrolados, do jeito que ele havia deixado. Não havia dúvida!

Coloquei a roupa numa sacola e entreguei para a direção do Instituto.

-- O Henrique morreu e eu fui a última pessoa a falar com ele.

Daí pra frente, os acontecimentos foram os de praxe. Causa da morte: Mal Súbito. Soube depois que ele havia almoçado feijoada. Congestão? Não sei. Sei apenas que aquele dia me marcou profundamente e, desde então, passei a respeitar a morte, por sabê-la sempre próxima!

-- Meu irmão Henrique! Dói-me muito lembrar esses fatos e dói-me, mais ainda, não ter tido a grandeza espiritual para ler e interpretar aqueles sinais e ter talvez podido te salvar naquele instante, amigo!

Agora, lembro de uma peça teatral de que participei uma vez, que começava assim:

"A primeira coisa a lembrar é que vocês são cegos. Cegos! Não enxergam coisa alguma!"

Naquele dia, me senti o mais cego dos cegos!

-- De onde você estiver nesse momento, queira, meu irmão, ter a certeza de que todos, aqui, temos muita saudade de você. De suas piadas, seus trocadilhos e, sobretudo, do seu abraço. O Leniro compôs para você uma homenagem (Veja logo abaixo), para que você nunca se apague da nossa memória!

"E a gente nem se despediu!

E, sem querer, você se foi, partiu.

Do violão, do coração para você, essa canção.

Canção pra dizer:

Por aqui, tudo mal, tudo bem.

E os grilos continuam a cantar pelos caminhos.

E a gente caminhando de braços dados, sempre sozinhos.

E o mundo continua a girar na dança louca de tudo passar,

O amor, o amigo, o sonho, a dor, a paz.

E então, eu quis guardar você nessa canção,

Guardar essa canção no coração, cantar essa canção."

"De frente pro crime"

30. UM PRESIDENTE QUE SAIU PELA JANELA

ARY RODRIGUES DA SILVA

O Grêmio Benjamin Constant, sem qualquer dúvida, foi uma fonte de valioso aprendizado em diversos campos para os alunos da minha época, No campo político inclusive. Posso dizer mesmo que, no Grêmio, tivemos os primeiros ensinamentos políticos e, o que é importante, em vários ângulos deste. Não direi nomes, por favor não me perguntem, porque devo respeito aos colegas que, naquele tempo, eram inexperientes e movidos pelo ardor adolescente, assim como eu também.

Em 1961, o Grêmio seguia sua rotina normal até que, segundo muitos, o Clube Imperador pagou ao Grêmio a quantia de dois mil cruzeiros, correspondentes ao aluguel do campo que ficava atrás do Jardim de Infância. Não sei como tudo começou, mas o fato é que correu de repente em várias bocas que o presidente teria "sumido" com a referida quantia. Vários colegas cobravam dele uma satisfação sobre o dinheiro e pareciam não se conformar com as explicações. Aproximava-se uma reunião da assembleia, e começou-se a tramar cobrança violenta, inclusive com agressão se necessário. O lamentável é que a necessidade era prévia pois, mais que saber do dinheiro, queriam agredir o rapaz. Não se procurava comprovar o desvio, mas incitar ânimos no sentido perverso.

À reunião do dia que se prenunciava fatídico, mas que felizmente acabou cômico, alguns sujeitos compareceram armados de paus e pedras. A catástrofe era iminente. Os "defensores do patrimônio do Grêmio" não pensavam, todavia, nas consequências nefastas para o próprio Grêmio que suas disposições prometiam.

Sob uma expectativa muito ruim, começou a reunião. Procedeu-se à leitura da ata da reunião anterior, e esta quase não foi discutida, sendo aprovada com a maior urgência. Para quê perder tempo com atas, quando estava em jogo a quantia de dois mil cruzeiros, cujo destino tinha que, a bem da moralidade, ser esclarecido.

Terminado o processo de discussão e aprovação da ata, imediatamente um dos mais exaltados defensores do "patrimônio do Grêmio" pediu a palavra, e foi direto ao assunto. Com perguntas que já eram afirmações de culpa do presidente e sem dar ao rapaz o sagrado direito de defesa, já incitou os "capangas" ao ataque. A confusão se estabeleceu. Entre gritos de acusação, xingamentos e ameaças, estabeleceu-se o caos na reunião. Mas, Quando era maior a exaltação e o massacre parecia inevitável, o que seria catastrófico tornou-se cômico. Os intransigentes defensores do "patrimônio do Grêmio" fecharam um círculo no meio do qual pretendiam estivesse a vítima.

Agora, o sangue ia correr, como preço do dinheiro desviado. Mas os agressores se esbarravam, quase se agrediam, perguntando, algo decepcionados: "Onde está o presidente? onde está o ladrão"?

Com efeito, o rapaz já não estava no recinto. Uma voz se elevava gritando: "Ele desceu pela janela! Ele já não está aqui, ele escapou"!

Restabelecida a calma, o vice-presidente assumiu a direção da reunião, que seguiu normalmente até seu final. Os exaltados, perdido o motivo que os levava ao recinto naquela noite, pouquíssimo participaram do restante da reunião, certamente frustrados com o que aconteceu, ou desgostosos pelo que não aconteceu. Depuseram o presidente, o que não chegava a agradar seus adversários, mas que ainda tinha um certo sabor de compensação. Como não havia prazo estatutário para que o vice-presidente assumisse a presidência, foi marcada nova eleição presidencial, oportunidade em que foi eleito um dos meus melhores amigos, e a reunião terminou em paz.

Mas... Será que o presidente escapou pela janela? Descer da sala do canto orfeônico, onde se realizava a reunião, até o chão, era algo bastante arriscado, sobretudo para quem estivesse com os nervos comprometidos. Então, como terá escapado o bravo rapaz? Voltemos ao início da reunião.

Quando se anunciou a leitura da ata da reunião anterior, ciente de tudo que se pretendia fazer no recinto, tratei de levar a Nilza, minha namorada, para o lado das meninas, deixando-a, desta forma, livre de qualquer perigo. Quando chegamos à porta, alguém disse que ninguém se poderia ausentar do local. Com a força que eu tinha no Grêmio na ocasião, perguntei de quem havia partido ordem tão idiota. Não se poderia obrigar, quem quer que fosse, a permanecer na reunião contra sua vontade. Imediatamente, abriu-se a porta e o presidente, que estava à minha frente, saiu de forma totalmente tranquila e segura. Quando foi feita a leitura da ata, nem eu nem o presidente estávamos na sala da reunião. Momentos depois, eu voltei; mas ele, obviamente, não voltou.

Tudo que desejo agora, meio século decorrido, é que se algum dos pretendentes a agredir o rapaz tomar conhecimento deste texto, só encontre motivo para gostosa gargalhada.

31. UM REINADO ANIMAL

SILVANO VIEIRA

Meu ingresso no Benjamin Constant se deu em meados da década de 70, quando contava cerca de 10 anos. Vivera, até então, entre meus familiares.

Como a maioria dos cegos que conheci, sou de origem humilde, vivi a vida simples da roça e, também como eles, fui vítima do que, num primeiro momento, interpretamos como carinho, mas logo se configura em superproteção familiar, terminando por se transformar no nosso maior algoz, quando temos de encarar a vida, como tive de fazer por ocasião da minha chegada ao Instituto.

Hoje vejo minha ingenuidade como tão descabida para uma criança daquela idade, que nem mesmo sei se consegui me recuperar dessa defasagem ou, talvez, tenha-me recuperado até demais, pois minha primeira visão para qualquer história que me é contada é a da descrença. Talvez isso seja apenas ser brasileiro.

Mas, elucubrações à parte, os fatos, tanto os vividos como interno do Benjamin Constant, quanto os experimentados por ter nascido num país como o nosso, são situações pelas quais não se passa impunemente: suas marcas, em maior ou menor grau, estão em todos nós.

Para começar, um aparelho de rádio, expressão que aliás já caducou, como aconteceria ao próprio veículo de comunicação caso não se tivesse readaptado aos novos tempos, era meu grande sonho de então. E era frequente no Benjamin Constant, mesmo entre os meninos da minha idade, encontrarem-se alguns possuidores de rádios e, então, ouviam-se muito os teatros radiofonizados (Teatro de Mistério, por exemplo), que ainda não tinham sucumbido à mudança do veículo, ou os jogos de futebol, nos quais a maioria de nós éramos já aficionados. Mas, infelizmente para nós, os inspetores também o eram e, tão logo tive meu radinho, mais de uma vez ele me foi arrebatado por um dos inspetores que, em nome da boa disciplina que nos cobrava o silêncio após as 22 horas, resolvia, assim, o problema de quem queria ter um rádio para ouvir os jogos realizados nos horários noturnos dos dias de semana. Pela manhã eles nos devolviam.

Lembro-me de certa ocasião em que, já maiorzinho, perguntei ao inspetor que me havia tirado o rádio:

-- Quanto foi o jogo de ontem?

Ao que ele respondeu:

-- Esse seu rádio me dá um azar danado! Meu time perdeu!

Mas, se comecei pelo sonho, que mesmo ele tinha suas agruras, foi por saber inevitável dizer dos pesadelos, cujo nome mais representativo para mim é o de um

felino: onça, ou, para ser mais preciso, "Bafo de Onça", que era como o chamávamos. E o pior é que, se ele me ressurgisse em algum sonho mau, como um fantasma reencarnado vindo dos porões do meu inconsciente, nem mesmo uma fezinha dá pra fazer, pois o barão criador do jogo do bicho não considerou a onça digna de estar entre seus 25 eleitos, sabe lá se bafejado pela suspeita do surgimento, em seu futuro e no meu passado, dele: "Bafo de Onça". Antes de chegar a ele, contudo, minha estranheza quanto ao que encontrei no Benjamin Constant começou pelas brincadeiras, tão diferentes daquelas conhecidas entre meus irmãos na minha roça:

Havia, por exemplo, o "bolso esquerdo", que consistia em que, se você estivesse de "bolso esquerdo" com alguém, chegasse para ele, ou vice-versa, e dissesse: "bolso esquerdo", a vítima teria de entregar ao outro tudo que tivesse no dito bolso, fosse o que fosse, mesmo um radinho.

Havia também o "de noite", que, ficasse você de "de noite" com alguém, a expressão teria de ser usada a cada vez que você chamasse aquela pessoa, porque, se você esquecesse e ela falasse o "de noite" antes de você, sua sobremesa passaria a ser dela durante o tempo que fosse previamente combinado.

Jogava-se também baralho, cujas cartas eram marcadas em braille, dominó, dama e mesmo xadrez, brincadeiras estas às quais jamais aderi.

Havia, ainda, uma espécie de jogo do qual participavam várias crianças de uma vez só, muito em moda durante certo tempo, denominado "raso cabo". Reunia-se um grupo, disposto segundo as patentes militares (raso, cabo, sargento, tenente, capitão, etc), e um comandante dizia:

-- Passei a revista no meu batalhão e senti a falta do silêncio.

Se, neste momento, alguém falasse, ia do posto onde estivesse para o mais baixo na hierarquia, naturalmente o Raso. E, quando o comandante sentia, por exemplo, a falta do sargento, este teria de responder:

-- Não falta.

E o comandante perguntaria:

-- Quem falta?

E o outro poderia dizer:

-- Dou-lhe volta.

Ao que o comandante responderia:

-- Não falta.

E assim o debate continuaria, até que um errasse ou chamasse por outro quando lhe fosse perguntado "quem falta?", prosseguindo entre eles até que alguém dissesse

algo errado, o que o levaria ao posto raso, fazendo cada um dos outros subir uma posição.

Mas, das primeiras brincadeiras que encontrei, a que me deixou marcado, quase que em todos os sentidos, foi uma que não me era estranha, pois lá entre meus irmãos já brincávamos de "polícia e ladrão." Quando recebi o convite para a dita brincadeira por parte de uns meninos a quem não conhecia muito bem (aliás, na época não conhecia ninguém direito), aceitei de pronto pelo desejo de me ver integrado. E começamos a brincadeira, um tanto óbvia: prisão de uns pelos outros, fuga deste, que terá de ser preso por aquele etc.

Nesse tempo nossos armários ficavam num corredor ao qual então chamávamos "corredor de madeira", sendo um dos motivos para isto o assoalho que, mesmo de madeira como o de outros corredores, era mais barulhento quando por ele se caminhava, parecendo ser o chão mais oco. Havia armários de ambos os lados do corredor e, para minha surpresa, fui intimado a subir numa das fileiras, a fim de não ser encontrado pelo grupo oposto, que não sei se era polícia ou ladrão, tão parecidos já eram eles.

Contei com a ajuda de quem me intimava a subir nos armários que, se não chegavam a ter dois metros de altura, tinham pouco menos, e, uma vez lá em cima, fui persuadido por ele a pular para a fileira do outro lado, a fim de que o grupo oponente não me pegasse. Já então, senti que aquilo não ia dar certo. E não deu mesmo. Esborrachei-me no chão, para delírio dos outros meninos, que riam, enquanto eu chorava.

Ainda levei muito tempo para entender que as lágrimas de uns são, muitas vezes, o sorriso de outros.

Mas, filosofias à parte, Acho que agora minha relutância não tem mais para onde caminhar, e só me resta falar do "Bafo de Onça" que, naquela selva onde me achava, era o "rei" de um grupo de meninos, do qual eu fazia parte.

Este reinado consistia em cumprir-lhe os caprichos, como atender-lhe na doação de nossas sobremesas ou mesmo em a ele ceder nossos frangos ou bifés, nunca suficientes para aplacar sua gula animal. era de uma fome insaciável!

As penalidades ao não atendimento de qualquer de suas ordens residiam em castigos físicos (pequenas surras com cintos, por exemplo), e a denúncia de qualquer das suas barbaridades resultava em outras maiores. Na verdade, nosso rei era mesmo o medo de cada um, que ele, "Bafo de Onça", sabia enxergar como ninguém e manipular em nós melhor ainda.

As indisciplinas nele eram uma constante, como arrebear cartas das salas de aulas ou quebrar seja lá o que fosse, além da postura insubordinada com os inspetores e demais disciplinadores; mas tinha-se para com ele uma condescendência que só posso hoje atribuir a uma inteligência que nele se reconhecia, além da esperança de que se recuperasse daquilo, embora tenha acabado por ser desligado do colégio quando atirava

de uma das janelas do terceiro andar uns discos do tipo antigo, que achara não sei onde. Um motivo até irrelevante ante as tantas desobediências até então cometidas por ele.

Voltando ao seu "reinado", muitas vezes quando havia frango ou bife no almoço ou na janta, nós, seus vassallos, éramos obrigados a guardar nos bolsos as iguarias que dávamos a ele posteriormente, e tenho a sensação de que aquilo era sabido de alguns inspetores, que a tudo simplesmente faziam vista grossa.

Um dos problemas que tínhamos era quando, por exemplo, o bife era acebolado ou o frango tinha algum molho, mas para "Bafo de Onça", isso pouco importava.

A propósito desse seu apetite voraz, ocorre-me aqui um caso que... Bem, para mim não foi lá tão engraçado assim: Aconteceu que um outro "nobre" naquele reino animal me convidou a ficar de "bolso esquerdo" com ele, não me dando lá muitas opções para a recusa do convite, que, por livre e espontânea pressão, aceitei. E eis que ele teve seus interesses em choque com os de "Bafo de Onça" quando, ao me encontrar, proferiu o fatídico "bolso esquerdo", pois o que nele trazia era exatamente o frango de "Bafo de Onça", que também estava por perto. E, na discussão entre ambos para saber quem ficaria com o frango, sobrou pra mim, que apanhei para (quando fosse o caso) ou arranjar um outro frango para o bolso direito, ou aprender a não trazê-lo no esquerdo.

O tempo passou e, por ironia da vida, não digo que seja hoje um rei como "Bafo de Onça" foi; mas, ao menos na minha casa, se não reino absoluto, tenho lá meus direitos.

Quanto a ele, infelizmente, teve as garras felinas transformadas em mãos que se estendem à caridade pública. Deste modo, continua a cultivar pelo menos parte do nome que o alcunhou nos tempos de Benjamin Constant, porque, dia desses, quando viajava no metrô, fui interpelado por alguém que percebi ser outro cego, que ouvira qualquer som: o barulho da bengala, ou, sabe-se lá se o som do meu relógio ao verificar as horas, e queria saber quem eu era. Disse, e recebi dele, envolto, agora sim, num bafo de onça, um abraço que, de alguma forma, comemorava o reencontro.

Sei lá, mas tenho a suspeita de que, com as apalpadelas vindas juntamente com o abraço, havia, em algum lugar do seu espírito, a reflexão lamentosa:

-- Puxa! Mas que escravo forte este que perdi!

32. UM SÁBADO TRAGICÔMICO

MAURÍCIO ZENI

Foi um sábado daqueles! Quem poderia imaginá-lo! Pela manhã, as aulas do ginásio transcorreram sem problemas; veio o almoço, aquele almoço, ufa!; depois ficamos à toa, como sempre. No jantar, e que jantar, começa o sábado.

Era um belo macarrão, disposto a resistir a quaisquer tentativas de separar seus bocadinhos com intenções gustativas. O prato, solidário, vinha junto quando o garfo era acionado; tinha que se segurar firme. Depois de tanto esforço, a gente acabava mesmo comendo.

Então o Cantídio (o nome é bonito, não é?) apostou com os companheiros de mesa que ele conseguiria atirar o prato lá em cima e o prato ficaria grudado. Eis que o prato, solidário ao macarrão, não se desprende mesmo. Diante de tal ato de prestidigitação, o Cantídio recebeu uma suspensão.

Como qualquer sábado que se preze, este também não acabou ao chegar a noite. Aliás, ninguém sabe muito bem quando começa mesmo o domingo.

Hoje os livros em braille vem sendo deixados de lado, como se só servissem para ser lidos; como armas, eles sempre mostraram sua eficiência. Houve alguns inesquecíveis, como a gramática do Rocha Lima em 5 volumes, bem pesadinhos. Naquele tempo, a Imprensa Braille dava conta de fornecer livros a seus mais de 300 alunos e de distribuir gratuitamente livros para todo o Brasil, além da Revista Brasileira Para Cegos (RBC), que era mesmo mensal.

Dormíamos no dormitório 3, antigo do ginásio. Como aumentou muito o número dos ginásianos, o 3 não comportou tamanha invasão e perdeu a exclusividade. Era, na verdade, um corredor estreito com as camas de um lado e os armários entre as janelas do outro. Dormiam lá uns 22 alunos.

Não me lembro como, mas o primeiro foi atirado. Pronto. Logo os outros o sucederam. As livradas recebidas, conquanto doessem um pouquinho, traziam mais incentivo e a guerra continuava.

Como nossa ação bélica se passava apenas no primeiro terço do dormitório, um colega, digamos, o Raul, ficou irritadíssimo, pois queria passar incólume; é que ele ficava lá para o fim. Conseguiu, reclamando muito, não sei por quê. Resolveu então protestar e pegou de seu acordeon e começou a tocar, tornando nossa guerra talvez a única com fundo musical.

O esforço despendido trouxe-me um sono invencível. Comuniquei ao colega do lado esquerdo que jogaria o último, aliás bem fortzinho, e iria abandonar o campo de batalha, por isso só soube do desfecho na manhã do dia seguinte.

Um inspetor, por sinal gente boa, resolveu averiguar porque tantos risos, gritos e baques. Mal assomou à entrada, e recebeu o prêmio pela ousadia: um belo tijolo. Usou de sua autoridade e acabou com a refrega. Lavrou suspensão para todos, não dispensando o músico e algum acompanhante seu.

Agora sim, terminava o nosso sábado, contabilizando 11 suspensões, baixas louváveis em favor de nossa casa e causa, qual?